

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO PARA  
SUSTENTABILIDADE DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS?**

**APRESENTADO POR**

**DENISE CARDOSO GARCIA NUNES**

**PROFESSOR ORIENTADOR FERNANDO GUILHERME TENÓRIO**

Rio de Janeiro, Março 2009

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO PARA**  
**SUSTENTABILIDADE DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS?**

**APRESENTADO POR**

**DENISE CARDOSO GARCIA NUNES**

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**PROFESSOR ORIENTADOR FERNANDO GUILHERME TENÓRIO**

**DENISE CARDOSO GARCIA NUNES**

**QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO PARA  
SUSTENTABILIDADE DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março 2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO PARA  
SUSTENTABILIDADE DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS?**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADA POR**  
**DENISE CARDOSO GARCIA NUNES**

E

APROVADO EM 24/ 03/ 2009

PELA BANCA EXAMINADORA

ASSINATURA

---

FERNANDO GUILHERME TENÓRIO (DOUTOR EM  
ENGENHARIA DA PRODUÇÃO)

ASSINATURA

---

DULCE CHAVES PANDOLFI (DOUTORA EM HISTÓRIA)

ASSINATURA

---

LAMOUNIER ERTHAL VILLELA (DOUTOR EM  
ECONOMIA APLICADA)

ASSINATURA

---

MARIA CELINA SOARES D'ARAUJO (DOUTORA EM  
CIÊNCIA POLÍTICA) – (SUPLENTE)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor-orientador Fernando Guilherme Tenório pela orientação e apoio para a elaboração da dissertação.

Ao pesquisador da FGV-Rio Anderson Felisberto Dias pelas várias críticas e sugestões recebidas ao longo do processo de elaboração da dissertação.

À ONG Colcha de Retalhos e seus voluntários, por permitirem a execução do presente estudo, pelo auxílio na aplicação dos questionários e pesquisa e pelo apoio no meu crescimento pessoal.

Às professoras Dulce Chaves Pandolfi, Maria Celina Soares D'araujo e ao professor Lamounier Erthal Villela por participarem da banca.

Ao amigo Jorge Bezerra, por me fazer crer que eu merecia fazer esse mestrado.

Aos colegas de turma desse mestrado, principalmente, Elisabeth Monteiro, Gabriela Sandes e Regina Vives.

Às mulheres da minha família, principalmente a minha avó e minha mãe, por terem sempre acreditado e confiado em mim.

Ao Iaponam, meu marido, pela compreensão, pelo carinho e pela paciência durante todo o mestrado. Sem o seu apoio não conseguiria chegar até aqui.

À Thaiane Paula Nunes, minha filha pela inspiração e pelo apoio incondicional.

A todos aqueles que me estimularam nesta empreitada.

## **RESUMO**

A presente dissertação trata do trabalho voluntário nas instituições privadas sem fins lucrativos de pequeno porte. O estudo tem como principal objetivo a investigação a respeito do impacto do trabalho voluntário na sustentabilidade dessas instituições por meio do estudo de caso da organização não-governamental Colcha de Retalhos. Como objetivo secundário buscou-se analisar as motivações, significados e benefícios do trabalho voluntário para o voluntariado. O estudo se caracteriza como descritivo-interpretativo, por uma abordagem predominantemente qualitativa, os dados foram coletados através de entrevistas estruturadas e pesquisa documental. Os dados revelam aspectos importantes para a pesquisa e fomentou o estudo de assuntos vinculados ao voluntariado trazido pelos próprios entrevistados, tais como: cidadania, tensões nas relações entre voluntários e famílias atendidas, voluntários e escolas e voluntários e voluntários. Questões próprias do voluntariado e do Terceiro Setor são abordadas com o intuito de embasar as análises e conclusões do estudo. Os resultados apontam para um impacto positivo do trabalho voluntário na sustentabilidade das instituições sem fins lucrativos de pequeno porte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terceiro Setor, Organizações Não-Governamentais, voluntário.

## **ABSTRACT**

The present dissertation focuses on the voluntary work in the small private institutions without lucrative ends. The study has as its main objective to look into the voluntary work impact in the sustainability of those institutions through the non-government organization Colcha de Retalhos' study of case. The secondary objective is to analyze the motivations, meanings and benefits of the voluntary work for the volunteers. The study is characterized as descriptive-interpretative, for a predominantly qualitative approach, the data were collected through structured interviews and documental research. Important aspects for the research are revealed by the data and it fomented the study of volunteers' subjects that was brought by the interviewees, such as: citizenship and relationship tensions between, volunteers and assisted families, volunteers and schools and volunteers and volunteers and assisted families, volunteers and schools and volunteers and volunteers. Volunteers and non-governmental sector's subjects are dealt to base the study conclusions and analysis. The results lead to a positive impact of the voluntary work in the small institutions without lucrative ends sustainability.

**KEY WORDS:** Non-governmental sectors, non-government organizations, volunteer.



## LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

Tabela 1 – Cronologia do aparecimento dos setores.....	25
Tabela 2 – Características dos três setores.....	25
Tabela 3 – Renda dos responsáveis pelos domicílios particulares permanentes.....	50
Tabela 4 – Comparação do IDH.....	51
Tabela 5 – Recursos Humanos e Financeiros.....	86
Gráfico 1 – Tempo de estudo da população de Coelho Neto.....	49
Gráfico 2 – Responsáveis pelos domicílios permanentes segundo o curso mais elevado que freqüentam. ....	49
Gráfico 3 – Sexo dos voluntários da Colcha de Retalhos.....	90
Gráfico 4 – Tempo de dedicação ao trabalho voluntário por sexo.....	91
Gráfico 5 – Escolaridade dos voluntários da Colcha de Retalhos.....	93
Gráfico 6 – Idade dos voluntários da Colcha de Retalhos.....	93
Figura 1 – Mapa do Bairro de Coelho Neto.....	48
Figura 2 – Logomarca da Empresa.....	51
Figura 3 – Logomarca da ONG.....	54
Figura 4 – Lixos nas calçadas.....	56
Figura 5 – Sede da Colcha de Retalhos no ano de 2001.....	57
Figura 6 – Jardim na calçada.....	58
Figura 7 – Academia popular.....	58
Figura 8 – 1ª turma do curso de carroceiros.....	59
Figura 9 e 10– Transformação das calçadas ano 2001e ano de 2008.....	60
Figura 11 – 1ª turma do curso pré-técnico.....	62
Figura 12 – Lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro.....	63

Figura 13 – Limpeza do lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro.....	63
Figura 14 – Ação de cidadania no antigo lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro.....	64
Figura 15 – Esquema da estrutura administrativa da Colcha de Retalhos.....	65
Figura 16 – Crianças do projeto.....	70
Figura 17 – Festa de aniversariante do mês.....	71
Figura 18 – Passeio ao Teatro da Gávea: entrada do shopping.....	71
Figura 19 – Passeio ao Teatro da Gávea: interior do teatro.....	71
Figura 20 – Passeio ao Museu na Fio Cruz.....	72
Figura 21 – Passeio ao CCBB.....	72
Figura 22 – Atividade de informática.....	73
Figura 23– Palestra sobre higiene pessoal – início dos trabalhos do conteúdo Meu Corpo.....	74
Figura 24 – Roda de leitura.....	74
Figura 25 e 26 – Amarelinhas com números em português e inglês.....	75
Figura 27 – Reunião com os responsáveis.....	77
Figura 28 – Árvore de Natal feita de garrafas Pet.....	77
Figura 29 – BBB: Lanchonete natural feita de garrafas Pet.....	78
Figura 30 – Primeira reunião com as mulheres da oficina de artesanato.....	80
Figura 31 e 32 – Encontro entre as crianças do Projeto Costurando as Letras e a coordenadora da oficina de artesanato do Projeto Tecendo sua Renda. ....	81
Figura 33 – Evento na Universidade Federal do Rio de Janeiro.....	85

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Metodologia.....	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
2.1 Sociedade Civil.....	18
2.2. Terceiro Setor.....	23
2.3. Organizações Não-Governamentais.....	34
2.4. Voluntário e a força de seu trabalho.....	40
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>48</b>
3.1. Bairro de Coelho Neto.....	48
3.2. Pan-Americana Indústrias Químicas S/A.....	51
3.2.1. Programa Portas Abertas.....	52
3.3. ONG Colcha de Retalhos.....	54
3.3.1. Projeto Desenvolvimento Social: Uma Colcha de Retalhos.....	67
3.3.2. Projeto Costurando as Letras .....	68
3.3.3. Projeto Tecendo sua Renda .....	78
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>82</b>
4.1- Recursos materiais.....	82
4.2 - Recursos humanos.....	86
4.2.1 - Voluntários.....	86
4.2.2 - Perfil do voluntário.....	90
4.2.2 - Motivação dos voluntários.....	93
4.3 - Tensões.....	98
4.3.1- Voluntários X Famílias.....	98
4.3.2- Voluntários X Escola.....	101
4.3.3- Voluntários X Voluntários.....	102
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>109</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>113</b>

"Distribuir dinheiro é algo fácil e quase todos os homens têm este poder. Porém, decidir a quem dar, quanto, quando, para que objetivo e como, não está dentro do poder de muitos e nem tampouco é tarefa fácil".

Aristóteles (384 - 322 a.C.).

## 1- INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, em especial a partir da deflagração do processo de revolução industrial, a ação do Homem provocou sérios desequilíbrios no planeta Terra, tanto em termos ambientais, quanto sociais, políticos e econômicos. Com a intensificação do fenômeno da Globalização, os desafios enfrentados por todas as sociedades são cada vez maiores e mais complexos, exigindo uma interação entre o Estado, as empresas e a sociedade civil. Ninguém tem mais dúvidas de que o crescimento econômico futuro precisará ocorrer dentro dos limites físicos dos ecossistemas e, para isso, serão necessárias mudanças estruturais nas diversas dimensões: econômica, social, cultural, ambiental entre outras.

Amartya Sen propõe pensar o desenvolvimento como liberdade, sendo a liberdade o fim e o meio para se chegar ao desenvolvimento. Para o autor, “O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (Sen, 2007:10). Uma privação favorece e até reforça outra privação. Da mesma forma, uma liberdade reforça outra liberdade. “A privação de liberdade econômica pode gerar a privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma, gerar a privação de liberdade econômica.” (Sen, 2007:23).

Não é possível pensar a riqueza como um fim buscado por toda a sociedade, mas como um meio desejado para se ter mais liberdade para se levar o tipo de vida que se quer. É neste sentido, que percebo a importância da sociedade civil organizada na luta pela democracia e na melhoria da qualidade de vida e da liberdade das pessoas em busca de uma cidadania plena.

Para alguns autores, a crise do Estado e o apogeu do mercado propiciaram o nascimento de um novo setor na sociedade: o Terceiro Setor. Esta nova ordem social surge propondo mudanças nas relações entre Estado, mercado e sociedade civil.

No Brasil, a sociedade civil começa a se organizar como forma de resistência e oposição ao regime ditatorial pós-64. Esta resistência fomentou o surgimento de várias ONGs<sup>1</sup>, que com uma institucionalização de associação sem fins lucrativos e com o

---

<sup>1</sup> Organização Não-Governamental: refere-se de modo genérico a toda organização não pertencente ou vinculada a nenhuma instância de governo, em qualquer nível. Foi utilizada pela primeira vez pelo Conselho Econômico e Social (ECOSOC) das Nações Unidas, em 1950. No Brasil, começou a ser utilizada na metade da década de 80, referindo-se exclusivamente às organizações que realizavam projetos junto aos movimentos

financiamento de agências de cooperação internacional desenvolveram trabalhos de educação popular, alfabetização de adultos, assessoria sindical e a movimentos camponeses e urbanos. Ao final da ditadura militar e após o processo de redemocratização, essas ONGs, mesmo enfrentando uma crise financeira, devido à diminuição de investimentos das agências de cooperação internacional, desempenharam um importante papel na organização e formação de ONGs que surgiram nos anos seguintes.

É neste cenário de desafios em termos de sustentabilidade que Salamon (1997) e outros autores indicam caminhos para que o terceiro setor supere a crise e crie novas formas de captação de recursos, financeiros, materiais e humanos.

As ONGs de pequeno porte por não conhecerem ou por não terem estrutura suficiente para buscar parcerias com o Estado, grandes empresas ou agências financiadoras do próprio terceiro setor, buscam sua sustentabilidade por meio dos seus voluntários. Estes voluntários, além de serem fundamentais na consolidação da filosofia e divulgação dos objetivos dessas pequenas ONGs, na maioria das vezes, são a fonte de recursos financeiros e humanos dessas instituições. Neste sentido, Camargos (2008), nos mostra que para conquistar sustentabilidade o terceiro setor deve buscar parcerias com todos os setores da sociedade e principalmente com as pessoas físicas.

Em outubro de 2000, num contexto, de mudanças na participação da sociedade civil em nosso país e de uma crise financeira no terceiro setor é fundada a ONG Colcha de Retalhos. Sua trajetória é baseada na força de seus voluntários, não como fonte de mão-de-obra, como nos mostra Cohen (1964:40): “Quando os organismos de serviço social utilizam voluntários, não se trata apenas de trazer mais mão-de-obra, mas também de reforçar o senso de responsabilidade que todos nós devemos ter para com os outros, pois é importante para nossa democracia a preocupação com os deveres tanto quanto pelos direitos”, mas como forma de participação voluntária de pessoas simples que buscam conquistar seus direitos de cidadãos em uma democracia que se solidifica em nosso país, como nos mostra Cohen: “Os voluntários são para a democracia o que a circulação do sangue é para o organismo” (Cohen,1964:38).

Acreditando que o ser humano deve ser visto, ao mesmo tempo, como parte e totalidade do processo de formação social, o objetivo deste trabalho é **analisar qual a**

---

populares, por exemplo, na área da promoção social. Podemos considerar sinônimo o seguinte termo OSC- Organização da Sociedade Civil.

### **importância do trabalho voluntário para a sustentabilidade de uma ONG de pequeno porte a partir do caso da ONG Colcha de Retalhos.**

É possível sustentabilidade para uma ONG de pequeno porte num mundo global? Qual a importância do voluntariado para a sustentabilidade? O que motiva uma pessoa a trabalhar como voluntário? Qual a influência do trabalho voluntário na formação do cidadão? São perguntas que pretendo enfrentar nesse trabalho de pesquisa.

No ano de 2000, fundei a ONG Colcha de Retalhos com minha família e alguns moradores do bairro de Coelho Neto e adjacências. Ela passou a funcionar num galpão que faz parte do imóvel de minha residência. Os conceitos, aprendidos de maneira empírica, de cidadania, solidariedade, educação e participação, estão hoje, muito mais próximos de mim do que a própria sede da instituição.

À medida que a ONG Colcha de Retalhos foi crescendo, houve a necessidade de seus voluntários crescerem juntos, e foi o que todos nós fizemos, cada um da sua forma e condições. É importante ressaltar que os voluntários que veremos ao longo desta pesquisa têm condições precárias e buscaram no voluntariado motivações não somente para ajudar o próximo, mas a si mesmo. “As atividades dos voluntários têm sido ditadas pelas condições sociais, econômicas e política de cada época, mas um fator constante tem sido a motivação dos cidadãos em seus esforços para modificar a sorte de seus companheiros para melhor” (Cohen,1964:88).

Eu sou um exemplo desse crescimento pessoal quando fui incentivada por outros voluntários um ano após a fundação da ONG Colcha de Retalhos, a me matricular aos 36 anos de idade, em um curso de Marketing. Aos poucos, percebi que, dadas às devidas adaptações, esse aprendizado poderia me auxiliar muito no meu trabalho na Colcha de Retalhos. Conclui a graduação em marketing, a Pós-Graduação em Responsabilidade Social e Terceiro Setor e, no ano de 2005, fui convidada a participar como consultora do Programa Portas Abertas da Indústria Química Pan Americana S/A<sup>2</sup>. Um Programa que beneficia 20 instituições do terceiro setor da região, inclusive a Colcha de Retalhos. Hoje, como mestrande da Fundação Getulio Vargas, tenho a consciência que a participação como voluntária em uma ONG de periferia foi o principal instrumento de transformação de uma “dona de casa” em agente construtor de cidadania. Percebo o grande desafio que terei que

---

<sup>2</sup> Indústria química localizada no bairro cujas ações com a ONG Colcha de Retalhos serão especificadas posteriormente.

enfrentar no exercício de distanciamento para a realização de uma análise produtiva nesta pesquisa.

## **1.1 - METODOLOGIA**

No estudo aqui descrito buscou-se uma abordagem predominantemente qualitativa. Richardson (1999:90) coloca que “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. A necessidade de descrição detalhada do fenômeno estudado requer do pesquisador um contato direto com os fatos. Neste sentido a aproximação da pesquisadora com a realidade estudada ajuda na compreensão do fenômeno já que neste tipo de pesquisa “procura-se compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (Godoy, 1995:58).

Por buscar a interpretação através da descrição, a pesquisa pode ser caracterizada como descritiva-interpretativa. Para Triviños (1994), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva e a descrição de fenômenos é impregnada de significados extraídos do ambiente. A investigação se deu por meio do estudo de caso que, de acordo com Fachin (2001:42): “é caracterizado por ser um estudo intensivo. É levada em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados. Quando o estudo é intensivo podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas”.

Os dados foram coletados por meio de questionários e entrevistas aplicados aos voluntários da ONG Colcha de Retalhos. Parte desses questionários integrava uma pesquisa feita em 2005, que tinha como objetivo levantar opiniões dos voluntários sobre a Colcha de Retalhos e identificar as atividades de maior interesse dos mesmos (anexo 3). Os demais foram aplicados visando os objetivos desta pesquisa (anexo 2). Ao todo, foram analisados 23 questionários de voluntários que atuaram ou ainda atuam na organização. Utilizou-se, ainda, documentos da ONG como atas de reuniões, projetos e estatuto para obtenção de informações. A observação-participante pode ser destacada como importante forma de obtenção de dados nesta pesquisa, já que a pesquisadora é fundadora da Colcha de Retalhos e vivencia a realidade estudada por participar diariamente das atividades da ONG.



O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: no capítulo 1 apresenta-se a introdução, seguida do capítulo de referencial teórico em que são abordados os principais conceitos de sociedade civil, terceiro setor, ONGs e voluntariado e suas distinções, buscando embasamento teórico para a caracterização do objeto de estudo e análise dos dados. O capítulo 3 é o de caracterização do objeto de estudo em que a realidade da ONG Colcha de Retalhos é apresentada, descrevendo o bairro em que atua, Coelho Neto; a empresa Pan-Americana S/A e seu Programa Portas Abertas, do qual a ONG faz parte; e por fim descreve-se seu histórico, desde sua fundação aos dias atuais e seus projetos sociais.

Na análise dos dados, capítulo 4, é feita uma descrição e análise de como a Colcha de Retalhos capta e administra seus recursos materiais e humanos e as tensões ocorrentes nesse processo. Por fim, nas considerações finais, apresentam-se as constatações da pesquisa e sugestões para a ONG Colcha de Retalhos.

## **2 - REFERENCIAL TEÓRICO**

Atualmente no Brasil não é raro encontrarmos, nos meios de comunicação de massa, os termos: sociedade civil, terceiro setor e ONG. Para melhor entendê-los, é importante delimitar as origens, as referências conceituais e as diferenças dos três termos. Para desenvolver este capítulo, busquei analisar a literatura especializada que sustenta o tema proposto neste trabalho. Dialogar com autores, seus conceitos e teorias foi fundamental para tecer análises e associações entre a teoria pesquisada e a prática observada.

### **2.1 - SOCIEDADE CIVIL**

Hoje, vivemos em um mundo globalizado onde os desafios a serem enfrentados por todos os setores da sociedade são cada vez maiores e mais complexos, sendo de vital importância a participação de todos.

As mudanças ocorridas em nossa sociedade, nas últimas décadas, nas áreas econômicas, políticas e sociais nos levam a uma reflexão sobre a importância da participação da sociedade civil brasileira, no século passado, na busca de uma cidadania plena.

Este trabalho espera oferecer uma pequena contribuição, a nossa sociedade, ao analisar e descrever as ações de uma instituição da sociedade civil. Para fins dessa pesquisa, abordarei o conceito de sociedade civil e suas origens no Brasil.

Maria Celina D'Araújo, conceitua sociedade civil como “[...] uma sociedade em que grupos organizados, formais ou informais, com independência do Estado e do mercado, têm condições de promover ou de facilitar a promoção de diversos interesses da sociedade” (Araújo, 2003:45).

Landim (2002) destaca que o termo “sociedade civil” surgiu no Brasil no período de ditadura militar com inspirações gramscianas e influência socialista e serviu de bandeira para os movimentos de oposição ao regime militar, assumindo uma conotação de não-Estado ou anti-Estado. Esta sociedade civil tem como ideal a busca de uma cidadania plena que combine liberdade, participação e igualdade para todos os brasileiros.

De acordo com Carvalho (2006), para falar de cidadania plena é preciso antes abordar o conceito de cidadania. É importante ressaltar a natureza histórica do conceito ocidental de cidadania que se desenvolveu em outro fenômeno histórico que chamamos de

Estado-nação, oriundo da Revolução Francesa em 1789. Para sentir-se cidadão a pessoa precisava sentir-se parte de uma nação e de um Estado.

Sendo assim, a cidadania está diretamente ligada à identificação da pessoa com a nação e a sua lealdade em relação ao Estado. É importante ressaltar que Estado e nação podem ou não caminhar juntos, como nos mostra Carvalho (2006):

A luta pelos direitos, todos eles, sempre se deu dentro das fronteiras geográficas e políticas do Estado-nação. Era uma luta política nacional, e o cidadão que dela surgia era também nacional. [...] a construção da cidadania tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. As pessoas se tornavam cidadãs à medida que passavam a se sentir parte de uma nação e de um Estado. Da cidadania como a conhecemos fazem parte então a lealdade a um Estado e a identificação com uma nação. As duas coisas também nem sempre aparecem juntas. A identificação à nação pode ser mais forte do que a lealdade ao Estado, e vice-versa (Carvalho, 2006:12).

Segundo Carvalho (2006), em geral, a identidade nacional se deve a fatores como religião, língua e guerras entre inimigos comuns. Já a lealdade ao Estado varia com o grau de participação na vida política. “A maneira como se formaram os Estados-nação condiciona assim a construção da cidadania” (Carvalho, 2006:12).

A luta pelos direitos universais de liberdade, igualdade e fraternidade, preconizada pela Revolução Francesa em 1789, tornou-se o alicerce da noção de cidadania mediante a aquisição de direitos.

Em seu livro, *Cidadania e Desenvolvimento Local*, Tenório, aponta Marshall (1967), como um dos autores que defende a composição da cidadania plena em três elementos: “o civil (direitos necessários a liberdade individual), o político (direito de participar do exercício do poder político) e o social (direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança e direito de participar da herança social) (Tenório, 2007:35).

No livro, *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, José Murilo de Carvalho, classifica o cidadão de acordo com a titularidade, ou não, dos três direitos preconizados por Marshall. “O cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que possuísem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não-cidadãos” (Carvalho, 2006:9).

É importante ressaltar que a sequência lógica dos direitos preconizados por Marshall, foram baseados na sociedade da Inglaterra. Primeiro viriam os direitos civis,

depois os direitos políticos e finalmente os direitos sociais. No Brasil, a lógica inglesa dos direitos não se aplicou. Aqui o direito social precedeu os outros.

Nas décadas de 1960 e 1970, em busca dos direitos civis e políticos, a sociedade brasileira enfrenta a repressão do Estado, fato que irá impactar diretamente o desenvolvimento da cidadania na atualidade em todo o país. Cardoso, ressalta a importância da sociedade civil na defesa de direitos básicos de cidadania quando afirma que: “No Brasil, o papel da sociedade civil foi bastante significativo na defesa de direitos básicos de cidadania quando eles não estavam garantidos” (Cardoso,1997:10).

Como forma de enfrentar um processo violento de ditadura militar, na defesa de direitos básicos de cidadania, a sociedade civil brasileira, nas décadas de 1960 e 1970, busca articulação nas bases da sociedade. Este caminho, para as bases, será o ponto de partida para a formação social democrática que temos hoje, que comporta vários tipos de instituições no chamado terceiro setor, conforme apontam os autores a seguir.

“Na década de 70, do século passado, a ditadura militar em países-chave como Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Peru e Bolívia, promoveu violentas repressões nos meios de comunicação civil com as esferas superiores da vida pública, ocasionando uma diminuição da participação cívica no Estado e nas empresas” (Fernandes,1994:34).

No Brasil, independente dos motivos que levaram ao golpe de 1964, sejam eles oriundos da resposta dos conservadores ao decreto de desapropriação de terras ou ao fortalecimento dos movimentos sociais de esquerda, o fato é que após 31 de março de 1964 o país vivenciou um período de usurpação dos direitos civis e políticos. “O país iria entrar em nova fase de supressão das liberdades, em novo regime ditatorial, desta vez sob o controle direto dos militares” (Carvalho, 2006:152).

De acordo com Fernandes(1994), foi como forma de burlar a repressão militar, que os movimentos sociais brasileiros deslocaram-se para as comunidades e seus interesses locais. Após quase trinta anos de regime militar, a luta pela redemocratização do país mobilizou vários segmentos da sociedade civil.

Diferentemente dos regimes totalitários em que o controle é exercido por dentro das instituições, a ditadura brasileira, por ser militar, não ocupava todos os espaços por igual e nem tinha acesso direto à intimidade das instituições. Sua entrada representava uma intervenção traumática. “Fazia-o, portanto, de maneira seletiva, em resposta a demandas ou por medida preventiva. Neste cenário é que o trabalho comunitário escapou aos controles,

e pôde se expandir mesmo sob os regimes mais violentos” (Fernandes, 1994:35). Pinsky reafirma essa colocação ao destacar que:

Quanto aos movimentos sociais, para compreendermos suas origens no Brasil é preciso voltarmos à década de 1960. Com o golpe militar de 1964, a repressão sistemática de todas as formas de contestação política e organização sindical fez com que a vida associativa se deslocasse para as comunidades e seus interesses localizados. Por não ser encarado como desafio para o regime, o trabalho comunitário escapou aos controles e assim conseguiu expandir-se (Pinsky, 2003:567-568).

Durante a ditadura militar, os militantes políticos e sindicais eram perseguidos pela polícia, o que acarretou certo distanciamento do assim chamado “mundo do trabalho”. Como forma de saída para esta situação os olhares se voltaram para as comunidades, como aponta Fernandes (1994:34-35):

Se agir sobre a sociedade como um todo já não era possível, quem sabe então as transformações pudessem ser preparadas, numa outra escala de tempo, trabalhando-se pelas ‘bases’ do edifício social. Uma tal disposição não deixava de acarretar perigos, mas os riscos eram indubitavelmente menores na região dos bairros do que nas empresas ou no ataque frontal ao governo.

Neste cenário, é importante ressaltar a participação expressiva da Igreja Católica que, inspirada pela Teologia da Libertação e fora dos círculos do poder, faz a “opção preferencial pelos pobres” em resposta ao concílio Vaticano II. Ensinar a fazer reunião, tornou-se prática constante da catequese renovada que propiciou a interação entre estudantes, lideranças leigas populares, ordens missionárias, jovens teólogos entre outros, conforme aponta Fernandes(1994:36): “O resultado foi tão expressivo que, pelos meados da década de 70, quem sentisse a necessidade de envolver-se em algum tipo de ativismo social na América Latina, fosse a pessoa religiosa ou materialista confessa, o melhor que tinha a fazer era procurar algum membro da ‘Igreja dos pobres’”.

Pinsky(2003) também ressalta a importância da Igreja Católica na amplitude da fundamentação da identidade coletiva dos movimentos sociais, afirmando que:

Os movimentos sociais se fundamentam em questões de identidade coletiva. Embora tratassem das questões públicas, não eram organizações políticas e mantinham distância da máquina estatal. A Igreja Católica, mais precisamente o pensamento consubstanciado na Teologia da Libertação, deu-lhes amplitude. Os agentes pastorais

renovaram o termo comunidade com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Chegaram a atuar, em todo o território nacional, cerca de 46 mil CEBs. (Pinsky, 2003:568).

Em meados dos anos de 1970, nos chamados “anos de chumbo”, os movimentos de pequeno porte se tornaram tão expressivos em escala e estilo que deram origem a um novo fenômeno chamado “movimentos sociais”.

Foram chamados ‘movimentos’ para acentuar sua natureza instável e mutante, distinta da obtida em estruturas que se organizam numa longa duração. E chamados ‘sociais’ devido ao seu distanciamento em relação ao aparelho de Estado. Apesar do envolvimento constante em matérias de interesse público, não foram chamados ‘movimentos políticos’ justamente porque lhes faltavam as conexões que os integrassem a alguma política sistemática de governo (Fernandes, 1994:43).

Segundo Fernandes(1994), o sentido de multiplicidade dos movimentos sociais foi muito além do plano das agendas e das formas de organização. No lugar da coletividade, o plural, como forma de afirmação de identidades coletivas abrindo espaço para uma variedade de “atores sociais”.

Um passo além e chegamos às identidades que poderiam ser chamadas ‘contrastivas’. ‘Mulheres’, ‘indígenas’, ‘negros’, ‘homossexuais’ emergiram no cenário público, abrindo um leque de alternativas identificadoras que poderia ser ampliado indefinidamente – estas e outras categorias, como ‘terceira idade’, ‘crianças’, ‘minorias étnicas’, ‘inválidos’ etc., passaram a constar do léxico de sujeitos com os quais se devia contar e aos quais se devia obrigação (Fernandes, 1994:48).

Assim como, uma “colcha de retalhos social”, onde a inclusão de um novo retalho não exclui necessariamente um outro retalho existente, os “movimentos sociais” não excluem o “popular” tampouco a luta de classes, mas os incluem e os ultrapassam abrindo discurso para uma nova variedade de temas e dinâmicas em busca dos direitos civis, políticos e sociais.

Ao final da ditadura militar brasileira e após o processo de redemocratização, surge no cenário nacional uma sociedade civil mais atuante. Esta sociedade civil é fruto de um processo de mobilização na luta contra o regime militar na busca da conquista dos direitos políticos. “No novo cenário, a sociedade civil se amplia para se entrelaçar com a sociedade política, colaborando para o caráter contraditório e fragmentado que o Estado passa a ter

nos anos 90”(Gohn, 2005:77). Uma sociedade civil que, segundo a autora, possui inúmeras interpretações:

O leque de interpretações sobre o termo sociedade civil é amplo. Mesmo dentre os liberais, eternos defensores do termo, também não é única a interpretação. Temos desde aqueles que utilizam o termo como processo de privatização, implicando a expansão do mercado e a limitação do Estado até liberais da corrente humanista, que atribuem como espaço civil o processo de aprofundamento da participação comunitária em projetos públicos, aumentando a performance do governo e sua aceitação pública. Outros advogam como sinônimo de civilidade. Recentemente observa-se, no Ocidente, o crescimento da interpretação da sociedade civil como aperfeiçoamento dos processos deliberativos democráticos, para criar mais espaço público (Gohn, 2005:61-62).

Segundo Gohn (2005), é sobre a influência das duas principais correntes, a primeira de retração do Estado e da expansão do mercado, e a segunda como abertura de um espaço público para o desenvolvimento da cidadania que irá ocorrer o desenvolvimento e o fortalecimento da sociedade civil no Brasil, conseqüentemente a formação do terceiro setor, que abordaremos a seguir e das Organizações Não-Governamentais – ONGs (atores sociais com maior representatividade no setor).

## **2.2 - TERCEIRO SETOR**

Como mencionei no parágrafo inicial do referencial teórico, antes de abordar o tema terceiro setor, é importante delimitar suas origens e referências conceituais.

O termo terceiro setor no Brasil é tão novo que sua definição ainda não consta no ordenamento jurídico brasileiro além de gerar muitas controvérsias em relação as suas origens, terminologias e instituições que dele fazem parte.

De acordo com o direito brasileiro, as organizações do Terceiro Setor são associações e fundações de direito privado, com autonomia e administração próprias, cuja finalidade é atender a necessidades sociais ou defender os direitos difusos. No ordenamento jurídico brasileiro positivo, contudo, ainda não há uma definição legal do Terceiro Setor. Encontramos apenas a qualificação para as entidades jurídicas já existentes que prestam atividades relacionadas a este, sem fins lucrativos, conforme definido pelo código Civil em seus arts. 53 a 62 (Camargos, 2008:3).

O próprio termo, terceiro setor, sugere no mundo um terceiro personagem, além do primeiro, que é considerado por alguns autores como o Estado, e o segundo como o mercado. Esta cronologia é considerada a cronologia clássica, mas e não é a única cronologia apresentada para os setores. Alguns autores apontam o primeiro setor como o mercado e o segundo setor como o governo, Rifkin altera ainda mais essa cronologia afirmando que o terceiro setor na verdade é o primeiro setor. Para a discussão da cronologia do aparecimento dos setores, esta pesquisa apresenta o pensamento de Cardoso (1997), Coelho (2002), Fernandes (1994), Kisil (1997) e Rifkin (1997), que veremos a seguir.

Cardoso (1997:8), por exemplo, categoriza o setor público como primeiro setor e as atividades lucrativas como segundo setor: “Recorremos hoje à expressão Terceiro Setor para distingui-lo do primeiro, que é o setor público, e do segundo, representado pelas atividades lucrativas”.

Kisil (1997:136), por sua vez, categoriza os setores da mesma forma que Cardoso: “Tradicionalmente eles são: o setor do governo, o setor privado e o setor não-governamental, voluntário, privado. Eles são conhecidos, respectivamente, como Primeiro, Segundo e Terceiro Setores da sociedade”.

Fernandes categoriza o primeiro setor como sendo o mercado, o segundo setor o governo e o terceiro setor como uma conjunção entre o “público” e o “privado”. “A idéia de um terceiro setor provoca a imaginação a inventar outras figuras. Imaginar, por exemplo, uma dinâmica da vida pública que se dê entre três pólos, que não se sobrepõem e que a um tempo se opõem e se atraem”(Fernandes,1994:20).

Coelho aponta que, assim como Fernandes, “a maioria dos autores americanos considera o mercado como primeiro setor e o governo como segundo, o que tem uma certa lógica, pois eles entendem que o mercado foi o primeiro a se constituir historicamente”(Coelho, 2002:39).

Rifkin contrariando esse raciocínio cronológico do aparecimento dos setores, indica outra classificação. O autor menciona que

pode-se dizer ainda deste Terceiro Setor que realmente é o primeiro setor. É preciso compreender que, quando se estabelece a civilização, em primeiro lugar, estabelece-se a comunidade (o capital social), depois surge o comércio e o governo: a comunidade sempre vem primeiro. Neste século, invertemos o raciocínio e passamos a crer numa idéia bizarra de que, de início, criamos um mercado forte, pois isso ajuda a construir uma



comunidade forte. Isso é completamente falso. Antes, surge a comunidade; posteriormente, começa-se a comerciar, aparece o mercado, depois surge o governo (Rifkin, 1997:21).

No quadro abaixo estão representadas as cronologias do aparecimento dos setores de acordo com seus autores:

Tabela 1 – Cronologia do aparecimento dos setores

AUTOR	1º SETOR	2º SETOR	3º SETOR
Cardoso	Governo	Mercado	Sociedade Civil
Kisil	Governo	Mercado	Sociedade Civil
Fernandes	Mercado	Governo	Sociedade Civil
Coelho	Mercado	Governo	Sociedade Civil
Rifkin	Sociedade Civil	Mercado	Governo

Fonte: elaborado pela autora

Fernandes (1994), apresenta as principais características dos três setores para demarcar suas fronteiras entre o “público” e o “privado”, como podemos visualizar no quadro abaixo:

Tabela 2 – Características dos três setores

AGENTES	FINS	SETOR
Privados	Privados	Mercado
Públicos	Públicos	Estado
Privados	Públicos	Terceiro setor
Públicos	Privados	(corrupção)

Fonte: Fernandes, 1994:21.

O fato de a economia estar dividida em três setores, isso não implica que sejam esferas independentes. Rifkin salienta que é necessária a sinergia dos setores para que se promova o desenvolvimento da comunidade. ”O êxito do mercado e do governo democrático vai depender, finalmente, do êxito do setor civil”(Rifkin, 1997:22).

De acordo com Fernandes, a definição de terceiro setor é sucinta, mas ambiciosa. Neste sentido, o autor afirma que:

Surge no mundo um terceiro personagem. Além do Estado e do mercado, há um ‘terceiro setor’. ‘Não-governamental’ e ‘não-lucrativo’, é no entanto organizado, independente, e mobiliza particularmente a dimensão voluntária do comportamento das pessoas. Sua emergência é

de tal relevância que se pode falar de uma ‘virtual revolução’ a implicar mudanças gerais nos modos de agir e pensar (Fernandes, 1994:19-20).

Coelho define terceiro setor como um conjunto formado por “organizações [que] distinguiram-se das entidades privadas inseridas no mercado por não objetivarem o lucro e por responderem, em alguma medida, às necessidades coletivas” (Coelho, 2002:59).

A partir da década de 1990, a noção de terceiro setor se consolida conceituado como:

Conjunto de atividades espontâneas, não governamentais e não lucrativas, de interesse público, realizadas em benefício geral da sociedade e que se desenvolvem independentemente dos demais setores (Estado e mercado), embora deles possa, ou deva, receber colaboração (Naves apud Pinsky, 2003:574).

O termo terceiro setor ainda não é o mais usado no Brasil para distinguir organizações deste setor, conforme aponta Coelho (2002:61): “O termo mais usualmente empregado no Brasil, até agora, tem sido ‘organização não-governamental’. Apenas recentemente alguns autores passaram a utilizar o termo ‘terceiro setor’. Ele aparece pela primeira vez nos escritos de Rubem César Fernandes e Leilah Landim”. De acordo com a autora, nos “Estados Unidos pesquisadores empregaram o termo terceiro setor pela primeira vez na década de 1970 e na década de 1980 o termo passou a ser adotado por pesquisadores europeus” (Coelho, 2002:58). A utilização e popularização do uso de outras expressões referindo-se ao mesmo universo de organizações do terceiro setor é bastante comum.

A autora salienta que devido aos termos empregados às instituições do terceiro setor serem vagos e imprecisos, os pesquisadores normalmente fazem uma opção por determinada nomenclatura:

A literatura – internacional e brasileira – tem se esforçado na busca de definições mais precisas, mas os resultados não são compensadores. Em geral os autores optam por uma determinada denominação, citam outras tantas, e nisso finda a discussão. Essa multiplicidade de denominações apenas demonstra a falta de precisão conceitual, o que, por sua vez, revela a dificuldade de enquadrar toda a diversidade de organizações em parâmetros comuns (Coelho, 2002:58).

No Brasil, existem diversas denominações para as organizações do terceiro setor: setor sem fins lucrativos, setor da sociedade civil, setor voluntário, setor social-econômico, setor ONG, setor de caridade etc. (Salamon, 1997:90).

O crescimento do terceiro setor no âmbito mundial nos últimos anos é apontado por muitos autores como a consequência da falência do Estado e o apogeu do mercado. Esta nova ordem social surge propondo mudanças nas relações entre Estado, mercado e sociedade civil.

Assinalando como um dos fatores de crescimento do terceiro setor a crise *welfare state*, Coelho afirma que é

A partir da evidente crise de um modelo conhecido como *Welfare state*, no qual o Estado procurava responder com eficiência e equidade às necessidades e anseios de uma sociedade em constante mudança, os analistas têm investigado e avaliado novos caminhos para o desenvolvimento social, propondo a realocação e a transformação de funções dos diferentes atores sociais. É nessa discussão que a literatura procura introduzir a importância de uma relação bem estruturada do Estado com o terceiro setor (Coelho, 2002:26).

Para Salamon (1997) os fatores que contribuíram para esse crescimento foram quatro crises: do *welfare state*, do desenvolvimento, ambiental global e a do socialismo; e também duas mudanças revolucionárias: a da comunicação e o crescimento econômico.

Dede a década de 1980, presenciamos ao redor do mundo o sofrimento com essa crise, embora, como ressalta Coelho, “não possamos falar numa crise do *welfare state* no Brasil, já que nunca o alcançamos plenamente, podemos dizer que também sofremos de uma crise do Estado, que se agravou consideravelmente ao final do período do governo militar, esgotado o modelo desenvolvimentista e centralizado” (Coelho, 2002:44).

No final da década de 1970 e início da década de 1980, o debate sobre o desenvolvimento mudou de uma visão central e globalizante para uma visão local e apropriada para cada comunidade. Essa crise foi impulsionada, principalmente, nos anos 1970 pelo colapso do petróleo e no início da década de 1980 pela recessão e o significativo aumento da pobreza. Segundo Kisil (1997:135) “a crise do petróleo em 1973 diminuiu dramaticamente a capacidade dos governos em atender as necessidades do processo de desenvolvimento. Assim, as sociedades nacionais tiveram que desenvolver alternativas para o processo de desenvolvimento”.

Conforme Salamon (1997), a crise ambiental global, é decorrente das outras crises. Questões como pobreza e sobrevivência necessitando de soluções, a consciência para a preservação ecológica tornou-se secundária. Além disso, a própria postura dos países desenvolvidos frente ao meio ambiente até os anos 1980 foi marcada pela degradação ambiental e total desatenção com os recursos naturais.

A crise do socialismo indicada por Salamon (1997) configura-se pelo não funcionamento do sistema comunista e falência desse tipo de sistema onde era aplicado. Segundo (Neto, 2002:11) “O colapso do socialismo deixou um lastro de problemas sociais nos países europeus do leste – desemprego, fome, violência e milhares de pessoas socialmente desassistidas”.

Salamon (1997) aponta que o grande avanço tecnológico nos meios de comunicação, nas últimas décadas, facilitou o contato e aproximou as pessoas. Da mesma forma, a alfabetização e a educação, também tiveram os seus índices elevados. Esse cenário promoveu e facilitou a mobilização das pessoas e organização em prol de diferentes causas. Concordando com o autor, acrescenta Pinsky:

A evolução da informática e a constituição de redes de informação, por sua vez, possibilitaram a formação de entidades e debates em escala planetária. Na medida em que se articulam em redes, as organizações ganham eficácia. Os exemplos são muitos, citaremos aqui apenas alguns: as ONGs Anistia Internacional e Greenpeace, os fóruns e conferências como o ‘Fórum Global e da Cúpula da Terra’[...] e o ‘Fórum Social Mundial’, em Porto Alegre(Pinsky,2003:574-575).

O crescimento econômico é apresentado pelo autor como impulsionador do crescimento do terceiro setor. Conforme Salamon (1997), em decorrência do crescimento da economia mundial, surgiu uma nova classe, denominada classe média urbana. As pessoas pertencentes à classe média urbana foram às principais articuladoras de movimentos que buscavam reagir à crise econômica. Como veremos a seguir nas palavras de Salamon (1997:9), “se a crise econômica, em ultima instância, levou a classe média à ação, o crescimento econômico prévio criou a classe média que se organizaria para reagir”.

Neste cenário, surgem no mundo inteiro organizações de apoio e combate a diversas questões como: meio ambiente, mortalidade infantil, amparo a idosos, órfãos, desabrigados, aidéticos, drogados etc..

Tais organizações foram então denominadas terceiro setor e se tornam mais intensamente discutidas. Tornou-se evidente a existência de organizações que não eram pertencentes nem ao Estado e nem ao mercado privado.

Antes de pontuar as diversas entidades que constituem o Terceiro Setor é relevante pontuar as diferenças entre estas entidades e as organizações empresariais. Com relação ao aspecto financeiro, Camargos (2008:XVI) aponta a seguinte diferença: “enquanto a empresa tem como objetivo principal a distribuição do lucro aos proprietários do negócio, a entidade do Terceiro Setor intenta obter resultados economicamente positivos para alavancar as suas ações sociais”.

Segundo Barbosa e Oliveira (2002), existem dois objetivos fundamentais para uma pessoa jurídica ser constituída. O primeiro objetivo é a geração de lucros para os sócios ou acionistas. Se esta entidade desenvolver atividade comercial deverá registrar seu contrato social na Junta Comercial e tornar-se uma empresa, mas se a entidade for prestadora de serviços, o seu contrato social será registrado no Cartório Civil de Registro de Pessoas Jurídicas. O segundo objetivo é a obtenção de resultados financeiros destinados as ações sociais. Estas entidades sem fins lucrativos constituem-se sob a forma de associações ou fundações e devem registrar seus estatutos em um cartório de registro civil de pessoas jurídicas. É importante ressaltar que entidades com fins lucrativos se constituem juridicamente ao registrar um contrato social enquanto a organização sem fins lucrativos registra um estatuto.

E o que são institutos, organizações não-governamentais (ONGs), organizações da sociedade civil (OSCs), organizações sociais (OSs), organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIPs), etc.? Todas essas denominações referem-se a entidades de natureza privada (não-públicas) sem fins lucrativos, que juridicamente ou são associações ou fundações (Camargos, 2008:13-14).

Embora as cooperativas sejam entidades sem fins lucrativos, “têm um regime jurídico próprio, distinto do regime das associações e fundações, e são registradas na Junta Comercial” (Barbosa e Oliveira, 2002:14).

A definição das organizações que fazem parte do terceiro setor não é relativamente simples o que dificulta a construção de identidade do setor, conforme aponta Coelho (2002:67): “Para o processo de construção de identidade do terceiro setor é indispensável que as próprias entidades se percebam como parte de um conjunto e no momento seguinte

passem a atuar como tal. Então, no Brasil, aos poucos começamos a utilizar mais o termo ‘terceiro setor’”.

Camargos (2008) chama atenção para a composição do Terceiro Setor ao afirmar que ele

é composto, pois, por organizações de natureza privada, sem objetivo de lucro, com objetivos sociais ou interesses públicos, embora não integre o governo ou Administração Estatal. Trata-se de um conjunto de organismos, organizações ou instituições que possuem autonomia e administração próprias, com função e objetivo de atuar voluntariamente junto à sociedade civil visando o seu aperfeiçoamento (Camargos, 2008:3).

Além dessas características, Kisil (1997:142), afirma que quando se analisam organizações do Terceiro Setor, comparando-as com outros tipos de organizações, as seguintes características são geralmente mencionadas:

- O corpo técnico normalmente resulta de profissionais que geralmente se ligam à organização por razões filosóficas e tem um forte compromisso com o desenvolvimento social;
- Elas não têm fins lucrativos, sendo organizações voluntárias, no sentido de que não são organizações estatutárias emanadas do setor governamental;
- São formadas, total ou parcialmente, por cidadãos que se organizam de maneira voluntária;
- São organizações orientadas para ação; são flexíveis, inovadoras, rápidas e próximas às comunidades locais; e
- Geralmente fazem um papel intermediário: ligam o cidadão comum com entidades e organizações que podem participar da solução de problemas identificados. Assim, se por um lado fornecem algum tipo de serviço à comunidade, por outro têm que procurar fundos para seus programas em diferentes fontes de financiamento (o público em geral, doações, governo).

Para esse autor, uma forma de entender tamanha diversidade nas organizações do Terceiro Setor é classificá-las de acordo com o tipo de serviço que elas oferecem.

1) as organizações de advocacia, quando seu maior objetivo é fazer *lobby* para defender interesses, ou lutar por problemas específicos, ou grupos específicos da sociedade; 2) as organizações de caráter técnico, que fornecem informações, serviços de consultoria, acesso a determinadas tecnologias, ou programas de capacitação de recursos humanos, objetivando ajudar outras associações ou grupos sociais a obter o nível apropriado de operação, ou de organização, ou de alcançar os recursos exigidos para subsistir – normalmente, essas organizações são chamadas organizações intermediárias; e 3) organizações prestadoras de serviços, que tendem a se concentrar num número limitado de áreas, particularmente no desenvolvimentos dos serviços que atendem as necessidades humanas básicas, como educação, saúde, habitação, bem-estar social, geração de oportunidades de emprego. A natureza das

atividades de algumas organizações pode ser entrelaçada de um tal modo que não podemos usar um único tipo para classificá-las (Kisil,1997:143).

Apesar da dificuldade em diagnosticar as organizações pertencentes ao terceiro setor, Fernandes (1997:30-31), afirma que existem quatro razões fundamentais pelas quais há sentido agrupar uma ampla variedade de organizações sob um mesmo denominador comum:

- 1) Fazem contraponto às ações do governo, ou seja, não apenas o governo é capaz de atender as necessidades de bem estar da sociedade, mas iniciativas particulares também são capazes de suprir tais expectativas;
- 2) Fazem contraponto às ações do mercado na medida em que o indivíduo doa-se para coletivo;
- 3) Empréstam um sentido maior aos elementos que o compõem, pois num ambiente competitivo, que se avizinha de um darwinismo econômico, expressões práticas de amor e de solidariedade social saltam aos olhos da opinião pública, repondo o gosto pela sociabilidade;
- 4) Projetam uma visão integradora da vida pública destacando a complementaridade que existe (ou deve existir) entre as ações públicas e privadas.

Gohn (*apud* Coelho, 202:63), apresenta uma outra tipologia, para caracterizar as organizações do Terceiro Setores de acordo com o tipo de atuação: ONGs caritativas, são voltadas para a assistência a áreas específicas, como menor, mulher e idosos; ONGs desenvolvimentistas, que surgiram e cresceram a partir de propostas de intervenção no meio ambiente; ONGs cidadãs, voltadas para a reivindicação dos direitos de cidadania; e ONGs ambientalistas, são as ecológicas, que possuem mais visibilidade junto à opinião pública.

Esta tipologia é criticada por Coelho (2002). A autora observa que o termo ONG é usado, por Gohn, de forma equivocada, pois generaliza as múltiplas organizações do terceiro setor. Além disso, continua Coelho, a autora tenta incorporar, por meio do termo ONG, os valores de cidadania em todo o setor e também não estão incluídas nessa tipologia as fundações e as entidades voltadas para os próprios membros, entre outras observações.

Para Salamon (1997), o terceiro setor pode ser analisado por suas três faces:

- O terceiro setor como idéia;
- O terceiro setor como realidade;
- O terceiro setor como ideologia.

O terceiro setor enquanto idéia reúne diversas pessoas em torno de valores com o objetivo de alcançar o bem-estar geral. “Pode-se, pois, dizer que o terceiro setor é, em primeiro lugar, um conjunto de instituições que encarnam os valores da solidariedade e os valores da iniciativa individual em prol do bem público” (Salamon,1997:92).

O terceiro setor como realidade refere-se a um grupo de organizações sociais que tem enfrentado problemas de natureza empírica, pois é muitas vezes subestimado pelos “sistemas de dados básicos usados para desenvolver informações sobre a estrutura e a composição de nossas sociedades” (Salamon,1997:93) e, principalmente, de natureza conceitual dado que “a diversidade do setor é tão assombrosa, que nos induz a passar por alto as consideráveis similitudes que também existem nele” (Salamon,1997:93). Dessa forma, na ausência de “um conceito unificador, o todo vem a parecer menor que as partes constituintes. O resultado é que o terceiro setor tem permanecido estranhamente invisível como realidade, ainda que chame cada vez mais atenção como idéia” (Salamon,1997:93).

Enfim, o terceiro setor enquanto ideologia traz uma série de distorções em relação a sua real idéia. Como consequência destas distorções, Salamon (1997:96), aponta quatro mitos sobre o setor que obscurecem seu verdadeiro papel, a saber:

O primeiro mito é o da insignificância ou incompetência: talvez, por falta de informações consistentes, crê-se que organizações do terceiro setor não são capazes de enfrentar de forma profissional os problemas da sociedade. “Esse mito tem sido alimentado, em caráter defensivo, por autoridades do governo e aqueles que elas representam, visando desacreditar iniciativas sem fins lucrativos e defender o monopólio estatal da solução dos problemas públicos” (Salamon,1997:96);

O segundo mito é o do voluntarismo: supõe-se que as organizações do Terceiro Setor, apoiam-se “unicamente na ação voluntária não-remunerada e na caridade privada, pois essas formas de ação seriam mais puras e mais eficientes para a solução dos problemas sociais do que a participação do Estado” (Salamon,1997:97);

O terceiro mito é o da virtude pura: “a noção de que as organizações voluntárias são por natureza instrumentos com propósitos essencialmente públicos, responsáveis pelas camadas necessitadas e obedientes a normas democráticas” (Salamon,1997:97);

Finalmente o quarto mito é o da imaculada concepção: refere-se à idéia de que “a filantropia e o voluntariado constituem fenômenos novos em quase todo o mundo e de que a construção de um setor civil pode, em consequência, ocorrer em solo virgem e copiar livremente modelos de fora”(Salamon, 1997:97).



Segundo Salamon (1997), as distorções provocadas pelos mitos acerca do terceiro setor, geram alguns desafios e superá-los é fundamental para o seu desenvolvimento. Para o autor estes desafios são: o desafio da legitimidade, o desafio da eficiência, o desafio da sustentabilidade e o desafio da colaboração.

A legitimação do terceiro setor tem enfrentado desafios principalmente pela falta de informação disponível sobre seu potencial e suas ações tornando-o, muitas vezes, pouco reconhecido pela sociedade. “Ele é sistematicamente ignorado nas estatísticas econômicas nacionais, poucas vezes mencionado nos debates políticos, subestimado na imprensa e na educação pública e uma lacuna na pesquisa acadêmica” (Salamon,1997:102-103). Outro desafio a ser enfrentado são os casos de escândalos envolvendo organizações do terceiro setor na área tributária e política. O autor menciona que para enfrentar tais desafios devem ser divulgados em larga escala informações básicas sobre as organizações do terceiro setor, a fim de promovê-las; concentrar esforços na área da educação pública com intuito de conscientizar a população sobre a potencialidade do setor; dar forma legal ao setor e; exigir transparência contábil das organizações do setor, pois “maior transparência e abertura parecem ser pré-requisitos absolutos para o crescimento futuro” (Salamon,1997:105).

Quanto ao desafio da eficiência, o autor coloca que esse é um desafio bastante delicado para essas organizações que são conhecidas por sua flexibilidade, criatividade e sensibilidade às sugestões e preocupações populares. Como não organizações, enfrentam sérios desafios na esfera da administração e do controle institucionais. “Quanto mais se empenham na solução dos problemas sociais mais crescem as pressões para aperfeiçoarem seus sistemas de administração e seu desempenho” (Salamon,1997:105).

O desafio da sustentabilidade recai em duas questões: a primeira é conquistar sustentabilidade financeira na busca de garantir sua sobrevivência; a segunda é a sustentabilidade do capital humano.

Por fim, o desafio da colaboração com o Estado, com o setor empresarial e com o próprio terceiro setor.

“Com o tempo o Terceiro Setor terá de capacitar-se e promover ação conjunta nas esferas de preocupação comum caso deseje mostrar-se eficiente na sociedade maior em que atua” (Salamon,1997:109).

## 2.3 – ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS

Como em uma colcha de retalhos, o terceiro setor é composto por vários tipos de entidades. Para os fins desta pesquisa abordarei aqui apenas a categoria ONG que reflete diretamente ao meu objeto de estudo – ONG Colcha de Retalhos.

Segundo Fernandes (1997), organização não-governamental é um conceito constituído basicamente em função de duas negações: “não-governamental” e “que não tem fins lucrativos”. A primeira negação, de que são “não-governamentais, indica que elas não fazem parte do governo e não devem ser confundidas com o Estado, embora visem um bem ou serviço de caráter público ou coletivo. A segunda negação, de que são “sem fins lucrativos”, indica que essas organizações não são geridas a partir da lógica do mercado, embora arrecadem recursos, seus fundadores não recebem pagamento salarial ou dividendos. Para Fernandes (1997:27):

[...] pode-se dizer que o terceiro setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não-governamental, que dão continuidade às práticas tradicionais da caridade, da filantropia e do mecenato e expandem o seu sentido para outros domínios, graças sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil.

Alguns autores, entretanto, questionam essa terminologia. Landim (2002), por exemplo, chama atenção quanto ao uso do termo *ONG*, de origem norte-americana e de cunho liberal, caracterizando a sua falta de neutralidade.

Em primeiro lugar mais do que transnacional ONG, por exemplo, tem nacionalidade clara. É de procedência norte-americana, contexto em que o associativismo e o voluntariado fazem parte de uma cultura política e cívica baseada no individualismo liberal, em que o ideário dominante é o da precedência da sociedade com relação ao Estado. Certamente, portanto, é expressão que aqui chega carregada de pressupostos e conotações que antes de mais nada complicam sua operação, sem mediações, no contexto da sociedade brasileira. E se analisarmos os canais através dos quais a expressão vem sendo disseminada, acredito que chegaremos ao terreno do mercado: é usada amplamente e de forma naturalizada sobretudo por empresas, fundações e organizações dedicadas à chamada filantropia empresarial, ou investimento social. (Landim, 2002: 42-43).

As colocações desse autor são importantes no sentido de alertar para a utilização da denominação ONG por organizações que não estão ligadas, necessariamente, à sociedade

civil, antes derivam de estruturas empresariais e cujos objetivos podem ir muito além do bem-estar social, atendendo a interesses privados.

Segundo site da Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais (ABONG) a sigla ONG - organização não-governamental – foi utilizada pela primeira vez em âmbito mundial, na Ata de Constituição da Organização das Nações Unidas (ONU), datada de 1946, onde são definidas como “entidades civis sem fins lucrativos, de direito privado, que realizam trabalhos em benefício de uma coletividade” (ABONG, 2008).

Conforme Fernandes (1997), na Europa continental o predomínio da expressão “organizações não-governamentais” é originário da nomenclatura do sistema de representação das Nações Unidas nas décadas de 1960 e 1970. “Chamou-se assim às organizações internacionais que, embora não representassem governos, pareciam significativas o bastante para justificar uma presença formal na ONU. O Conselho Mundial das Igrejas e a Organização Internacional do Trabalho eram exemplos em pauta” (Fernandes, 1997: 26). Para o autor, no entanto, a afirmação de que a origem do termo se deve à nomenclatura adotada pela ONU ainda é motivo de debates.

Na América Latina, a sigla ONG deu um sentido particular à idéia de não-governamental. Tal expressão usada na década de 60 passa a ter o significado de rejeição à ditadura militar. Num primeiro momento, a maioria das ONGs buscou desenvolver trabalhos nas áreas de educação popular junto às comunidades como a única forma possível dos movimentos sociais em tempos de ditadura militar (Fernandes, 1994).

No Brasil, a partir do processo de abertura política, o termo passou a ser utilizado por organizações de apoio a movimentos sociais, organizações populares e de base comunitária com objetivos de promover a cidadania, os direitos sociais, civis e humanos e a democracia (ABONG, 2008).

Na década de 1990, segundo ABONG (2008), ganha força a idéia de constituição de uma Associação Nacional de ONGs. O grupo de trabalho para a constituição de uma associação realiza uma série de reuniões para discutir questões políticas, conceituais e operacionais, produzindo vários documentos que subsidiarão a fundação em agosto de 1991, da Associação Brasileira das ONGs (ABONG).

Como características iniciais dessa nova experiência militante, podemos citar, além da valorização do anonimato como forma de atuação, o envolvimento com a Igreja católica, como afirma Landim (1988):

O imaginário de informalidade, invisibilidade e pessoalização presente nos relatos sobre a criação das futuras ONGs tem portanto como correlato objetivo, no processo de construção de canais e relações, os espaços sólidos e hierárquicos da Igreja e algumas de suas variadas organizações. Canais de grande capilaridade, quanto aos contatos com os grupos populares, dados pelos trabalhos de paróquias e pastorais espalhadas pelo país ('quem sustentou os trabalhos da época foram os anônimos da pastoral'), em tempos em que ainda não existiam as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e onde se criavam 'laços de confiança entre povo e agentes' sob a proteção de bispos e padres progressistas (Landim, 1998: 37).

Já para Salamon (1997: 93) as principais características são:

- Que não integram o aparelho governamental;
- Que não distribuem lucros a acionistas ou investidores, nem têm tal finalidade;
- Que se autogerenciam e gozam de alto grau de autonomia interna; e
- Que envolvem um nível significativo de participação voluntária.

O reconhecimento e a institucionalização do termo ONG ocorreram mais tarde, durante a década de 80, formalizando um movimento na busca da afirmação de uma identidade comum, como demonstra Landim (2002):

O reconhecimento e a visibilidade social desse nome não vieram da noite para o dia, mas foram construídos no decorrer da década de 80, com base num investimento realizado por um conjunto específico de agentes e entidades facilmente identificáveis do ponto de vista sociológico na afirmação de uma identidade comum e na produção de concepções, práticas e instâncias específicas de legitimidade. Sendo, como se sabe, termo forjado em canais internacionalizados, no entanto, é importação que se adapta e se traduz em virtude de relações e dinâmicas sociais internas em diferentes sociedades. (Landim, 2002: 18-19)

Esse período coincidia com um tempo de redemocratização no país, no qual surgia uma renovação das esperanças da sociedade civil na construção de uma cidadania plena. Para José Murilo de Carvalho (2006), essa esperança vinha acompanhada por uma ingenuidade:

Havia ingenuidade no entusiasmo. Havia a crença de que a democratização das instituições traria rapidamente a felicidade nacional. Pensava-se que o fato de termos reconquistado o direito de eleger nossos prefeitos, governadores e presidentes da República seria garantia de liberdade, de participação, de segurança, de desenvolvimento, de emprego, de justiça social. De liberdade, ele foi. A manifestação do pensamento é livre, a ação política e sindical é livre. De participação

também. O direito do voto nunca foi tão difundido. Mas as coisas não caminharam tão bem em outras áreas. (Carvalho, 2006: 1)

O cenário do período de redemocratização foi pontuado por uma grande crise econômica; o PIB (Produto Interno Bruto) diminuía e os problemas sociais aumentavam. Somado a esses fatores, havia um aumento da retração da atuação do Estado. Esse fenômeno era compartilhado por toda a América Latina, como aponta Fernandes (1994: 92-93):

O Produto Doméstico Bruto crescera em média 5 a 6% ao ano, entre 1946 e 1980, mas entrou em depressão justamente neste período de abertura democrática [...]. Com os recursos em retração e a moeda corroída pela espiral inflacionária, os ajustes cortaram fundo nos orçamentos dos Estados [...]. A pobreza na América Latina cresceu neste período tanto em termos absolutos quanto em termos relativos.

Com as turbulências apresentadas nessa época, o Estado entra em crise, abrindo espaço para o crescimento da sociedade civil e para o fortalecimento das ONGs como expressão da sociedade. Foi então que as instituições da sociedade civil que atuavam na promoção da cidadania passaram a se auto-intitular ONGs.

Conforme Landim (1998), “a adoção desse nome, que ninguém conhecia ou reconhecia até então, só se daria em meados dos anos 1980, e seria empreendida e capitaneada pelas entidades e pelos agentes pertencentes a essa rede” (Landim, 1998: 48). Essa ação visava à busca por uma identidade, que ao longo do final da década de 1980 e, principalmente, durante a década de 1990 até os dias atuais, foi construída e reconstruída, representando uma busca constante pela formação de uma identidade própria e, mais recentemente, da autonomia.

As críticas que acompanham todo o terceiro setor, e especialmente as ONGs, já haviam sido levantadas por Landim (1998: 27):

Deve-se lembrar ainda que as ONGs são mencionadas freqüentemente na temática das novas relações entre Estado e sociedade, com papéis diversos e para o bem ou para o mal: no controle, proposição, co-gestão de políticas públicas; e na execução de serviços, quando são freqüentemente acusadas de substitutas funcionais e estratégicas do Estado no contexto neoliberal.

Atualmente, o problema da sustentabilidade em termos financeiros e do capital humano é um desafio a ser enfrentado pelas ONGs em nosso país. No Brasil, a luta contra

a ditadura militar e a busca pela democracia propiciou a origem e expansão do terceiro setor que, na sua maioria, não enfrentava problemas de sustentabilidade de capital humano e, principalmente, de capital financeiro, pois obtinham financiamentos de doadores estrangeiros públicos ou privados.

Salamon (1997) aponta que as dificuldades de sustentabilidades do setor surgem à medida que a democracia solidifica-se em nosso país, onde os ativistas do terceiro setor saem da clandestinidade para assumir cargos governamentais e os doadores externos deslocam-se para outros países com necessidades mais emergentes. “É nesse sentido que o Terceiro Setor se torna vítima de seus próprios êxitos. Ironicamente, se o Terceiro Setor pode contribuir para a democracia, a curto prazo a democracia pode sugar a força do Terceiro Setor” (Salamon, 1997: 106).

É neste cenário de desafios em termos de sustentabilidade que Salamon e outros autores indicam caminhos para que o terceiro setor supere a crise e crie novas formas de captação de recursos, financeiros, materiais e humanos, seja no do primeiro setor, no do segundo ou até mesmo no próprio terceiro setor. “Se as fontes externas secarem, as internas terão de ser acionadas” (Salamon, 1997: 106).

No que se refere à captação de recursos Camargos (2008: 51) afirma que: “As pessoas físicas são os principais contribuintes do Terceiro Setor na atualidade, tanto como doadores quanto como voluntários. [...] Contudo, o número de investimentos empresariais vem aumentando, e provavelmente deve ultrapassar, em alguns anos, o montante de doações de pessoas naturais”.

Devido à globalização econômica, as empresas têm de ter atitudes dinâmicas e competitivas para sobreviverem. Fatores como qualidade e preço que garantiam o sucesso empresarial há pouco tempo, não funcionam mais. As empresas percebem que a responsabilidade social empresarial, só traz vantagens para si e para toda a sociedade. Sendo assim, estreita-se a relação de obtenção de recursos entre as ONGs e as empresas.

Na busca de viabilidade financeira, aumentam as interações e as alianças das ONGs com o mundo empresarial. Segundo Landim (2002), ainda não está claro o rumo que esse tipo de estreitamento de relações vai tomar, mas já é percebida a sua influência nas exigências de caráter mais utilitarista e produtivista no âmbito das ONGs que atuam nesse espaço relacional:

[...] Talvez haja nesses casos conseqüências de alianças que vêm sendo feitas com o setor empresarial através de financiamentos. Esta última

área de interações é a que chegou mais tarde e, a meu ver, ainda não estão claros os rumos e mesmo as características das relações assumidas entre as ONGs e a filantropia empresarial (Landim, 2002: 35).

Além desse conflito inicial na relação entre os dois setores, proveniente de trajetórias e principalmente de missões de atuação distintas, o determinismo de mercado aumenta a complexidade dessa interação. “Novas dinâmicas e ideários no fim de século que favorecem a expansão da lógica de mercado e têm, no campo social, agentes significativos na área da filantropia empresarial impõem alguma complexidade nessas disputas” (Landim, 2002: 35).

Segundo Cruz (2000), as fontes de financiamento das Organizações Não Governamentais podem ser as mais diversas. A autora aponta a origem e implicações das fontes de recursos possíveis:

1. Indivíduos: recursos podem ser aplicados livremente; oferecem mais envolvimento e podem ser trabalhadores voluntários; agentes legitimadores da organização; podem ser esporádicas ou mensalidades de associados.
2. Empresas: parcerias agregam visibilidade à causa; maiores valores; possibilidade de oferecimento de voluntários especializados.
3. Fundações e Agências Internacionais: dão credibilidade à organização; os valores geralmente vêm de uma só vez; identificação com as ONGs; podem oferecer auxílio e treinamento.
4. Recursos Públicos Governamentais: grandes somas por longos períodos; legitimação e isenções fiscais.
5. Projetos de Geração de Renda: independência e melhor planejamento; geração de emprego; abrem espaço para inovação/criatividade.
6. Eventos: marketing e divulgação; aproximação com a comunidade.
7. Igrejas: divulgação do projeto; identificação com a causa; apoio por longos períodos.

Os principais tipos convencionais de obtenção de recursos financeiros e materiais obtidos pelas Organizações Não Governamentais no meio empresarial são: por incentivos fiscais, doações, patrocínios e transferências orçamentárias.

Camargos (2008: 51-52) classifica em quatro modelos as doações empresariais:

- I. Modelo de produtividade: pelo qual a doação é um modo de aumentar o lucro, pois melhora a imagem pública da empresa com marketing de ações;
- II. Modelo político: tem por objetivo melhorar a imagem do governo que não atende a todas as necessidades da sociedade;
- III. Modelo ético: as empresas socialmente responsáveis não pensam no retorno lucrativo da atividade social, mas no melhor para a sociedade;
- IV. Modelos das partes envolvidas: visa manter boas relações com os consumidores, fornecedores, comunidade e acionistas.

Sustentabilidade financeira, entretanto, não é o único problema a ser enfrentado pelo terceiro setor, talvez o mais grave problema seja a não disponibilidade de recursos humanos. Para enfrentar esse desafio será necessário não só maior participação da sociedade com o trabalho voluntário, mas: “Ao mesmo tempo, terá de prevalecer a noção do Terceiro Setor como carreira e não como simples estação no caminho de volta ao serviço governamental” Salamon (1997:107) .

Camargos (2008), nos mostra que para conquistar sustentabilidade o terceiro setor deve buscar parcerias com todos os setores da sociedade e principalmente com as pessoas físicas. “As pessoas físicas são os principais contribuintes do terceiro setor na atualidade, tanto como doadores quanto como voluntários”(Camargos, 2008: 51).

É nesse sentido que se faz importante a participação das instituições educacionais na formação de profissionais que estejam aptos a trabalhar no terceiro setor como forma de conquista profissional e de um equilíbrio social em busca da cidadania plena.

## **2.4 - VOLUNTÁRIO E A FORÇA DE SEU TRABALHO**

A palavra *voluntário* teria sua origem no adjetivo latino *voluntarius* que, por sua vez, deriva da palavra *voluntas* ou *voluntatis*, cujo significado é a capacidade de escolha ou de decisão. Como adjetivo, foi encontrada sua primeira utilização na língua portuguesa no século XV, com o significado de “espontâneo” (Cunha, 2001:453).

A Organização das Nações Unidas (ONU) define o voluntário como sendo “o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividade, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos” (Coelho, 2002:69).

A Constituição brasileira, por sua vez, através da Lei federal nº 9.608 e do Decreto nº 2.536 considera o trabalho voluntário a “atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada sem fins lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade” (Camargos, 2008:67).

A definição do conceito de voluntariado da ONU é ampla e comporta todos os tipos de pessoas e seus respectivos interesses, todos os tipos de atividades, todas as cargas de tempo possíveis e todas as formas de organização. O único termo que não admite variações é a não remuneração. A definição brasileira se diferencia dessa pelo deslocamento do foco do voluntariado em si para o serviço por ele prestado. Tal serviço aparece como sendo



exercido apenas em entidades organizadas públicas ou privadas, não gerando vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, com ênfase sobre o vínculo contratual entre trabalhador voluntário e as entidades. Bem diferente da definição da ONU que previa “formas de atividades, organizadas ou não”.

Camargo (2008:65) aponta as similaridades entre o trabalho religioso e o trabalho voluntário, os quais seriam formas de trabalho baseadas unicamente na boa vontade individual sem qualquer custo para a organização: “trata-se de atividades prestadas a associações de cunho religioso, ou sem fins lucrativos, sem que haja o elemento remuneração, sendo que tais entidades poderão apenas reembolsar o trabalhador em função de eventuais despesas que este efetuar no desempenho de suas atividades”. Para a autora, a origem do trabalho voluntário na sociedade ocidental, e também no Brasil, tem vínculo religioso. Neste sentido destaca:

O trabalho religioso é o precursor do trabalho voluntário em geral, e emerge justamente após a Revolução Francesa, quando também as atividades clericais são vistas como não passíveis de remuneração material. Com o passar dos anos, a prestação voluntária de serviços foi ganhando maior corpo, destacando-se das meras atividades religiosas para tomar um campo muito mais extenso. (Camargos, 2008:73).

Na Idade Média surge a distinção entre o trabalho profissional, que era visto como sendo o exercício de profissão que merece retribuição terrena, ou seja, salário, e o estado de fé, que seria o trabalho exercido pelo clero à serviço de Deus e da comunidade, do qual se espera retribuição extraterrena. A partir da Revolução Francesa, qualquer pessoa que se sentisse vocacionada poderia desempenhar o trabalho religioso. Todo o trabalho prestado por conta do voto de fé e sentimentos nobres foi considerado trabalho voluntário, assistencial e sem elo de emprego. Atualmente podemos encontrar práticas de ação voluntária ou caridosa influenciadas pelos valores culturais e religiosos em várias partes do mundo (Coelho, 2002: 69-70).

No Brasil, de acordo com Camargos (2008), a fundação da Santa Casa de Misericórdia da Capitania de São Vicente (então Vila de Santos) no ano de 1543 pode ser considerada o marco inicial do trabalho voluntário. Até 1930 as entidades filantrópicas estavam, em sua maioria, ligadas à Igreja Católica quando, então, surgem algumas iniciativas do Estado que culminam com a criação em 1942 da LBA (Legião Brasileira de Assistência, substituída em 1995 pela Comunidade Solidária).

É a partir da década de 1970 com a expansão do terceiro setor que o trabalho voluntário se fortalece em nosso país com o perfil, não apenas religioso, mas ideológico: “se antes a ação voluntária era patrocinada e agenciada basicamente pelas atividades religiosas, a partir da década de 70 – com o incentivo dos movimentos de direitos humanos, civis e sociais – ela passou a ser encarada como uma possibilidade de ação social voltada para o bem público” (Coelho 2002: 74).

Em 18 de fevereiro de 1998 é promulgada a lei nº 9.608 que estabelece as cláusulas para o exercício do trabalho voluntário. De acordo com a lei, para que seja considerado legal, o trabalho voluntário deve ter as seguintes características: ser voluntário e não imposto; ser gratuito; ser prestado por um indivíduo e não por organização da qual ele faça parte; ser prestado para entidade governamental ou privada sem fins lucrativos e voltada para objetivos públicos. No que se refere a sua identificação, o trabalho voluntário deve ser prestado por pessoa física que assine o termo de adesão gratuita e que neste conste o objeto e as condições de seu exercício; que a entidade seja pública ou privada sem fins lucrativos; e que o voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas no desempenho de tais atividades (Camargos, 2008). O trabalho voluntário no terceiro setor se distingue das outras espécies laborativas por ser prestado sem qualquer remuneração e sem vínculo empregatício entre a entidade tomadora e o trabalhador, desde que seja assinado um termo de adesão (Camargos, 2008).

A importância dessa modalidade de trabalho para o terceiro setor fica clara nos argumentos de Camargos (2008:65) ao configurá-la como o mais importante instrumento para que as organizações desse setor consigam manter a prestação de serviços independentemente do volume de arrecadação de recursos:

Por serem espécies de serviços prestados sem qualquer remuneração ao trabalhador, ou seja, que dispensam boa parcela dos custos necessários à realização das atividades exercidas pela entidade tomadora, os trabalhos voluntário e religioso se constituem como forma jurídica a serem largamente utilizadas pelas entidades do terceiro setor no desempenho de suas tarefas de apoio ao Estado na busca pela melhoria das condições de vida na sociedade.

Uma pesquisa feita pelo Data Folha em 2001 em que foram ouvidas 2.830 pessoas em 127 municípios brasileiros demonstrou que 83% dos entrevistados consideram o trabalho voluntário muito importante para o país, embora a grande maioria declare (73%)

nunca ter participado de instituições ou campanhas como voluntário. A disposição para o trabalho voluntário é presente em 41% das pessoas entrevistadas.

Outro dado importante é que quando indagados sobre a importância de doar coisas, de fazer doações em dinheiro ou de trabalhar como voluntário, 60% apontou o trabalho voluntário como mais importante e 58% afirmaram que as doações não substituem o trabalho voluntário. A ONU, reconhecendo a relevância do trabalho voluntário, estabeleceu o ano de 2001 como o Ano Internacional do Voluntário.

O que motiva as pessoas a atuar voluntariamente? Para Coelho (2002:72-73), são duas as motivações básicas para o trabalho voluntário: o altruísmo e o interesse próprio. Com relação à primeira, mais forte e majoritária, o autor afirma que “ocorre quando o indivíduo se sente compelido a ajudar o mais desafortunado e em piores condições de vida, a aderir a uma importante causa social ou a assumir suas responsabilidades com a comunidade” (Coelho, 2002:73). Da mesma forma, Cohen (1964:67) aponta como um dos fatores motivacionais para a prática do voluntariado “um senso de valor pessoal oriundo do desempenho de um papel significativo em satisfazer as necessidades humanas além da intimidade da família e do círculo de amigos pessoais”. Martins Filho (2002 apud Camargos, 2008), por sua vez, restringe os sentimentos que impulsionam o trabalho voluntário à compaixão, à solidariedade e à indignação contra a miséria humana, ou seja, todos de cunho altruísta, conforme classificação de Coelho (2002). A compaixão estaria vinculada à religiosidade e é responsável pelo engajamento, principalmente, em instituições religiosas nas quais a caridade é vista como a maior das virtudes. A solidariedade se expressa na execução de tarefas ou atividades que beneficiem toda a comunidade. A indignação, por fim, direciona-se à militância política, em que a ação voluntária é vista como uma forma de transformar a sociedade. Para a Fundação Abrinq<sup>3</sup> (apud Domeneghetti, 2001:79) o voluntário

Doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, e atende não só às necessidades do próximo, como também aos imperativos de uma causa. O voluntário atende também suas próprias motivações pessoais, sejam elas de caráter religioso, cultural, filosófico ou emocional.

Entretanto, outros motivos podem orientar essa prática, classificados por Coelho (2002) como os de interesse próprio. Esse tipo de motivação pode estar ligado a questões profissionais e de desenvolvimento de habilidades valorizadas pelo mercado de trabalho,

---

<sup>3</sup> Instituição sem fins lucrativos criada em 1990 com o objetivo de mobilizar a sociedade para questões relacionadas aos direitos da infância e da adolescência.

ou a algum tipo de proveito próprio como a participação na construção de uma praça que poderá ser utilizada pela família do voluntário. Coelho (2002: 72) destaca que algumas empresas passaram a ter interesse por pessoas que exerçam algum tipo de trabalho voluntário em virtude de ele se caracterizar “não apenas como um mero estágio, mas como um elemento formador essencial, pois como essas organizações funcionam com pouco dinheiro, o indivíduo é frequentemente obrigado a desenvolver a criatividade, a aprimorar técnicas de gerenciamento, a cumprir mais de uma função, etc.”. Interessante observar que essa perspectiva do trabalho voluntário enquanto capaz de desenvolver habilidades profissionais parece ser responsável, em parte, pelo crescimento e popularização do trabalho voluntário. Na medida em que as empresas valorizam as experiências com o voluntariado, o número de pessoas que busca o engajamento em algum tipo de ação social como forma de aumentar as suas chances de encontrar um emprego se acentua. Neste sentido, Cohen (1964: 67) afirma que o trabalho voluntário traz como subproduto o “desenvolvimento pessoal intelectual e emocional obtido através do treinamento e das novas experiências a que o voluntário se submete”. Mesmo que a atribuição dessa função ao trabalho voluntário possa ser questionada, muitas organizações do terceiro setor parecem utilizar desse argumento como forma de aumentar a sua disponibilidade de recursos humanos.

Geber (1991, apud Azevedo, 2007) destaca que, em um estudo sobre gestão de voluntários nos EUA, as pessoas realizam trabalho voluntário devido a três fatores primordialmente: realização (em dar algo para a sociedade), filiação (conhecer pessoas novas) e poder (forma mais rápida de conseguir uma promoção profissional). Ao pesquisar as motivações dos indivíduos que participam gratuitamente de atividades sociais, Silva (2001, apud Camargos, 2008), por sua vez, aponta que os aspectos destacados são, em geral, de ordem ética assistencial (ajudar pessoas carentes), humanitárias (contribuir com o próximo na busca do crescimento espiritual), política (exercício da cidadania) e profissional (como forma de praticar conhecimentos adquiridos na universidade e pela possibilidade de emprego no terceiro setor). Estas pesquisas nos revelam motivos tanto de cunho altruísta quanto os relacionados ao interesse pessoal reforçando o argumento dos encontrados na literatura.

Além das pessoas, as empresas parecem ter despertado para a questão do voluntariado. Alguns autores como Camargos (2008) chamam essa iniciativa de voluntariado empresarial e argumentam que o seu crescimento tem se demonstrado mais

sólido do que aquele exercido por pessoas físicas. A autora demonstra dados de uma pesquisa feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas (SEBRAE), que abordou 600 empresas de 107 municípios, em 21 Estados onde 65% das pequenas e microempresas apóiam o voluntariado, inclusive dispensando seus funcionários durante o expediente para realização de ações sociais da empresa na comunidade. Evidentemente, as razões para o engajamento de empresas em causas sociais podem ser muito mais facilmente relacionadas ao interesse de legitimar a organização perante a comunidade em que atua. O próprio manual do Instituto Ethos<sup>4</sup> expressa essa idéia ao colocar que:

O voluntariado empresarial é uma rota estratégica que traz ganhos para a empresa, a comunidade e os funcionários. Do lado social, permite reduzir problemas que aflijam verdadeiramente a comunidade, resultando em melhorias na qualidade de vida, ajudando a construir uma sociedade mais saudável e trabalhando, em última instância, *em favor da perpetuação das atividades da empresa*. No âmbito dos negócios, programas do voluntariado empresarial auxiliam no *desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais, promovem a lealdade e a satisfação com o trabalho, ajudam a atrair e a reter funcionários qualificados*. Também podem contribuir para que a empresa *promova a sua marca ou melhore a reputação dos seus produtos* (Instituto Ethos, 2001:25, sem grifo no original).

Camargos (2008:78) alerta para os perigos das relações estabelecidas entre o mercado e o trabalho voluntário ao colocar que o marketing social e a mídia de massas podem transformar a ação social voluntária em mercadoria: “aqueles que buscam nesta atividade uma experiência profissional estão preocupados com o mercado e não com a condição humana, revelando individualismo utilitarista em vez de solidariedade. A ação social é apresentada como bem de consumo para a felicidade individual, mais do que como dever moral com o próximo.

Mesmo que as razões para que as empresas se envolvam em ações sociais como os programas de voluntariado empresarial pareçam funcionais, as implicações de motivações semelhantes nas pessoas que exercem o voluntariado podem ter resultados muito mais comprometedores para as organizações não-governamentais que dependem dessa força de trabalho. Isso porque se não houver um mínimo de compartilhamento de valores entre o voluntário e a organização, ou a causa por ela defendida, dificilmente ocorrerá o comprometimento necessário para que as atividades do dia-a-dia sejam realizadas, fazendo

---

<sup>4</sup> Organização sem fins lucrativos, caracterizada como Oscip (organização da sociedade civil de interesse público) cuja finalidade é mobilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável.

com que as pessoas abandonem o trabalho na primeira dificuldade que aparecer. Neste sentido, Camargos (2008:67) afirma:

Com efeito, o elemento essencial do trabalho voluntário é o fato de ser prestado de forma gratuita e em comunhão com os interesses entre o trabalhador e a entidade que se aproveita de tal trabalho. Ao contrário, ambos têm os mesmos interesses naquela atividade e unem esforços para atingir os mesmos objetivos sociais

Algumas características do trabalho voluntário nos ajudam a entender porque suas peculiaridades exigem um compartilhamento de valores com a organização que vai além das relações contratuais estabelecidas nas relações trabalhistas tradicionais. Domeneghetti (2002), por exemplo, destaca algumas características que devem estar presentes na atitude do voluntário como discrição, assiduidade, pontualidade, responsabilidade, boa vontade, paciência, prontidão e iniciativa. A autora indica alguns requisitos necessários para uma pessoa se tornar um voluntário:

- Equilíbrio no servir: ter a medida certa para não exceder nem se desgastar emocionalmente, executando suas tarefas com parcimônia e mansidão;
- Desprendimento para tolerar aborrecimentos – quando se trabalha em equipe, é muito freqüente que as opiniões sejam diferentes e alguns entraves apareçam durante a execução do trabalho. O voluntário não deve se desmotivar pelas dificuldades;
- Obediência e hierarquia: todo trabalho para ter sucesso tem que seguir embasado numa hierarquia de tarefas e funções, sem a qual o voluntário fica desorientado, não sabendo o que fazer, como fazer etc. A hierarquia dentro de um voluntariado baseia-se na maior disponibilidade de horas para trabalhar, e na boa vontade de assumir um maior número de responsabilidades;
- Humildade e perseverança: quando se tem a consciência de que iremos colocar nossos dons e talentos à disposição de necessitados (pessoas e obras), nasce rapidamente a idéia de humildade, porque num trabalho como esse, o ser humilde em servir é uma condição *sine qua non* (Domeneghetti, 2002: 330).

Na visão de Domeneghetti (2002:329), o voluntário é aquele que exerce a caridade preocupado com justiça social: “ser voluntário, doar-se a uma causa, é ter no coração o dom do amor, o dom da caridade, da solidariedade, enfim, o dom de servir. É ter

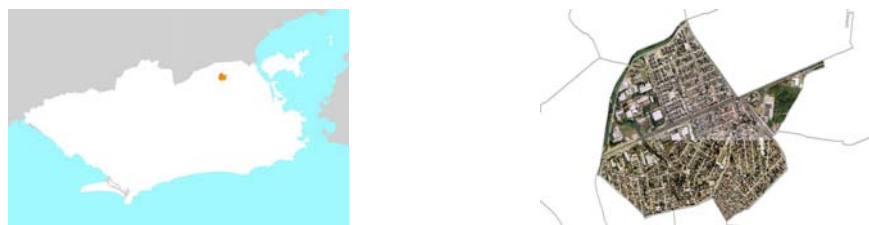
consciência de estar prestando um serviço à sociedade, ao seu próximo, cumprindo o papel de cidadão consciente”.

A autora enquadra os voluntários em três categorias: voluntários de gestão, voluntários de atuação e voluntários externos. Os voluntários de gestão atuam no gerenciamento da entidade como membros do Conselho Consultor, membros do Conselho Fiscal ou membros da Diretoria Executiva. Os voluntários de atuação são aqueles que auxiliam operacionalmente os voluntários de gestão a cumprir a missão da entidade e também lidam diretamente com os usuários da instituição. E os voluntários externos são convocados esporadicamente para reuniões, que antecedem sua atuação, dando suporte ao trabalho externo.

### 3 – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

#### 3.1- BAIRRO DE COELHO NETO

Figura 1 – Mapa do Bairro de Coelho Neto



Fonte: site da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro

Coelho Neto é um bairro localizado na zona Norte do município do Rio de Janeiro, com 32.052 habitantes, o que corresponde a 0,54% da população total da cidade. Do total de sua população, 17.039 são do sexo feminino e 15.013 são do sexo masculino.

É essencialmente urbanizado e, embora represente 16,26% do contingente populacional de todos os bairros da XV Região Administrativa – Pavuna – do Rio de Janeiro, não conta com os principais aparelhos culturais e de lazer que alguns outros bairros da cidade têm disponíveis.

Não possui cinemas, teatros, clubes, livrarias, centros culturais, universidades ou shopping centers, o que o caracteriza como um bairro dormitório, o típico lugar onde seus moradores saem pela manhã para trabalhar em outras regiões da cidade, retornando apenas à noite e sem a possibilidade de lazer nos finais de semana.

Embora conte, no âmbito da cultura, com uma escola de samba, uma biblioteca comunitária e a assistência de três ONGs locais, ainda não consegue proporcionar aos seus jovens – mais de 25% da população total – maior atratividade para que estes se mantenham no bairro e vejam nele a possibilidade de lazer, cultura e desenvolvimento local.

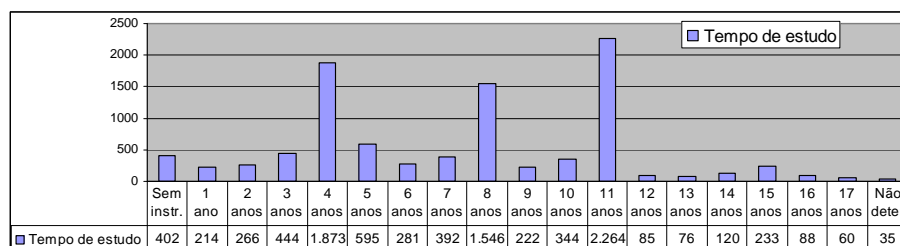
Segundo site oficial da prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, apesar de contar com 12 escolas públicas, mais de 43% de toda a sua população possui menos de oito anos de estudo, além disso, a renda per capita é metade da renda do Estado do Rio de Janeiro – R\$ 298,00 – possuindo elevada taxa de desemprego.

A imagem que melhor caracteriza o bairro hoje – a partir dos dados oficiais coletados diretamente da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – o define como um lugar onde a população possui baixas renda (pobreza) e escolaridade, além de dispor de



pouquíssima atividade cultural e de lazer. Lugar onde o tráfico de drogas é presença marcante e as alternativas de emprego são escassas e há um baixo associativismo entre seus moradores. No gráfico abaixo podemos perceber como o ambiente educacional do bairro de Coelho Neto por tempo de estudo:

Gráfico 1 – Tempo de estudo da população de Coelho Neto



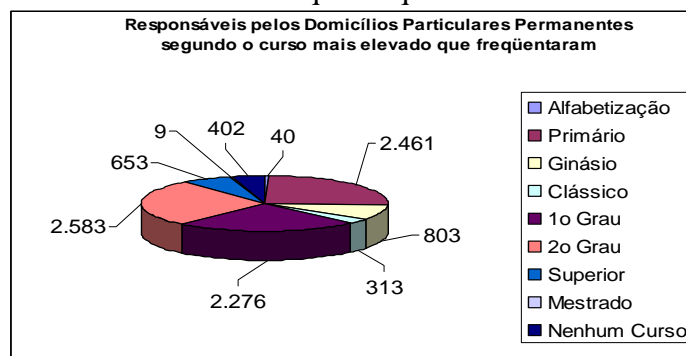
Fonte: [www.rio.rj.gov.br/ipp](http://www.rio.rj.gov.br/ipp)

Segundo dados da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Coelho Neto constam um total de 9.589 domicílios, sendo: 9.540 são particulares permanentes, 30 são particulares improvisados e 15 são coletivos.

Dos 9.540 domicílios particulares permanentes, 5.866 são casas, 3.617 são apartamentos e 57 são cômodos. Sendo que: 6.465 são próprios quitados, 1.567 são próprios em aquisição, 1.217 são alugados, 39 são cedidos pela empresa, 180 cedidos por outra forma e 72 são de outras condições.

A escolaridade dos responsáveis destes domicílios é baixa, como toda a população. O gráfico abaixo mostra dados interessantes no tocante a escolaridade desses responsáveis. O segundo grau é o curso mais elevado da maioria desses responsáveis seguido não pelo primeiro grau, mas sim, pelo curso primário:

Gráfico 2 – Responsáveis pelos domicílios permanentes segundo o curso mais elevado que freqüentam.



Fonte: [www.rio.rj.gov.br/ipp](http://www.rio.rj.gov.br/ipp)

A tabela a seguir demonstra a renda dos responsáveis por domicílios no bairro de Coelho Neto:

Tabela 3 – Renda dos responsáveis pelos domicílios particulares permanentes

Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes	
Total	9.540
Total com Renda	8.781
Responsáveis pelos Domic. Partic. Permanentes segundo a Renda Nominal Média em Salários Mínimos	
Até 1/2	27
de 1/2 a 1	1.053
de 1 a 2	1.522
de 2 a 3	1.388
de 3 a 5	2.078
de 5 a 10	2.167
de 10 a 15	366
de 15 a 20	116
acima de 20	64

Fonte: [www.rio.rj.gov.br/ipp](http://www.rio.rj.gov.br/ipp)

A tabela abaixo mostra a realidade da região em que o bairro de Coelho Neto se encontra ao oferecer dados que nos permite comparar a situação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos bairros da cidade do Rio de Janeiro onde o ponto de referência é o bairro da Gávea que tem o melhor IDH e o Complexo do Alemão onde se encontra o pior IDH da cidade.

Tabela 4 – Comparação do IDH

Nº	Bairro ou grupo de bairros	Esperança de vida ao nascer (em anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Taxa bruta de frequência escolar (%)	Renda per capita (em R\$ de 2000)	Índice de Longevidade	Índice de Educação	Índice de Renda	Índice de Desenvolvimento Humano
						IDH-L	IDH-E	IDH-R	IDH
1	Gávea	80,45	98,08	118,13	2139,56	0,924	0,987	1	0,97
77	Rocha Miranda	70,99	96,62	87,07	338,1	0,766	0,934	0,745	0,815
85	Coelho Neto	70,86	96,88	84,77	299,89	0,764	0,928	0,725	0,806
88	Honório Gurgel	69,88	96,56	88,09	303,98	0,748	0,937	0,727	0,804
99	Pavuna	69,27	95,96	82,51	286,38	0,738	0,915	0,717	0,79
124	Acari, Parque Colúmbia	63,93	91,68	79,44	174,12	0,649	0,876	0,634	0,72
125	Costa Barros	63,93	91,34	74,09	175	0,649	0,856	0,635	0,713
126	Complexo do Alemão	64,79	89,07	72,04	177,31	0,663	0,834	0,637	0,711

Fonte: <http://www.camara.rj.gov.br/boasvindas/rjbv2/rio1.htm>

### 3.2 - PAN-AMERICANA S/A INDÚSTRIAS QUÍMICAS



Figura 2 – Logomarca da Empresa

A Pan-Americana é uma empresa que busca à inovação tecnológica e o pioneirismo no programa químico industrial brasileiro. Fundada em 29 de julho de 1948, instalou a sua primeira unidade fabril no distrito industrial da Fazenda Botafogo, atualmente Honório Gurgel – Rio de Janeiro. A empresa logo se destacou como produtora de cloro e soda no estado e como única fabricante de sulfeto de sódio por via eletrolítica da América Latina.

Em 1977, a Pan-Americana instalou e começou operar a primeira planta de potassa cáustica e carbonato de potássio da América Latina. Em 1988, a empresa ingressou no

campo das especialidades químicas, implantando a sua segunda unidade de produção no Rio de Janeiro, desta vez no Distrito Industrial de Santa Cruz.

Atualmente, a PAN, como é também conhecida, é a única produtora de cloro e álcalis no Estado do Rio de Janeiro, e líder absoluta dos mercados de potassa cáustica e carbonato de potássio da América Latina. Com sede no centro da cidade do Rio de Janeiro, mantém um escritório comercial na cidade de São Paulo e representação comercial em Buenos Aires, na Argentina.

A produção da unidade de Honório Gurgel depende diretamente do estado de conservação e limpeza do leito e das margens do Rio Acari. A água captada do rio é devidamente tratada para uso na planta industrial e a ele devolvida totalmente limpa, sob a forma de efluente. A Pan promoveu o trabalho de recuperação e dragagem do Rio Acari em conjunto com a Fundação Instituto das Águas do Município do Rio de Janeiro – Rio Águas –, assim como firmou parceria com a COMLURB – Companhia Municipal de Limpeza Urbana –, custeando a instalação de um ponto de recepção de entulhos – Ecoponto – ao lado de sua fábrica, tendo como objetivo manter limpos o leito e das margens do rio.

### **3.2.1-PROGRAMA PORTAS ABERTAS**

No bairro de Honório Gurgel, que fica próximo a Coelho Neto, está instalada a sede da Indústria Química Pan-Americana que promove encontros eventuais com lideranças locais em seu programa Portas Abertas. Em 2005, a ONG Colcha de Retalhos inicia sua participação nas reuniões. Propondo reuniões mensais na sede da empresa com as lideranças locais, a Colcha de Retalhos buscou uma maior aproximação para debates sobre a importância da legalização das instituições do terceiro setor na região e seus benefícios. No final do ano de 2006, vinte e quatro instituições estavam legalizadas ou em processo de legalização.

Através da parceria entre SEBRAE, Indústria Química Pan-Americana e Colcha de Retalhos as lideranças locais foram capacitadas em gestão social, empreendedorismo e liderança na tentativa de internalização de um novo modo de ação e diálogo entre todos os três setores da sociedade local.

O desdobramento dessas reuniões resultou em um grupo, do qual a ONG Colcha de Retalhos é componente, com públicos e áreas de atuação bem definidas, sem que nenhuma instituição perdesse sua identidade, proporcionando um trabalho coeso, unindo forças para

um desenvolvimento social sustentável. As áreas definidas pelo grupo são: educação, cultura, mercado de trabalho, esporte, saúde preventiva, meio ambiente e comunicação.

Nos encontros mensais, as instituições trocam informações, cooperação, promovem atuação em conjunto, seja pleiteando melhorias com o primeiro setor por meio de solicitações à Prefeitura do Rio de Janeiro ou organizando eventos para divulgação e venda de artesanatos e promovem mutirões na comunidade. Assim, por exemplo, uma instituição que desenvolve um trabalho com alfabetização e cultura para a terceira idade, dá apoio técnico à outra em seu curso de alfabetização para os responsáveis das crianças atendidas em seu projeto de apoio escolar infantil e ambas apóiam o projeto de outra instituição de conscientização ambiental. Assim uma verdadeira colcha de retalhos social vai se costurando ao longo dessas parcerias.

Atualmente, as decisões relativas às ações sociais da Indústria Química Pan-Americana S/A, as prioridades em relação aos projetos e obras sociais são definidas em reuniões mensais entre a diretoria da empresa e os líderes comunitários, evidenciando uma bem-sucedida política participativa evitando competições entre as instituições participantes do programa social da empresa.

A parceria entre a Pan-Americana e o projeto “Desenvolvimento Social: uma colcha de retalhos” está em processo de construção com a primeira fase consolidada com o projeto Costurando as Letras e caminha para a consolidação do projeto Tecendo sua Renda. O que é importante analisar é o ponto de partida ter sido dado por uma pequena ONG e uma empresa de médio porte. Neste sentido é importante que a empresa e a ONG tenham total transparência de suas atividades.

A Pan-Americana tem seu Balanço Social<sup>5</sup> – elaborado pelo modelo sugerido pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, que é uma organização não-governamental criada em julho de 1998, com a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa. O Instituto Ethos, tem hoje 1.087 empresas associadas em diferentes setores e portes.

A busca pelo reconhecimento como empresa-cidadã requer uma aproximação com o cidadão local inserido na sociedade onde a mesma busca seus clientes, funcionários,

---

<sup>5</sup> Balanço Social é um demonstrativo publicado anualmente pela empresa reunindo um conjunto de informações sobre os projetos, benefícios e ações sociais dirigidas aos empregados, investidores, analistas de mercado, acionistas e à comunidade. É também um instrumento estratégico para avaliar e multiplicar o exercício da responsabilidade social corporativa.

fornecedores e outros insumos necessários para sua operação. Esta aproximação, em parceria com o Estado e o Terceiro Setor, pode ser um caminho para a consolidação da participação e da cidadania.

Ser cidadão, de acordo com Jaime Pinsky , Carla Bassanezi Pinsky (2003:9), “é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, é participar do destino da sociedade, votar, ser votado, é ter direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranqüila.”

Quem sabe ser esta parceria, entre a ONG Colcha de Retalhos e o projeto de responsabilidade social de uma média empresa como a Pan-Americana S/A, um bom exemplo para a consolidação da cidadania e o desenvolvimento social em tempos de globalização?

### 3.3- ONG Colcha de Retalhos



Figura 3 – Logomarca da ONG

A Organização Não Governamental, objeto deste estudo, é denominada Colcha de Retalhos, CNPJ 06196404/0001-89 foi fundada em 12 de outubro de 2000. Sua sede é na Rua Guaxindiba, 240 fundos – Coelho Neto – CEP: 21.511-410, na cidade do Rio de Janeiro, telefone 021 - 3453-7742, e-mail [colchaderetalhos@colchaderetalhos.org.br](mailto:colchaderetalhos@colchaderetalhos.org.br) e site [www.colchaderetalhos.org.br](http://www.colchaderetalhos.org.br) (em construção). A instituição tem Inscrição Municipal nº 360.211-7, Inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) nº 729 e no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA) nº 30-30/2007. É uma associação civil, de Direito Privado, sem fins lucrativos, de caráter social e de utilidade pública, voltada essencial e prioritariamente para uma atuação que valoriza o ser humano e as formas de vida coletiva, principalmente, as famílias e as comunidades locais.

Em 02 de outubro de 2000, um grupo de moradores começou a ordenar-se no bairro de Coelho Neto, no subúrbio do Rio de Janeiro, com a finalidade de realizar uma festa para

o Dia das Crianças. Entretanto, todos partilhavam de um mesmo ideal: que ia além deste objetivo inicial, a melhoria da rua em que viviam. Assim, a mobilização foi imediata: o que seria apenas uma união para realizar uma festa tornou-se um grupo com um ideal e disposto a envidar todo e qualquer esforço necessário para atingir o objetivo de mudar a rua na qual residiam.

Mas essa união não foi fácil, pois o grupo, constituído de aproximadamente 30% dos moradores das Ruas Guaxindiba, Imbé, Macabú, Jatuáia, Mambucaba e Miron Clark, não sabia conciliar desejos individuais e coletivos. A solução que encontramos foi promover encontros semanais com todos os participantes, para discutir e deliberar em grupo todos os assuntos de relevância. Mesmo com tantas diferenças, estávamos dispostos a trabalhar juntos para mudar as ruas nas quais residíamos.

Estas ruas fazem parte do bairro de Coelho Neto, periferia da cidade do Rio de Janeiro. Região com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com índices significativos de violência, consideráveis índices de desemprego lícito, de dependentes químicos, de evasão e baixo rendimento escolar, de mulheres chefe de famílias e de analfabetismo. O local utilizado para os encontros iniciais era um galpão, parte do imóvel pertencente à família da pesquisadora. No início, este galpão estava totalmente inadequado para o desenvolvimento dos trabalhos, entretanto, isto não desmotivou o grupo. Todos se mobilizaram e logo o lugar passou a ter condições básicas para o início das reuniões.

Após várias reuniões que, ocorriam semanalmente, e efetivamente não levaram a nenhuma decisão concreta, mas que serviram de aproximação entre os integrantes do grupo, deliberou-se que seria importante que cada participante fizesse uma lista de problemas em ordem de prioridade.

Assim, após longa negociação, foi elaborada uma lista única com os principais problemas na seguinte ordem:

- I. Violência;
- II. Sujeira;
- III. Falta de iluminação;
- IV. Falta de área de lazer;
- V. Falta de transporte público.

A violência foi o maior problema apontado por todos, sendo assim, a Rua Guaxindiba foi eleita para o início dos trabalhos, devido seu nome ser referência na região, e até em letras de músicas de funk, como ponto forte do tráfico de drogas.

O grupo entendeu que não tinha forças, apoio e nem poder para enfrentar o primeiro problema da lista, a violência, mas que o segundo problema, a sujeira, era, na grande maioria, culpa dos próprios moradores.

Como nos mostra a figura abaixo, era comum encontrarmos lixo por quase todas as calçadas e uma quantidade grande de carros depredados, que na sua maioria, era proveniente de roubos e servia de esconderijo de drogas, de armas e até de corpos que eram carbonizados.

Figura 4 – Lixos nas calçadas



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Assim, a etapa seguinte era acabar com a sujeira da Rua Guaxindiba. O horário escolhido pelo grupo para o trabalho de mobilização de limpeza da Rua Guaxindiba foi no domingo pela manhã. Não deu certo, nem o início da rua foi totalmente limpo. Primeiro, por ter feito um sol escaldante no dia, o que provocou desistência de muitos. Segundo, o grupo não levou em conta que, muitos moradores da Rua Guaxindiba são evangélicos e participam de suas igrejas neste horário.

Após o primeiro momento de decepção, por não termos conseguido resolver nem o problema de sujeira que nós mesmos provocamos, marcamos nova reunião para montarmos nova estratégia. Ficou decidido que iríamos tentar limpar a Rua Guaxindiba, mais uma vez, no horário da noite em uma quarta-feira. Foi um sucesso! Primeiro, pelo número de participantes, pois neste horário estavam em casa quase todos os membros das famílias, o que proporcionou um momento alegre de interação entre adultos e crianças. Segundo, pelo calor que fazia naquela noite, que fez com que os moradores que normalmente ficavam trancados dentro de suas pequenas casas sofrendo com o calor, por



medo da violência, desfrutassem o gostinho da liberdade noturna. E por fim, pelo grupo ter descoberto que o nosso caminho de mobilização tinha que ser: fazer por prazer! Deste momento em diante, toda mobilização proposta pelo grupo tinha um quê de festa.

Paralelo ao trabalho externo de limpeza da rua, o grupo de moradores desenvolvia um trabalho de leitura de histórias infantis duas vezes por semana. As crianças, por não terem mesas e cadeira, se amontoavam em um tapete próximo a uma pequena estante com livros doados pelos participantes do grupo e os adultos ficavam de pé, como mostra a foto abaixo. Neste período, por falta de estrutura da sede, o grupo priorizou os trabalhos externos.

Figura 5 – Sede da Colcha de Retalhos no ano de 2001



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Mesmo tendo conseguido vencer a etapa da mobilização de limpeza da Rua Guaxindiba, o grupo de moradores, que neste momento já se intitulava amigos do bairro, não conseguia manter, nem por uma semana, as calçadas limpas e nem a retirada total dos carros depredados da rua. A saída encontrada pelo grupo foi:

- I. Ocupar as calçadas com jardins;
- II. Construir uma academia popular com sucatas;
- III. Fazer um trabalho de educação com moradores e carroceiros<sup>6</sup>.

A foto abaixo mostra o resultado do trabalho de limpeza e transformação de uma calçada na esquina das Ruas Guaxindiba e Jatuáia, que antes era considerada pelos

<sup>6</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, são chamados de carroceiros, os profissionais autônomos que recolhem lixo domiciliar como entulhos, móveis velhos, pneus, etc., utilizando uma carroça puxada por cavalo.

participantes do grupo como a mais poluída, em um jardim e uma academia popular totalmente construída com sucatas.

Figura 6 – Jardim na calçada



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Figura 7 – Academia popular



O trabalho de ocupação e jardinagem não foi tão difícil quanto o de conscientização dos carroceiros em não jogar lixo nas calçadas e nem no rio do bairro. A solução encontrada foi procurar a Companhia de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (COMLURB) e solicitar a implantação de um ponto de depósito de lixo adequado para os carroceiros do bairro. É neste momento, quase um ano após o início das atividades, que o grupo de moradores se depara com a primeira dificuldade por não ser uma instituição registrada. Como moradores tínhamos o direito de reclamar do lixo nas calçadas, mas como grupo não tínhamos o direito de solicitar parceria com a COMLURB para propor a solução do problema.

Assim, no ano de 2001, depois de muitas rifas e festas como forma de arrecadar verba para manter os custos do registro da organização, iniciam-se os debates para a formalização do grupo. No início, pensou-se em associação de moradores, idéia logo descartada pela influência que o tráfico de drogas exerce atualmente nestas instituições na região. Assim, o grupo inicial de 12 moradores que intitulava-se amigos do bairro, decidiu pela formalização através de organização não governamental denominada Colcha de Retalhos. A data de fundação foi retroativa, como forma de registrar o dia 12 de outubro de 2000 como o início de nossa união.

A Colcha de Retalhos é uma metáfora utilizada para expressar como, através de uma filosofia, conseguimos “costurar” as diferentes pessoas, formando um todo que luta por objetivos semelhantes. As pessoas seriam então como os retalhos de pano, que se unindo a outras formariam um grande e expressivo grupo.

Cabe ressaltar que ao acentuar a importância desta união, do coletivo, não há uma expectativa em sobrepor o institucional ao individual. Pelo contrário um dos referenciais defendidos por seus componentes é o de estabelecer uma relação harmônica entre o individual e o social, entre o singular e o plural, onde todos possam conquistar seus espaços de manifestação e afirmação.

Com a formalização foi possível realizar um trabalho em parceria com a COLURB na conscientização dos moradores e carroceiros do bairro. Após quatro meses de encontros semanais, enfrentando muita resistência por parte dos carroceiros por medo de repressão pela prefeitura, foram cadastrados aproximadamente 90% dos carroceiros que atuavam no bairro.

Após este cadastro, iniciou-se um curso de dois meses ministrado pela COMLURB na sede da ONG Colcha de Retalhos, que proporcionou: orientação para o recolhimento do lixo, local adequado para seu depósito, uniformes e novas carroças para os carroceiros que trabalhavam de acordo com as metas propostas pelo curso. A foto abaixo mostra a primeira carroça e uniforme que foram entregues na primeira turma de carroceiros.

Figura 8 – 1ª turma do curso de carroceiros



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

A visível da limpeza das ruas motivou a ONG Colcha de Retalhos a lutar, junto com os moradores, por meio de abaixo assinado, pela arborização, iluminação e limpeza periódica pela COMLURB das seis ruas no entorno de sua sede e o registro da Rua Jatuáia como rua oficial de lazer. Atualmente, os moradores mantém as calçadas limpas, a COMLURB faz a coleta periódica do lixo domiciliar e mensalmente faz uma limpeza geral das ruas e calçadas.

Nas fotos abaixo, é possível perceber que a mudança não ocorreu apenas nas ruas, mas nas casas que aos poucos estão sendo reformadas.

Figura 9 e 10– Transformação das calçadas ano 2001 e ano de 2008



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Em agosto do ano de 2003, a ONG Colcha de Retalhos promoveu uma feira de artes na rua para arrecadar fundos e comemorar a conquista da formalização da Rua Jatuáia como rua de lazer oficial. Na festa, além de barraquinhas com quitutes, bazar de artesanatos, exposições de fotos dos trabalhos realizados no bairro, das ações sociais e das apresentação das atividades de artes, foram distribuídos vários brindes para as crianças. No final da festa apresentaram-se vários grupos locais de dança, a banda de música de uma escola do bairro e o grupo folclórico da UERJ, fazendo uma apresentação de Maracatu e Maculelê, que não agradou em nada a ala evangélica do bairro.

Durante a preparação desta festa, houve um impasse sobre os tipos de danças que seriam apresentadas: funk ou danças folclóricas. Como forma de resolver o problema os participantes decidiram por fazer uma votação, entre os moradores que participavam da organização da festa e fundadores da Colcha de Retalhos. O resultado final da votação proibia a apresentação do funk, muito associado por alguns moradores às festas promovidas pelo tráfico de drogas no bairro, e a permissão de apresentação de dança folclórica justificada pela data da festa ser no mês de agosto mês que se comemora o folclore.

Nos dias que sucederam à festa, alguns moradores, principalmente evangélicos, deixaram de falar com os participantes da ONG Colcha de Retalhos, o que provocou um sério problema interno. Na semana seguinte, mais da metade dos moradores participantes informaram que se desligariam da ONG, pois não queriam se envolver com “macumba”.

Foram meses difíceis, que nos ensinaram que muitos “retalhos” passariam por essa “Colcha” e que apenas alguns permaneceriam firmes em seu ideal, junto aos fundadores, nos momentos de tensão.

Voltando praticamente a estaca zero, devido a saída da maioria dos participantes e a rejeição da ala dos moradores evangélicos, que na época eram maioria, a ONG Colcha de Retalhos, decide enfrentar o preconceito por meio da educação. Dois fundadores da Colcha de Retalhos convidam um pequeno grupo de amigos e parentes, estudantes universitários, para montar um pré-vestibular comunitário com o objetivo de abordar temas como: cidadania, ética, não-violência, filosofia, cultura Afro-Brasileira e política.

Apesar de muita divulgação, não foi possível formar nenhuma turma. Ficamos dois meses nos culpando ou mudando de estratégia de divulgação que não surtiavam efeitos. Desistimos do curso do curso pré-vestibular comunitário e passamos a promover reuniões semanais sobre temas ligados à cidadania e à educação.

Em janeiro do ano de 2004, um grupo de cinco adolescentes, que eram participantes das reuniões semanais sobre educação, nos sugeriu a criação de um curso pré-técnico que em duas semanas já estava lotado. Sem perder o foco no objetivo de abordar os temas inicialmente propostos para o curso pré-vestibular, o curso pré-técnico, mesmo sem estrutura adequada, funcionou por todo o ano com duas turmas. Mesmo com a falta de uma lousa, o apagador ser substituído por uma flanela, o bebedouro ser substituído por garrafas pet com água filtrada, mas nem sempre gelada, com apenas um banheiro, a sala ter telhado de amianto e sem ventiladores, os alunos e professores estavam muito motivados e o clima das aulas era sempre bem descontraído.

Os professores não recebiam nenhuma remuneração para ministrar as aulas. As doações feitas pelos alunos e os participantes da Colcha de Retalhos eram destinadas para pagamento de despesas de administração da ONG, lanches e, algumas vezes, passagens para os professores voluntários. A foto a seguir mostra ao fundo o quadro azul utilizado no curso: uma mesa de ping-pong cedida por um dos alunos para ser utilizada como lousa na hora das aulas.

Em poucos meses de curso, os participantes da Colcha de Retalhos, que agora intitulavam-se voluntários, perceberam que o curso de pré-vestibular não deu certo por não ter sido levado em conta que a maioria da população do bairro não chegava nem ao ensino médio.



Figura 11 – 1ª turma do curso pré-técnico



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Com atividades internas e externas, a Colcha de Retalhos começa a ter problemas financeiros. A saída encontrada foi montar um curso básico de informática para arrecadar verba e dar continuidade aos trabalhos. Com apenas quatro computadores emprestados pelos voluntários da Colcha de Retalhos, dois instrutores de informática voluntários, que davam aulas duas vezes por semana e uma mensalidade que não podia ultrapassar o valor de 9% do salário mínimo, o curso de informática não só resolveu o problema financeiro como divulgou a Colcha de Retalhos por todo o bairro. Aos poucos os computadores foram sendo devolvidos e substituídos por outros que eram montados com peças usadas doadas pela comunidade.

Mesmo sem perder o foco no local, a ONG Colcha de Retalhos começa a buscar não apenas mudanças das ruas no seu entorno e sim no bairro. Usando a mesma estratégia da limpeza das ruas, o segundo maior lixão clandestino da cidade do Rio de Janeiro, que ficava próximo à sede da ONG Colcha de Retalhos, foi transformado em espaço de lazer e cidadania. O lixão era o antigo jardim de uma fábrica de artefatos de couro chamada Fábrica Mundial que faliu na década de 1980. O prédio e o estacionamento da fábrica foram depredados e transformados nas favelas da Mundial e Parque Bela Vista, respectivamente. A primeira foto mostra a grande quantidade de lixo que os caminhões da COLURB tiveram que retirar. Na segunda foto mostra-se a participação de adultos e crianças na construção de um jardim todo marcado com pedras de paralelepípedo.

Figura 12 – Lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Figura 13 – Limpeza do lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

A parceria entre a ONG Colcha de Retalhos, COMLURB, comércio local, posto de saúde do bairro e moradores vizinhos tornou possível, em apenas seis meses, transformar o lixão em área de lazer e promover uma ação de cidadania, realizada no dia 05 de junho de 2004, como forma de comemoração pelo dia mundial do meio ambiente.

Esta ação de cidadania, intitulada de Social na Mundial, promoveu distribuição de mudas de plantas de jardim, aferição de pressão arterial, teste de glicemia, distribuição de preservativos e panfletos informativos sobre DST e AIDS entre outros serviços.

Figura 14 – Ação de cidadania no antigo lixão no terreno invadido da fábrica Mundial Artefatos de Couro



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Um mês após a ação de cidadania, Social na Mundial, a Colcha de Retalhos em parceria com várias instituições e moradores da região convidou o prefeito da cidade do Rio de Janeiro na época, César Maia, para fazer uma visita ao local da antiga fábrica Mundial Artefatos de Couro. Após ouvir as reivindicações dos moradores o prefeito prometeu desapropriação do terreno para futura construção de uma Vila Olímpica.

O terreno logo foi desapropriado, mas a obra da Vila Olímpica não começava. Devido à demora do início da obra, foi criada uma comissão de moradores para cobrar uma resposta da prefeitura. Para nossa decepção, a comissão foi informada que devido a uma briga judicial entre os antigos funcionários e os herdeiros da fábrica a obra não poderia ser realizada.

Além da decepção de saber que o terreno da antiga fábrica Mundial não poderia ser transformado em Vila Olímpica, a Colcha de Retalhos passa por mais um momento difícil. Em nossa reunião semanal, que era realizada todas as quartas-feiras às 20h, recebemos a visita de um senhor que intitulava-se atual representante da associação de moradores da favela da Mundial. Após meia hora de conversa, nada amigável, fomos informados que não podíamos fazer mais eventos naquela área, que pertencia a um comando diferente do comando da Guaxi<sup>7</sup>. Tentamos argumentar dizendo que a ONG Colcha de Retalhos não tinha nenhum envolvimento com o tráfico, mas ele apenas nos respondeu: “Vocês podem não ter, mas nós temos”.

Os fundadores da ONG colcha de Retalhos, após várias reuniões, decidiram por trabalhar mais em projetos de educação a serem desenvolvidos em nossa sede e pelo

<sup>7</sup> Termo usado por pessoas envolvidas no tráfico de drogas para se referir ao tráfico da Rua Guaxindiba.

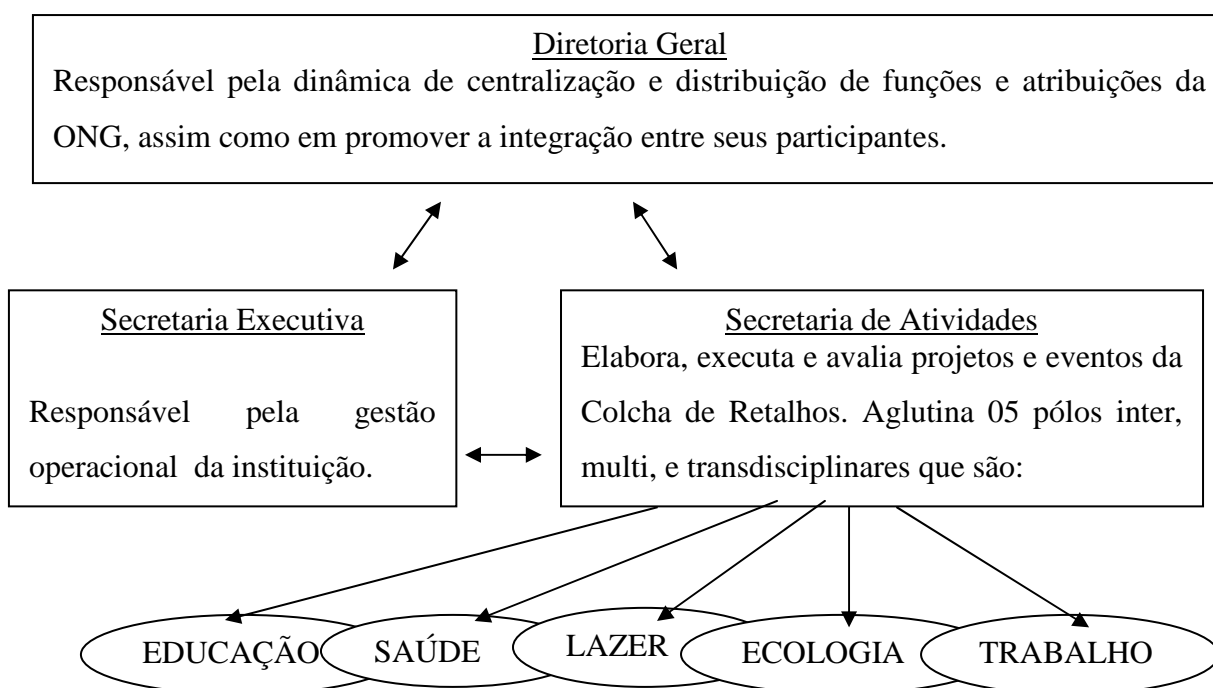


afastamento dos trabalhos na área do lixão da Mundial até que a situação permitisse o mínimo de segurança para os participantes.

No ano de 2004, a Colcha de Retalhos elaborou um projeto fundamental que serviria de base para seu projeto de desenvolvimento social e suas ações futuras, com o objetivo de fortalecer sua filosofia para os voluntários e para a comunidade.

O esquema da estrutura administrativa da ONG é elaborado da seguinte forma:

Figura 15 – Esquema da estrutura administrativa da Colcha de Retalhos



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Para cada um desses pólos, a ONG Colcha de Retalhos apresenta uma definição e as linhas de projetos a serem desenvolvidos.<sup>8</sup>

Por Educação a ONG entende o fenômeno humano onde o indivíduo constrói e reconstrói sua personalidade, virtude, valores, verdades no sentido de afirmação do Ser. Pelo pólo educação desenvolve-se a linha de Projetos Costurando as Letras. Letras, aqui adquire um sentido de conhecimento. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à elevação do nível escolar. O projeto Costurando as Letras atende diariamente 50 crianças. As ações propostas são de atividades dentro e fora de sala de aula, passeios culturais e atividades lúdicas, com oficinas de canto, dança, teatro, música,

<sup>8</sup> Ver anexo I - Projeto Base Colcha de Retalhos. Rio de Janeiro, 2002.

esporte, informática, artesanato, inglês, roda de leitura, passeios culturais, meio ambiente, ministrados de 2ª feira a 6ª feira de 08:00h às 11:00h e de 14:00h às 17:00h com as crianças da classe de alfabetização ao 5º ano.

Por Saúde a ONG entende a resultante vital e dinâmica estabelecida num processo dialético de interação do Ser com o ecossistema. De Ponto em Ponto para Melhor é a denominação atribuída a esta linha de projetos. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à saúde preventiva com apoio e divulgação de campanhas de vacinação, aferição de pressão arterial, palestras e atendimentos oferecidos pelo Posto de saúde local.

Lazer é entendido pela ONG como estado lúdico-criativo que se manifesta o quanto mais o sujeito desenvolva e expresse sua sensibilidade, consciência e cultura visando sobretudo, ações que vão ao encontro da promoção, difusão e criação artístico-cultural. Retalhos de Arte constitui a denominação dos projetos deste pólo de atividades da ONG Cocha de Retalhos. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à valorização da cultura popular como identidade e sociabilidade, por meio de ações que incentivem a dança, o teatro, as festas folclóricas, e as atividades artísticas em geral.

Ecologia define-se na instituição como inter-relações de qualquer natureza sucedidas no tempo e espaço que configuram o contexto das condições de existência dos seres vivos e do meio físico. Os projetos da Colcha de Retalhos no pólo ecologia Alinhando o Verde focalizam principalmente ações que incentivem melhorias na infraestrutura urbana, arquitetônica, paisagística e ambiental da região. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à distribuição de mudas de árvores, cuidado com os recursos hídricos e incentivos às práticas de preservação do meio ambiente como forma de preservação da espécie humana.

Trabalho é compreendido pela instituição como ação eminentemente criadora, humana e humanizante. Os objetivos dos projetos do pólo trabalho voltam-se à geração de renda e profissionalização. A esta linha de projetos chamou-se Tecendo sua Renda. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à produção de artesanatos fundamentalmente feitos com material reciclado e encaminhamento para capacitação e recolocação no mercado de trabalho.

Acreditando no desenvolvimento como liberdade, a Colcha de Retalhos não desiste de sua luta, apenas muda de estratégia. Cresce a idéia, entre os voluntários da Colcha de Retalhos, de se trabalhar com as famílias de forma integrada. Mas como? No ano de 2005,

inicia-se na Colcha de Retalhos, o processo de elaboração de um projeto de desenvolvimento social, onde a participação de todos seria base fundamental, com o objetivo de fortalecer a cidadania e promover liberdade.

A interação e reflexão entre os cinco pólos deram origem ao projeto Desenvolvimento Social: uma colcha de retalhos, onde participação é a palavra-chave. Neste momento, os voluntários da Colcha de Retalhos decidem focar seus esforços na melhoria da sede para que esta esteja em condições mínimas para desenvolver um projeto de apoio escolar para atender 50 crianças do bairro que serviria de base para todos os outros projetos. Contando com seus 06 fundadores, 12 voluntários e uma sede que tem uma biblioteca, 02 salas de aula, 01 sala de informática, 01 brinquedoteca, 01 sala multiuso, 01 lanchonete feita de garrafas Pet, 02 banheiros, 01 cozinha e 01 secretaria, a Colcha de Retalhos inicia em março de 2005, o projeto Costurando as Letras. O projeto é o ponto de partida para a integração entre os cinco pólos preconizados pela Colcha de Retalhos como base para o projeto de desenvolvimento social da localidade.

### **3.3.1 - PROJETO DESENVOLVIMENTO SOCIAL: UMA COLCHA DE RETALHOS**

A idéia central deste projeto é promover o desenvolvimento social a partir de um trabalho de apoio escolar para crianças do 1º ao 5º ano como modelo de gestão social baseado em ações que possibilitem a inserção da família em projetos desenvolvidos pela ONG Colcha de Retalhos. Essa iniciativa é fundamentada na educação como a fonte geradora de conhecimento e a principal referência para qualquer modelo de desenvolvimento.

A parceria entre os três setores representados no projeto por: escolas públicas, primeiro setor, Pan-Americana Indústrias Químicas S/A<sup>9</sup>, segundo setor, ONG Colcha de Retalhos e a comunidade em geral do bairro de Coelho Neto, terceiro setor, refletem o compromisso desta comunidade por mudanças em busca de um desenvolvimento social em que a palavra chave seja participação.

O Projeto Desenvolvimento Social: uma colcha de retalhos caracteriza-se, pela valorização da educação, do papel da mulher como agente de mudança social, do estímulo

---

<sup>9</sup> Indústria química localizada no bairro cujas ações com a ONG Colcha de Retalhos serão especificadas posteriormente.

ao trabalho cooperativo entre a comunidade, além de priorizar pequenas ações de melhoria, mas de forma continuada e planejada como diferencial de sustentabilidade.

Essa iniciativa tem como base a interação e reflexão entre os cinco pólos proposto pela ONG Colcha de Retalhos: Educação, Saúde, Lazer, Ecologia e Trabalho. Tendo como ponto de partida a interação e reflexão entre o pólo de Educação, com o projeto Costurando as Letras e o pólo de Trabalho, com o projeto Tecendo sua Renda.

### **3.3.2 - PROJETO COSTURANDO AS LETRAS**

O projeto Costurando as Letras atende cinquenta crianças da comunidade em situação de risco social e conta com seis voluntários diariamente, que são chamados por tios e tias pelas crianças, sete voluntários que, normalmente, vem uma ou duas vezes por semana para atividades específicas e dez voluntários que participam esporadicamente.

Para fazer parte do projeto a criança precisa estar estudando em escola pública, estar com dificuldades no aproveitamento escolar ou estar passando por um momento de dificuldade familiar grave e ser moradora do bairro. Como as vagas são poucas o critério usado para selecionar as crianças normalmente é o da indicação da escola ou do responsável que ao nos procurar relata a situação enfrentada pela criança.

São oferecidos como serviços: uma biblioteca comunitária e uma lanchonete de produtos naturais, confeccionada de garrafas pet, chamada de Boa Boca Brasil ou BBB, como as crianças costumam chamar. De segunda a sexta-feira, em dois horários alternados aos horários da escola: 08h às 11h e 14h às 17h são oferecidas várias atividades de:

- Apoio escolar do 1º ao 5º ano;
- Aulas de informática;
- Aulas de artesanatos;
- Aulas de teatro;
- Aulas de inglês;
- Aulas de dança;
- Atividades de meio ambiente;
- Roda de leitura;
- Passeios culturais;
- Recreação dirigida;
- Festas Comemorativas;
- Comemoração dos aniversariantes do mês.

O projeto tem como objetivos diminuir a evasão escolar, o analfabetismo, a violência e fomentar a participação das famílias nas decisões da escola e na ONG Colcha de Retalhos.

Através de reuniões com as crianças, seus responsáveis e os voluntários do projeto, foram coletadas informações que serviram de base para a elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico) com o tema: Paz é A gente que faZ! Nele se propõe uma paz construída, aprendida, vivenciada, cultivada e afirmada, onde as atividades são direcionadas não só para as crianças, mas também como base para as ações com as famílias.

Para o desenvolvimento do tema foram identificados quatro princípios políticos filosóficos essenciais: o amor, a amizade, a solidariedade e a responsabilidade. Com base nestes princípios partiu-se para a seleção dos conteúdos gerais a serem reforçados e promovidos pela Colcha de Retalhos são eles: **Meu Corpo, Minhas Coisas, Meu Mundo Local, Meu Mundo Global e Minhas Escolhas.**

O conteúdo **Meu Corpo** aborda os aspectos físicos, psicológicos e sociais. **Minhas Coisas** foca nas questões referentes ao **ter** e ao **ser**. O conteúdo **Meu Mundo Local** faz alusão a casa/lar, rua, escola/trabalho/igreja/ONG e ao bairro. **Meu Mundo Global** reporta aos assuntos pertinentes à cidade, ao estado, ao país e ao mundo. Por fim, **Minhas Escolhas** que foca a importância de se construir um futuro baseado nas escolhas do presente.

Em cada um dos conteúdos reforçou-se o pronome possessivo (meu/minha), pois se pretende assim despertar os indivíduos para a percepção de serem sujeitos construtores da sua própria história.

Figura 16 – Crianças do projeto



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Todo último dia do mês, fazemos uma festa de aniversário, com o tema dos personagens da Colcha de Retalhos, para os aniversariantes do mês. Este evento é promovido com três objetivos: o primeiro é comemorar e presentear os aniversariantes, o segundo é incentivar o aproveitamento escolar, o terceiro é a participação dos responsáveis nas reuniões escolares, pois as crianças que comprovam que estão com boas notas por meio de apresentação do boletim escolar, que é apresentado apenas na reunião escolar, também são presenteadas.

No início dessa atividade tivemos problema com uma criança que era de uma religião que não permitia a comemoração de aniversário e nem tirar fotografias. Fomos procurados pelo responsável e informados do caso, pedimos desculpas, mas a família decidiu tirar a criança da Colha de Retalhos.

Hoje, não temos nenhuma criança dessa religião participando de nossos projetos, como prevenção, temos na ficha de inscrição do aluno uma autorização para fotografar as crianças e informamos aos responsáveis da atividade de comemoração dos aniversariantes do mês.

Figura 17 – Festa de aniversariante do mês



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Sempre que possível, a Colcha de Retalhos promove passeios culturais como forma de integrar as famílias. A maioria das crianças da Colcha de Retalhos nunca saiu do bairro em que vive e em suas famílias poucos conhecem a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

A foto abaixo mostra um passeio ao teatro da Gávea realizado no ano de 2008, em comemoração ao dia das mães, onde foram levadas as mães ou as mulheres responsáveis pelas crianças. Na volta, muitas mulheres nos confessaram que não conheciam o bairro da Gávea e que nunca tinham ido a um teatro.

A emoção foi tanta que na reunião de responsáveis, que só ocorreu duas semanas depois do evento, muitas mulheres se emocionavam ao falar do passeio ao teatro.

Figura 18 – Passeio ao Teatro da Gávea: entrada do shopping



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Figura 19 – Passeio ao Teatro da Gávea: interior do teatro





Na Colcha de Retalhos, ir ao Museu da Vida na Fundação Oswaldo Cruz e ao Centro Cultural Banco do Brasil, são passeios obrigatórios pelo menos uma vez por ano.

Figura 20 – Passeio ao Museu na Fio Cruz



Figura 21 – Passeio ao CCBB



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

A atividade de informática é motivo de muito orgulho para os participantes da Colcha de Retalhos. Mesmo enfrentando muitas dificuldades para a manutenção dos equipamentos, que vivem dando defeito, não se medem esforços para que esta atividade funcione em boas condições. A maioria das crianças da Colcha de Retalhos tem acesso ao computador pela primeira vez nessa atividade. O encantamento é tão grande que a atividade de informática tornou-se “moeda de barganha” como dizem as voluntárias, para conquista de avanços na concentração, comportamento nas outras atividades da Colcha de Retalhos e principalmente no rendimento escolar. As aulas são ministradas duas vezes por semana, com uma hora de duração para cada grupo de crianças. As crianças têm uma noção básica de informática e brincam com jogos didáticos onde praticam, se divertindo, o conteúdo escolar e inglês.

No ano de 2007, começamos a receber pedidos de crianças para trazerem “joguinhos” de casa. A princípio não vimos nenhum problema, mas muitas crianças traziam jogos normalmente emprestados por vizinhos ou parentes próximos, que eram de extrema violência com apologia ao crime organizado. A situação nos trouxe constrangimento com algumas crianças mais novas que reclamavam, por não entender, porque seus jogos não eram usados. Hoje, para evitar problemas só usamos os jogos existentes na organização.



Figura 22 – Atividade de informática



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

No início do projeto, tínhamos muitos problemas com crianças que chagavam sujas, tinham piolhos e não usavam o banheiro corretamente. Após muitas reclamações feitas com as crianças, seus responsáveis e até a desistência de uma voluntária que alegava ter pego piolho e não suportar mais o cheiro de algumas crianças, a solução encontrada foi o diálogo e o exemplo.

Criamos as palestras de higiene pessoal chamada de “Papo Cabeça”, onde os voluntários contam como enfrentaram seus problemas com higiene pessoal na infância e adolescência, orientam como se deve manter a higiene pessoal e abrem debates com as próprias crianças na busca de soluções para a situação. As palestras duram aproximadamente meia hora e normalmente são realizadas, pela primeira vez em março, quando se inicia os trabalhos voltados para o conteúdo do Projeto Político Pedagógico “Meu corpo”. Durante o ano são realizadas três palestras, a primeira no final de março a segunda após as férias de julho e a terceira no final de outubro. No ano de 2007 as crianças e os voluntários criaram uma frase que é utilizada atualmente nesses trabalhos: “Quem se ama se cuida!”

Figura 23 – Palestra sobre higiene pessoal – início dos trabalhos do conteúdo Meu Corpo



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

A atividade Roda de Leitura acontece de duas formas, uma vez por semana: a primeira é na sala de aula com a tia voluntária que passa um questionário de interpretação de texto onde as crianças através das perguntas tentam descobrir como é a história que será contada. Essa atividade inicia-se individualmente, depois é debatida pelo grupo que forma uma única história que será comparada com a história original que é lida pela voluntária. Após essa leitura as crianças respondem ao questionário de interpretação do texto lido pela voluntária. A segunda é como na foto abaixo, em que se formam pequenos grupos de crianças e voluntários, durante a semana, e cada um escolhe um livro para ler e depois contar como é a história para os outros integrantes do grupo. A história mais bem contada na semana é novamente contada pela criança para todas as outras crianças da Colcha de Retalhos na sexta-feira.

Figura 24 – Roda de leitura



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

No chão da Colcha de Retalhos foram pintadas duas amarelinhas, que além de terem várias cores, têm números escritos por extenso e em inglês, visando facilitar o aprendizado das crianças. Esta atividade é feita no horário de recreação, na aula, caso a tia voluntária ache necessário, ou nas aulas de inglês.

Figura 25 e 26 – Amarelinhas com números em português e inglês



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Outra atividade que vem dando muitos resultados na Colcha de Retalhos é a reunião com os responsáveis das crianças do projeto Costurando as Letras. São cinco reuniões ao ano: março, junho, setembro, novembro e dezembro, sempre aos sábados às 16 horas para que mesmo os responsáveis que trabalham aos sábados possam participar. No início tínhamos apenas duas reuniões ao ano: abril e dezembro. Como não se conseguia um número razoável de responsáveis participando, promovemos uma reunião específica em abril de 2006, para ouvirmos a opinião de todos.

A reunião foi aberta para toda a comunidade. Estavam presentes os responsáveis, os voluntários da Colcha de Retalhos e alguns moradores. As sugestões foram:

- mudança do horário das reuniões de sábado às 10 horas para sábado às 16 horas;
- criação de uma ficha de presença com o nome da criança e a assinatura do responsável participante da reunião;
- liberação, desde que previamente comunicado a Colcha de Retalhos, da participação na reunião de outro responsável da criança caso o responsável titular esteja impossibilitado de participar;

- assinatura da autorização para a participação das crianças em passeios promovidos pela Colcha de Retalhos só ocorreriam na reunião;
- utilização de palestras no início da reunião ou como os responsáveis costumam chamar de “momento das dicas úteis”, tais como: Previdência Social, DST e AIDS, Economia Doméstica, orientação para cadastramento de CPF, segunda via de documentos entre outros;
- não seriam abordados na reunião problemas que envolvessem assuntos particulares das crianças ou suas famílias. Esses assuntos seriam tratados em reunião particular com a coordenação da Colcha de Retalhos, voluntários envolvidos e responsável da criança, em dia e hora marcados.
- no final de cada reunião, dez minutos seriam destinados a informes e sugestões;
- criação de um sorteio de brindes no final da reunião; e
- um lanche comunitário onde cada responsável traria algo para comer e a Colcha daria o café e refrigerantes.

Em junho do mesmo ano, foram colocadas em prática as sugestões da reunião do mês anterior. No ano seguinte, o número de reuniões foi aumentado para quatro reuniões pedagógicas em março, junho, setembro e novembro e a reunião de dezembro é uma festa de final de ano.

Hoje, a participação é de aproximadamente 80% dos responsáveis das crianças atendidas no projeto Costurando as Letras e a maioria das sugestões, que tem promovido uma melhora na Colcha de Retalhos, vem dessas reuniões. A árvore de Natal de garrafas pet que foi ensinada por um responsável e o projeto de geração de renda fazem parte dessa lista de sugestões que a Colcha de Retalhos recebe a cada reunião com os responsáveis.

Figura 27 – Reunião com os responsáveis



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Figura 28 – Árvore de Natal feita de garrafas Pet



A biblioteca da Colcha de Retalhos é utilizada por toda a comunidade sem nenhum custo para os que dela fazem utilização. Para pegar um livro emprestado, basta preencher uma ficha cadastral onde além dos dados pessoais estão os nomes dos livros emprestados e data de entrega. Não é permitido o empréstimo de um novo livro caso a pessoa esteja com entregas anteriores pendentes.

A lanchonete Boa Boca Brasil, que é toda feita de garrafas pet, vende lanches naturais por R\$ 0,50 como forma de arrecadar recursos para custear o material usado nos lanches e ajudar na compra de brinquedos para a atividade do aniversariante do mês. As crianças não sabem que os ingredientes usados para fazer os lanches vendidos na lanchonete, são legumes, verduras e frutas, apenas os responsáveis são informados na primeira reunião pedagógica dos ingredientes usados e são orientados a não informarem nada às crianças.

A idéia da lanchonete era antiga e foi fortalecida quando duas voluntárias participaram de um curso oferecido pelo SESI (Serviço Social da Indústria), que as capacitou para a fabricação de lanches naturais para crianças. Além das receitas naturais e alternativas oferecidas neste curso, as voluntárias conseguiram outras receitas com as colegas de turma que são usadas até hoje na Colcha de Retalhos.

O fato de não termos uma cozinha adequada não foi problema já que as voluntárias se comprometeram em fazer os lanches em suas casas. Atualmente duas voluntárias estão sendo capacitadas, pelas voluntárias que fizeram o curso, para que este ano possamos

comercializar os lanches não só para serem consumidos na Colcha, mas também para serem levados para casa.

Na lista de lanches oferecidos temos: bolo de cenoura com cobertura de chocolate com inhame; sorvetes de abóbora, cenoura, espinafre, beterraba e frutas em geral; sucos de fruta com verduras ou legumes; brigadeiro com chocolate e inhame; doces de cascas de frutas; iogurte e gelatinas com frutas entre, outros lanches que as crianças adoram e os responsáveis aprovam.

Figura 29 – BBB: Lanchonete natural feita de garrafas Pet



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

### 3.3.3 - PROJETO TECENDO SUA RENDA

O projeto Tecendo sua Renda é direcionado às mulheres das famílias das crianças atendidas no Projeto Costurando as Letras, projeto de apoio escolar. As atividades são realizadas na sede da organização. Os eventos e feiras artesanais são promovidos por toda a comunidade.

A fase inicial do projeto procurou identificar, por meio de encontro com todos os parceiros e pesquisa, os principais problemas e carência da comunidade. Com esse levantamento, foram definidas as prioridades e as áreas de ação com foco, principalmente, na realização de quatro oficinas, que tanto funcionarão como geração de renda, como formadoras de multiplicadores no âmbito local. As quatro oficinas são:

- Oficina de Artesanato;
- Oficina de Beleza;



- Oficina de Informática;
- Oficina de Empreendedorismo.

A primeira etapa do projeto iniciou-se com a oficina de artesanato. Seu principal objetivo era avaliar os processos das atividades do projeto e fazer uma pesquisa de público. As experiências e os resultados obtidos na oficina de artesanato serviram de base para a segunda etapa do projeto, onde as quatro oficinas acontecem simultaneamente.

### **Oficina de Artesanato**

Com atividades que priorizam a utilização de material reciclado como: confecção de colchas de retalhos, puff e sofá de garrafas plásticas, tipo pet, cartonagem e biscuit. Esta oficina tem a duração de 12 meses, cumprindo uma carga horária de 162 horas.

### **Oficina de Beleza**

Com atividades de maquiagem, depilação, manicura e pedicura e escova capilar. Tem a duração de 10 meses, cumprindo uma carga horária de 135 horas.

### **Oficina de Informática**

Realiza curso básico de Windows, Word, Excel e PowerPoint. Tem a duração de 10 meses, cumprindo uma carga horária de 135 horas.

### **Oficina de Empreendedorismo**

Realiza curso básico de liderança e gestão de equipes, economia doméstica, administração do tempo e empreendedorismo. Tem a duração de 10 meses, cumprindo uma carga horária de 135 horas. Funciona às 5<sup>a</sup> de 8h às 11h, com 03 turmas de 30 alunas.

Os resultados esperados pelo projeto são as mudanças de comportamento não só das famílias diretamente atendidas, mas de um modo geral, por toda a comunidade envolvida. Estas mudanças serão analisadas sabendo-se que, além de serem essencialmente subjetivas, estão ligadas a uma série de outras variáveis interdependentes. Como em uma colcha de retalhos artesanal, os resultados esperados serão avaliados por pequenas conquistas que serão mensuradas, contabilizadas, “retalho a retalho”, servindo como direcionamento para ações futuras.

Figura 30 – Primeira reunião com as mulheres da oficina de artesanato



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

Na primeira reunião com as mulheres participantes da oficina de artesanato, foram discutidas as principais propostas de trabalho, os produtos a serem confeccionados, apresentação dos parceiros e os objetivos do projeto. Foram identificados os pontos de dificuldade do projeto a serem trabalhados ao longo da execução do mesmo.

As primeiras peças de artesanato confeccionadas, pelo projeto, foram comercializadas em uma feira de artesanato na Associação Comercial e Industrial de Rocha Miranda. Esta Associação, que é a representante legal do comércio e das indústrias na região, se localiza no bairro de Rocha Miranda, próximo à sede da ONG Colcha de Retalhos. Esta feira mostra um pequeno, mas promissor, exemplo de interação do projeto com os três setores não só do bairro de Coelho Neto, mas da sociedade como um todo.

Um fator importante proposto pelo projeto é o levantamento e análise de dados sociais e econômicos das famílias atendidas, através de pesquisa realizada no início e no fim das atividades do projeto. A pesquisa aborda os seguintes temas: nível de escolaridade, documentação para o exercício da cidadania, educação, participação da família na escola, ocupação profissional, habitação, saúde, hábitos alimentares, cultura e lazer e utilização de recursos da comunidade.

Outro fator importante do projeto, diz respeito à participação e conscientização das crianças. Foram realizados dois encontros entre as crianças do Projeto Costurando as Letras e a responsável pela oficina de artesanato do Projeto Tecendo sua Renda.

Nesses encontros, a coordenadora apresenta às crianças o projeto de geração de renda em que suas mães participam. Ela explica para as crianças os processos de confecção dos produtos, os materiais utilizados, quase todos são reciclados, e mostra a



importância das sugestões das crianças como forma de participação cidadã de toda a família no processo de desenvolvimento social do bairro que é proposto pelo projeto. A coordenadora da oficina de artesanato em seu depoimento em pesquisa realizada para este trabalho afirmou que:

Os resultados destes encontros com as crianças têm sido muito proveitosos, pois nós estamos percebendo uma melhora na valorização da participação das mães no projeto, por toda a família. Outra coisa que me chamou bastante atenção, foram as sugestões das crianças que, sinceramente não esperava ser tão importantes, mas estão redefinindo os processos e até a criação de novos produtos como brinquedos e acessórios.

Figura 31 e 32 – Encontro entre as crianças do Projeto Costurando as Letras e a coordenadora da oficina de artesanato do Projeto Tecendo sua Renda.



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

## 4 - ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 - RECURSOS MATERIAIS

Em oito anos de existência, a Colcha de Retalhos não teve e não tem, como forma de captação de recursos financeiros o Estado. Seus projetos são financiados por voluntários e uma empresa de médio porte da região em que a ONG está inserida. É importante ressaltar que esta prática de captação de recursos não é muito comum no terceiro setor em outros países como afirma Salamon (1997:99):

[...] a idéia de que existe um conflito natural entre setor sem fins lucrativos e Estado, sendo a doação privada e a ação voluntária as únicas fontes válidas de apoio ao Terceiro Setor. [...] Mesmo nos Estados Unidos, país onde, segundo se crê, mais evoluíram as tradições de filantropia e ação voluntária, apenas 18% da renda das organizações sem fins lucrativos provêm das fontes privadas como um todo: indivíduos, fundações e empresas. Em contrapartida, o apoio governamental é quase duas vezes maior, representando mais de 30% das entradas

Baseado nas fontes de obtenção de financiamento proposto por Cruz (2000), podemos classificar, segundo a sua origem, os recursos físicos e materiais obtidos pela ONG Colcha de Retalhos da seguinte forma:

#### I. Recursos captados por meio de Indivíduos

Após o ano de 2000, quando um grupo de moradores decidiu unir-se para a festa do dia das crianças que deu origem a ONG Colcha de Retalhos, a contribuição financeira e material para as atividades era basicamente dos 12 participantes do grupo que posteriormente tornaram-se fundadores da Colcha de Retalhos. Não se tinha na época nenhuma contribuição regular, elas eram feitas conforme necessidades momentâneas, segundo nos relata um voluntário-fundador, ao responder questionário proposto por essa pesquisa:

O que mais gosto da Colcha é que hoje, nós estamos bem, temos a parceria com a Pan, das famílias que contribuem e dos comerciantes, mas quando nós começamos tudo isso, tínhamos que fazer rateio até para passagem e lanche, caso algum morador tivesse que ir à prefeitura. Mas, até hoje se tiver algum problema ou não tiver dinheiro para alguma coisa a gente se reúne e dá um jeito. Não ficamos presos apenas no que a Colcha já tem. Aqui são os “retalhos” que fazem tudo! (Voluntário n.14)

Em 2004, quando a Colcha de Retalhos começa seu primeiro projeto de educação com um curso técnico e um curso de informática, as contribuições dos alunos começaram a ser regulares, o que permitiu um pequeno avanço na questão financeira. Com o projeto Costurando as Letras, as famílias tornam-se doadores financeiros relevantes com contribuições mensais destinadas aos custos fixos da instituição.

Atualmente a Colcha de Retalhos recebe, aproximadamente, quinhentos reais mensalmente, doados pelas famílias atendidas no projeto Costurando as Letras. Este recurso financeiro é utilizado para pagar as contas caracterizadas como: água (cinquenta reais); luz (cento e vinte reais); telefone (cento e trinta reais). O excedente desta verba é utilizado para os gastos com material didático, de informática, de limpeza e administração do projeto.

A contribuição de cada família oscila entre dez e trinta e cinco reais ao mês, sendo que aproximadamente 20% do total das famílias atendidas não contribuem financeiramente com a Colcha de Retalhos por não possuírem recursos.

Dada a oscilação nas contribuições, em alguns meses são efetuadas rifas ou até mesmo a venda de diversos materiais que nos são doados, como: agendas, eletrodomésticos novos ou usados, cosméticos e perfumaria ou produtos artesanais confeccionados pelos voluntários e mães do projeto.

A tensão pela percepção da oscilação de contribuição financeira, e a necessidade da participação das famílias e voluntários na captação de recursos financeiros da ONG Colcha de Retalhos, fica explícita na fala da voluntária a seguir:

Eu acho que aprendi aqui na Colcha que ninguém é tão pobre que não possa doar e nem tão rico que não possa receber. Sempre fui voluntária e quando minha filha veio estudar aqui fiz questão de passar a contribuir, trinta reais por mês, porque sabia que algumas famílias pagavam primeiro todas as suas contas para depois se lembrar de doar para a Colcha. Eu sei que têm famílias aqui que não podem pagar mesmo, mas, na maioria, essas famílias ajudam muito nas rifas e confecção dos artesanatos. Eu sou revendedora da [...] e sempre que tem uma promoção de perfumes ou um creme, eu compro e trago para Colcha aí nós fazemos uma rifa. Não é porque sou voluntária que vou deixar de doar meus trinta reais ou trazer alguma coisa para ajudar nas rifas. (Voluntária n.9)

Vale ressaltar que a voluntária n.9, entende que mesmo não sendo “rica” é possuidora do poder de doar, pois como a mesma diz: todos têm. Esta idéia de reciprocidade entre o doar e o receber é uma tradição antiga como ressalta Coelho(2002):

“Na tradição judaico-cristã, a caridade se voltava ao atendimento dos mais necessitados. Já na tradição greco-romana, todos os indivíduos recebiam doações, e não apenas os mais necessitados, pois a intenção era melhorar as condições de vida do cidadão” (Coelho, 2002:69).

Outra estratégia usada pela Colcha de Retalhos para driblar a falta de recursos tem sido a transparência e o exemplo. Neste sentido, Salamon afirma que: “No entanto, maior transparência e abertura parecem pré-requisitos absolutos para o crescimento futuro. Somente assim o Terceiro Setor conquistará a legitimidade de que precisa para atuar eficazmente.” (Salamon, 1997:105). Nas reuniões são discutidas não só as questões filosóficas, mas também as questões de falta de recursos financeiros e humanos. Nas reuniões com os responsáveis (pessoas responsáveis por crianças participantes do projeto) convidamos alguns responsáveis-voluntários (pessoa que é responsável por alguma criança e, ao mesmo tempo, voluntária na organização) para relatar a experiência da participação e dar sua opinião sobre como seria se houvesse maior envolvimento de todos.

Com essa estratégia buscamos pequenas atitudes, como doar sobras de tintas que serão utilizadas para reforma anual da sede da Colcha de Retalhos, com o objetivo de fomentar pequenas atitudes individuais que juntas, tornam-se grandes ações institucionais.

A fala de uma das fundadoras da Colcha de Retalhos nos mostra que a falta de recursos financeiros na instituição é contornada por seus voluntários com muito bom humor, criatividade e comprometimento com a construção de sua própria história.

No ano de 2006 a Colcha de Retalhos recebeu uma doação de esteiras e bicicletas ergométricas de uma academia que estava sendo reformada. No início a doação se tornou um problema, pois ocupava muito espaço, não nos servia para nada e não gostaríamos de vender algo que nos foi doado. Foi com muito bom humor que o voluntário n.17 deu a idéia de divulgarmos a troca das esteiras e bicicletas por ventiladores de teto que precisávamos para as salas de aula das crianças, com a seguinte frase: “Vocês querem suar? As nossas crianças não!” Não só trocamos as bicicletas e esteiras como ganhamos mais ventiladores e até uma televisão e um aparelho de DVD. (Voluntária n.18)

## II. Recursos captados por meio de Eventos

Desde sua fundação, a Colcha de Retalhos tem como forma de obtenção de recursos financeiros e divulgação de seus projetos a participação em eventos dentro ou fora do bairro de Coelho Neto. Durante esses oito anos de existência a Colcha de Retalhos participou ou promoveu várias feiras artesanais e culturais no bairro buscando captar

recursos com a comercialização de artesanatos e quitutes feitos por seus voluntários e mães participantes dos projetos Costurando as Letras e Tecendo sua Renda. A verba arrecada nestes eventos era dividida em três partes: a primeira era para o pagamento do custo de material para a confecção dos artesanatos, a segunda para ser dividida entre as artesãs e a terceira era para viabilizar outras atividades artesanais do grupo.

A foto a seguir nos mostra a participação da Colcha de Retalhos em um evento, em apoio às instituições do terceiro setor com práticas de economia solidária, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 2005 onde foram comercializados mais de cinquenta bonecos artesanais feitos de tecido.

Figura 33 – Evento na Universidade Federal do Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo de imagem Colcha de Retalhos

### III. Recursos captados por meio de Empresas

No ano de 2005, ao fazer parceria com a Indústria Química Pan-Americana S/A por meio do seu programa de responsabilidade social “Portas Abertas”, a Colcha de Retalhos recebe, pela primeira vez, uma verba mensal de mil reais destinada aos custos gerais de suas atividades.

No ano de 2006, a verba doada pela Indústria Química Pan-Americana S/A passou para mil e quinhentos reais e foi destinada especificamente para o projeto Costurando as Letras e suas atividades como forma de sustentabilidade financeira.

Após o mês de março do ano de 2007, a Colcha de Retalhos destina a doação mensal de um mil e quinhentos reais, da Indústria Química Pan-Americana S/A, ao pagamento de ajuda de custo de alguns dos voluntários que atuam todos os dias com as cinquenta crianças do projeto Costurando as Letras.

Na tabela abaixo busco quantificar os recursos humanos e financeiros na Colcha de Retalhos. A classificação de receitas e despesas diversas da tabela é baseada na classificação proposta por Coelho: “É preciso esclarecer que consideramos receitas operacionais aquelas referentes às contribuições de sócios e eventuais taxas cobradas pelos serviços. Por receitas diversas entendemos aquelas obtidas através de eventos como quermesses, bazares, bingos, etc.” (Coelho, 2002:181).

Tabela 5 – Recursos Humanos e Financeiros

Quat.	Discriminação	Valores		
		Pan – Americana	Famílias	Total
Receitas operacionais	Doações	R\$1.500,00	R\$500,00	R\$2.000,00
Receita diversas	Quermesses, rifas e bazares			Variável
<b>DESPESAS - RECURSOS HUMANOS</b>				
01	Contador	R\$100,000		R\$1.900,000
01	Voluntária c/ ajuda de custo	R\$200,000		R\$1.700,000
03	Voluntárias c/ ajuda de custo	R\$400,000		R\$500,00
08	Voluntários s/ ajuda de custo	-----		R\$500,00
<b>DESPESAS DIVERSAS *</b>				
	Água		R\$50,00	R\$450,000
	Luz		R\$120,00	R\$330,000
	Telefone		R\$130,00	R\$200,000
	Outros		R\$200,00	-----

\* As despesas diversas são variáveis assim como as contribuições das famílias e as receitas diversas. Os dados lançados na tabela acima servem apenas como parâmetro para mostrar a utilização dos recursos pela Colcha de Retalhos.

## 4.2 - RECURSOS HUMANOS

### 4.2.1 VOLUNTÁRIOS

Embora as ONGs brasileiras caminhem em busca de profissionalização de seus voluntários, a Colcha de Retalhos tem trilhado caminho oposto. Desde sua fundação a Colcha de Retalhos optou em trabalhar apenas com voluntários, não tendo nenhum funcionário contratado ou cedido pelo Estado. Observei nesta pesquisa que a instituição credita, a esta opção, sua sustentabilidade e a boa qualidade de seu serviço, já que seu recurso humano que é todo composto por voluntários.

Assim como a Colcha de Retalhos, Camargos(2008), aponta o trabalho voluntário como a base das instituições do terceiro setor ao afirmar que:

Enfim, o trabalho voluntário afigura-se hoje como importantíssimo instrumento – quiçá o mais importante de todos – para que entidades componentes do Terceiro Setor consigam manter a prestação dos serviços que compõem o seu objeto social independentemente do recebimento de um volume significativo de doações e repasses (Camargos, 2008:79).

Diferentemente do que ocorre na Colcha de Retalhos, em pesquisa feita em creches paulistas Coelho(2002) identifica que:

No terceiro setor brasileiro podemos encontrar três tipos de vínculo: funcionários remunerados contratados, funcionários cedidos pelas prefeituras municipais e outros órgãos governamentais e voluntários [...] a maior parte (74%) da mão-de-obra empregada é contratada e remunerada [...] o segundo tipo de vinculação é exatamente o dos voluntários, que constituem (19%) do total de pessoal [...] Praticamente todas as entidades pesquisadas contam com o trabalho de voluntários, embora as associações utilizem mais desse tipo de mão-de-obra do que as ONGs (Coelho, 2002:125-127).

Volto citar Camargos (2008) com o intuito de ressaltar a importância do trabalho voluntário na ONG Colcha de Retalhos: “As pessoas físicas são os principais contribuintes do terceiro setor na atualidade, tanto como doadores quanto como voluntários” (Camargos, 2008:51).

A mobilização dos moradores para uma festa de comemoração do Dia das Crianças é o início de um processo, na Colcha de Retalhos, de idas e vindas de vários voluntários ao longo dos seus oito anos de existência.

Do seu início no ano de 2000 ao ano de 2004, a Colcha de Retalhos executou suas atividades contando com 12 voluntários constantes e outras dezenas esporádicos que não foram devidamente contabilizados ou registrados na instituição que me fornecessem dados suficientes para quantificá-los para análise nesta pesquisa.

Com o início do projeto Costurando as Letras, o voluntariado é percebido pela Colcha de Retalhos como um recurso importante que deveria ser quantificado para melhor atender às necessidades dos objetivos do projeto. Inicia-se um banco de dados, com dados atualizados em fichas de inscrição, pesquisa de opinião, e contrato de trabalho voluntariado ou termo de adesão de todos os voluntários independentemente do tempo ou da atuação na instituição.

Atualmente a Colcha de Retalhos conta com um total de 23 voluntários sendo que 13 atuam diretamente em atividades realizadas pela Colcha de Retalhos e 10 atuam de

forma indireta ou esporádica. É sabido que existem vários tipos de classificações de voluntários, mas a Colcha de Retalhos não utiliza nenhuma classificação específica para seus voluntários.

No questionário respondido pelos voluntários no ano de 2005, percebe-se a preocupação por parte dos voluntários-fundadores com a falta de regularidade de novos integrantes como nos mostram as falas a seguir:

Os voluntários, na maioria, foram chegando por perceberem a dedicação dos poucos existentes que se desdobravam para dar conta de todas aquelas crianças juntas e por um enorme sentimento de solidariedade e revolta de saber que existiam voluntários que marcavam e não apareciam e nem dava nenhuma satisfação. (Voluntária n.18)

O que eu menos gosto na Colcha é a pequena quantidade de voluntários e a falta de compromisso dos novos voluntários. Nós já somos poucos, não dá para faltar. Não dá para programar uma atividade contando com dez crianças por voluntário, e ter que ficar com vinte porque alguns voluntários faltaram. Nós temos que resolver esse problema por causa das crianças e também por nossa causa. (Voluntário n.14)

Em 2005, a falta de voluntários não permitia a divisão das crianças por série como acontece atualmente: elas permaneciam todas juntas com os voluntários que apareciam no dia, isso dificultava o planejamento das atividades provocando certa tensão entre os voluntários. Na época, motivos que provocassem evasão do voluntariado na Colcha de Retalhos não faltavam. Vários desses motivos são pontuados por Camargos(2008), como os mais comuns para evasão do voluntariado em uma instituição do terceiro setor pesquisada pela autora:

Lamentavelmente, porém, a gratificação simbólica – experiência de vida e efetividade – não se mostra suficiente para manter boa parte do voluntariado em atividade. Dentre os motivos de evasão, foram detectados na pesquisa a mudança do ritmo de vida, o desaparecimento do tempo livre, o desgaste com o deslocamento, e com a atividade em si, fatos imprevistos como problemas de saúde, aumento de família, mudança de cidade e motivos profissionais (Camargos,2008:78).

A evasão e irregularidade no comparecimento dos voluntários na ONG Colcha de Retalhos era um problema que, aos poucos, foi sanado com a possibilidade de oferecer uma ajuda de custo para viabilizar a permanência de alguns e a conquista gradual de novos dentro da comunidade e das próprias famílias atendidas no projeto.



Nem sempre era o pai ou a mãe, mas uma prima, tia ou até uma pessoa muito querida da família que aos pouco era convidada a participar de uma atividade e ao conhecer o projeto se identificava com o trabalho e tornava-se voluntário. Segundo Cohen (1964), esta estratégia pode ser o fato provocador mais freqüente na captação de voluntários em pesquisa realizado pelo autor:

O fato 'provocador' mais freqüente foi o convite feito por um amigo: 52% de todos os voluntários apresentaram-se à Fundação em resposta a um convite feito por alguém que eles já conheciam pessoalmente. Outros 20% foram convidados por algum outro membro da comunidade; 18% vieram por causa do pedido de algum colega de profissão ou de organização a que pertenciam, e 10% apresentaram-se como voluntários por sua própria iniciativa (Cohen,1964:124).

Atualmente, dos 13 voluntários que atuam constantemente na Colcha de Retalhos, cinco são responsáveis diretos por uma criança que é atendida ou foi atendida no projeto Costurando as Letras.

Do total de pessoas que trabalham na Colcha de Retalhos, sete não recebem nenhuma ajuda de custo e cinco recebem ajuda de custo para transporte, almoço, pagar faculdade e até para colocar o filho em uma creche como é o caso da voluntária n.23:

Antes eu não recebia nada. Hoje eu recebo uma ajuda de custo que serve para pagar uma creche para o meu filho de dois anos. Minhas duas filhas sempre estudaram na Colcha e eu nunca paguei nada. Eu quero ajudar os outros como eu fui ajudada aqui na Colcha. Enquanto me quiserem aqui eu sempre vou ajudar não importa se tem dinheiro ou não, agente sempre dá um jeito.

A ajuda de custo oferecida pela Colcha de Retalhos a alguns de seus voluntários, mesmo sendo pequena, é fundamental não apenas para a continuação das pessoas na instituição, mas para contribuir com a possibilidade de liberdade de escolha, como propõe Sen (2007), para voluntárias como a de n.23. que, nunca trabalhou e sempre foi dependente financeiramente do marido. Não quero afirmar que os duzentos reais que a voluntária recebe mensalmente a tornam independente financeiramente do marido, mas lhe dá maior condição de fazer pequenas escolhas no seu dia-a-dia, como poder presentear sua sogra com um tratamento de beleza, comprar um presente em comemoração ao dia dos pais com seu próprio dinheiro ou manter o filho em uma creche. Essas pequenas escolhas proporcionam um aumento de sua auto-estima.

Dos cinco voluntários que recebem ajuda de custo, um é o contador da Colcha de Retalhos que recebe cem reais mensais os outros quatro são: três voluntárias que recebem quatrocentos reais mensais por trabalharem no turno da manhã e da tarde; e uma que recebe duzentos reais por trabalhar somente no horário da tarde. Dos sete voluntários que não recebem ajuda de custo, apenas um trabalha três dias na semana os outros trabalham na Colcha de Retalhos uma ou duas vezes por semana.

#### 4.2.2 - PERFIL DO VOLUNTÁRIO

Por não ter acesso a uma pesquisa nacional do perfil do voluntariado brasileiro, busquei analisar os dados do perfil dos voluntários da Colcha de Retalhos, tendo como base a referência bibliográfica usada nessa pesquisa.

Segundo Coelho (2002), ainda não foi feita no Brasil, uma pesquisa nacional para captar o perfil do trabalhador voluntário como realizaram Puffer & Meindl nos Estados Unidos da América. Neste sentido, a autora nos informa que:

Infelizmente, uma pesquisa semelhante ainda não foi feita no Brasil, e não há dados suficientes para elaborarmos um perfil do trabalhador voluntário. Segundo o senso comum, a maioria dos trabalhadores voluntários brasileiros é de mulheres, de meia-idade e com educação média, perfil tradicional das senhoras católicas que atuam junto à igreja local (Coelho, 2002:73).

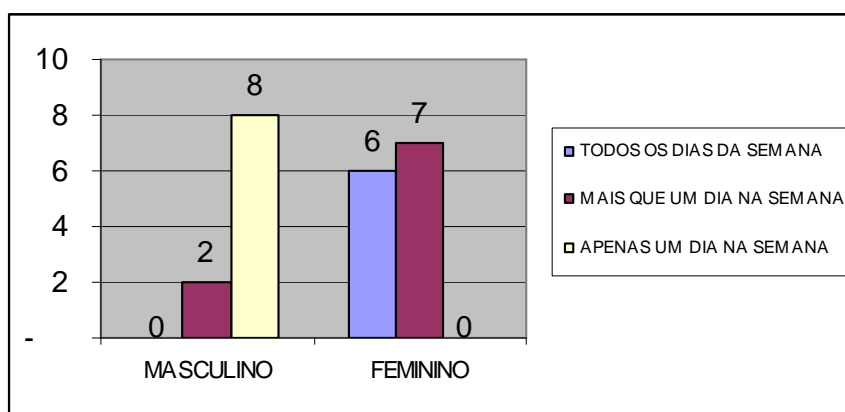
A primeira constatação que a apresentação dos dados destaca é a identificação dos voluntários por sexo. Dos 23 voluntários da Colcha de Retalhos, 13 dos voluntários são do sexo feminino e 10 dos voluntários são do sexo masculino. Há quase um equilíbrio dos sexos entre os voluntários da Colcha de Retalhos como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Sexo dos voluntários da Colcha de Retalhos



Quando a análise dos dados é feita por tempo de dedicação ao trabalho voluntário na ONG Colcha de Retalhos, o desequilíbrio entre os sexos se apresenta de maneira relevante. Dos 13 voluntários do sexo feminino, seis voluntários dedicam-se todos os dias da semana ao trabalho voluntário e sete voluntários dedicam mais que um dia da semana ao trabalho voluntário. Dos 10 voluntários do sexo masculino dois voluntários dedicam mais que um dia da semana ao trabalho voluntário e oito voluntários dedicam apenas um dia na semana ao trabalho voluntário.

Gráfico 4 – Tempo de dedicação ao trabalho voluntário por sexo



Apesar de termos na Colcha de Retalhos, no total de voluntários, um equilíbrio entre os sexos, a análise feita por tempo dedicado ao trabalho voluntário chama atenção para o número alto de participação do sexo feminino. O que nos mostra como no dia-a-dia as mulheres são maioria e se fazem presente na instituição.

Para Cohen (1964), a grande participação feminina em trabalhos voluntários é devido ao sentimento materno que está na maioria das mulheres, quando o autor afirma: “Fazem parte da herança feminina dar ajuda, ser o ‘anjo auxiliador’ para quem os homens se voltam na ânsia de consolo, e servir de mãe” (Coe, 1964:97).

Segundo Camargos (2008), uma pesquisa realizada com trabalhadores voluntários pela entidade “Parceiros Voluntários” observou que: “Dentre os prestadores de serviço dessa natureza, observou-se maior concentração do sexo feminino. Quanto a escolaridade, a frequência de maior expressão é com terceiro grau (ensino superior) completo. A disponibilidade de tempo é menor que quatro horas semanais em 70% dos casos” (Camargos, 2008:77).

Dentre os 23 voluntários da Colcha de Retalhos, dez começaram seu trabalho com a escolaridade atual. Os outros 13 afirmam ter voltado a estudar por encontrar motivação no trabalho voluntário exercido na Colcha de Retalhos como mostra os depoimentos seguintes:

Muitos benefícios, me fez crescer como pessoa, dar mais valor a momentos e coisas pequenas, e realizar um sonho que para mim já era algo impossível, voltar a estudar. (Voluntário n.4)

Aqui você se sente motivado a estar sempre aprendendo para poder ensinar melhor as crianças. Quando você percebe já voltou estudar e não quer mais parar. (Voluntário n.15)

Percebe-se que a Colcha de Retalhos busca motivar o crescimento pessoal, emocional, social e profissional, como forma de cumprir seu papel social com seus voluntários. Martinelli(1997), mostra-nos a importância do terceiro setor neste sentido ao afirmar que:

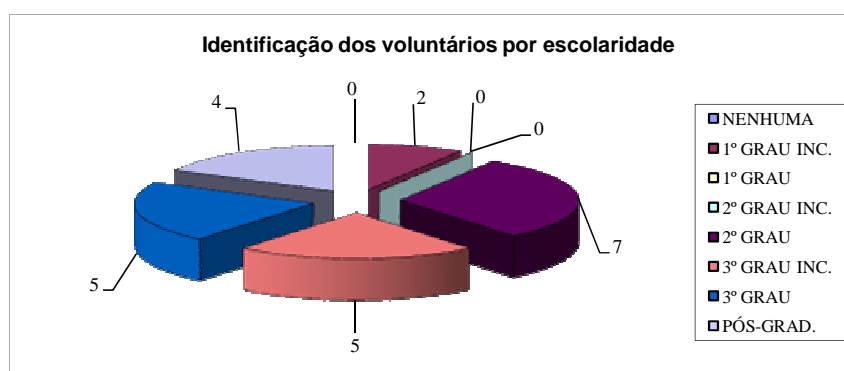
Mais do que suposição, a experiência e o testemunho de voluntários asseguram que a atuação do Terceiro Setor tem aberto um campo para crescimento pessoal e criatividade [...]. Estimuladas em seu papel de cidadãos e engajadas em programas consistentes, as pessoas apresentam um rendimento pessoal surpreendente, com reflexos favoráveis para outros papéis, como o profissional, familiar e pessoal (Martinelli, 1997:86)

Percebo que a Colcha de Retalhos deve ir além da busca por melhoria da qualidade dos serviços prestados pela instituição e motivar o crescimento do voluntário. Seu foco também deve ser na formação de profissionais que queiram sua realização profissional no terceiro setor como preconiza Marcovitch: “quanto à formação, cabe a ela oferecer conhecimentos e habilidades para aqueles que ambicionam tornar-se profissionais na área. Serão agentes de mudanças provenientes de diversas áreas do conhecimento humano, dispostos a dedicarem-se a entidades privadas de interesse público” (Marcovitch, 1997:122) e Salamon: “Ao mesmo tempo, terá de prevalecer a noção do Terceiro Setor como carreira e não como simples estação no caminho de volta ao serviço governamental”(Salamon,1997:107).

Outro dado relevante é que apenas dois voluntários têm o 1º Grau incompleto os outros 21 têm escolaridade igual ou superior ao segundo grau completo, o que mostra um

bom grau de instrução do voluntariado da Colcha de Retalhos. Ao analisar a escolaridade dos voluntários em creches paulistas, Coelho(2002) identificou que: “...agregando os valores de completo ou incompleto, veremos que 49,1% do quadro de pessoal têm apenas o primeiro grau, 28,8% têm o segundo grau e somente 19,2% possuem ou ainda estão cursando o terceiro grau” (Coelho,2002:133).

Gráfico 5 – Escolaridade dos voluntários da Colcha de Retalhos



Há um equilíbrio de faixa etária nos voluntários da Colcha de Retalhos, mas é importante ressaltar que a maioria dos voluntários está entre 20 e 49 anos de idade.

Gráfico 6 – Idade dos voluntários da Colcha de Retalhos



#### 4.2.3 - MOTIVAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

Ao pesquisar as diversas motivações para o trabalho voluntário, percebo que estas são inerentes ao ser humano como afirma Cohen: “Mas como parte do gênero humano todas as pessoas têm o desejo latente de deixar ‘suas pegadas nas areias do tempo’. [...] Não desejamos que nossas vidas consistam apenas no trabalho de alimentar e vestir nossas

próprias pessoas e de arranjar alguns poucos prazeres sensoriais que terminam em nada” (Cohen,1964: 96). O autor continua seu raciocínio mostrando-nos a importância de se dar vazão a essas motivações como forma de manter o trabalho voluntário:

Todos nós sabemos que cada um tem suas motivações para fazer uma determinada tarefa. Sem motivações pessoais, sem necessidades pessoais e sem impulsos pessoais, nós não disporíamos de voluntários para qualquer programa. É importante reconhecer que essas necessidades são naturais e que todos nós precisamos dar vazão a elas (Cohen,1964: 193).

Amparada pelo referencial teórico apresentado nesta pesquisa, classifiquei os voluntários da Colcha de Retalhos em dois grupos amplos de acordo com a sua motivação. O primeiro grupo motivado pelo altruísmo e o segundo pelo interesse próprio (Coelho, 2002:72-73).

Para fins dessa pesquisa, considereei motivação altruísta as respostas que remetiam ao exercício da cidadania, solidariedade, ajudar as pessoas, amor à causa da Colcha de Retalhos ou ao próximo e partilhar com o próximo os conhecimentos adquiridos. Como motivação por interesse próprio, considereei as respostas que remetiam ao aumento da rede de relacionamentos, ocupar o tempo, combater a solidão, tornar-se voluntário com ajuda de custo, ter benefícios para sua família, experiência profissional e melhorar o currículo.

Dentre os 23 voluntários, 13 afirmaram que a motivação para o trabalho voluntário tem cunho altruísta como relatam os voluntários a seguir:

É muito bom saber que posso ajudar outras pessoas do meu bairro. Se eu pudesse faria muito mais. (Voluntário n.1)

Eu quero sempre ser voluntária na Colcha porque a melhor coisa é poder ajudar o próximo ser solidária, ser útil. Sei que meu trabalho tem ajudado as crianças com a leitura e o comportamento e elas levarão isso para o resto da vida. Se todo mundo fizesse um pouquinho esse mundo estaria bem melhor. (Voluntária n.12)

Quando eu conheci a Colcha me encantei com o trabalho, aí não parei de pensar um jeito de pedir para ser voluntária. Foi quando eu percebi que podia ajudar as crianças com o meu dom de fazer artesanatos de papel. É maravilhoso ter um lugar para praticar o bem! (Voluntária n.3)

Dos 23 voluntários sete responderam que a base de sua motivação para o trabalho voluntário vem de motivação por interesses próprios, principalmente ter benefícios para sua família e aumentar a rede de relacionamento.

Eu quero uma vida melhor para minha família e para todo o bairro é por isso que participo mesmo, não vou ficar parado vendo meus amigos e vizinhos trabalhando e eu nada... Ser voluntário aqui é muito divertido, você faz muitos amigos! (Voluntário n.2)

Neste caso é importante ressaltar dois pontos além do altruísmo: primeiro, a identificação de divertimento ou recreação na Colcha de Retalhos, apontado pelo voluntário n.2, como fator de motivação: “[...] as instituições sociais e as irmandades têm facilidades recreativas para oferecer, desse modo atraindo os associados[...]” (Cohen,1964:129). Segundo, a consciência do voluntário na manutenção de sua família e da comunidade: “Sob o ponto de vista do indivíduo, essa distribuição de responsabilidades significa que, embora de certo modo ligada às condições de saúde e bem-estar de sua comunidade, a obrigação de uma pessoa é primordialmente cuidar de si mesma e de sua família”(Cohen,1964:129). Neste mesmo sentido Salamon (1997), mostra-nos a importância do terceiro setor como pré-requisito em viabilizar a democracia e a conscientização do povo em lutar por melhores condições de vida:

A primeira é o papel que essas organizações desempenham na livre expressão dos sentimentos do povo, que deseja lutar para melhorar suas vidas. A segunda é a imensa variedade de caminhos através dos quais essa necessidade pode ser atendida – e a grande diversidade de entidades de Terceiro Setor que, em consequência, podemos esperar ver crescer nos países e entre eles. (Salamon,1997:110)

É importante ressaltar que três dos voluntários deram respostas que indicavam as duas motivações.

Ser voluntário me traz satisfação pessoal, valorização da minha formação e principalmente poder praticar a solidariedade. (Voluntário n.5)

Referente à importância da participação do voluntariado na Colcha de Retalhos e na comunidade, as respostas foram unânimes em afirmar serem boas ou ótimas e de grande valia. Segundo Cohen:

Também no trabalho da comunidade, a satisfação de ser parte de um esforço conjunto com outras pessoas imbuídas do mesmo espírito cívico traz satisfação e cria amizade, que enriquecem a vida de uma pessoa, e ocasiona contato com gente de grande ideais e de devoção altruística para com a melhoria das condições da comunidade e de seus cidadãos. Amizade desse tipo, baseadas no interesse comum, têm uma profundidade e uma qualidade que nem sempre se encontram nas relações sociais normais(Cohen,1964:94)

A fala dos voluntários n.11, 20 e 22, mostra-nos a consciência da importância da sua participação conjunta dos voluntários.

A Colcha de Retalhos a cada ano dá um passo à frente na sua evolução. Isso é fruto do trabalho de várias cabeças pensantes e eu faço parte disso. (Voluntário n.11)

Segundo a voluntária n.20 sua contribuição não só é importante como é a base da Colcha de Retalhos e de sua comunidade.

Eu me vejo como um dos pés de uma mesa, que pode ser a Colcha ou a minha comunidade, as idéias se encaixam a outras, se moldam e tornam um único pensamento e tornam-se a base para que a mesa seja sólida o suficiente para nunca cair. (Voluntária n.20)

Sabe, o que me motiva a continuar participando na Colcha é saber que aqui eu tenho oportunidade de partilhar um pouco do que eu sei com outras pessoas. Saber que tudo está mudando não só aqui dentro, mas lá fora também e que eu estou construindo junto com outras pessoas um bairro melhor com menos violência. (Voluntária n.22)

Quando a voluntária n.22 fala dentro e fora, refere-se a sede da Colcha, que melhora suas instalações a cada ano, e seu entorno, principalmente a Rua Guaxindiba onde existe tráfico de drogas que era muito violento anos atrás.

Na fala dos voluntários n. 11, 20 e 22, percebe-se a noção que os voluntários têm de sua importância, da responsabilidade de contribuir para melhoria da ONG Colcha de Retalhos e do bairro em que moram. Dividir seus conhecimentos funciona como motivação para continuação do trabalho voluntário. É relevante ressaltar que em nenhuma das três falas vê-se a motivação do trabalho voluntário estar ligada diretamente as crianças ou atividade fim<sup>10</sup> realizada por ambos como vimos nas falas das voluntárias n. 3 e 12.

---

<sup>10</sup> Estou considerando atividade-fim toda aquela em que o profissional atua diretamente com o objetivo-fim da instituição, no caso da Colcha de Retalhos é o atendimento às crianças e seus responsáveis. Considero



Esta motivação do indivíduo por contribuir com seus conhecimentos na melhoria da sociedade da qual participa é abordada por Cohen (1964), quando ele afirma que o voluntário é

A pessoa que, por sua livre vontade, decide trabalhar em benefício de sua comunidade está na realidade dizendo: ‘Tenho dons e aptidões que são necessários; sou uma pessoa que aceita uma responsabilidade, não porque ela me é imposta, mas sim porque desejo ser útil. Meu direito de assim proceder é um símbolo de minha dignidade pessoal e meu valor’ [...]A experiência do voluntário deve-lhe oferecer, além do sentimento de sentir-se útil como um indivíduo, a oportunidade de participar de modo significativo no programa geral e de intensificar o senso de responsabilidade social. (Cohen,1964:58).

O que chama atenção, na fala dos voluntários a seguir é o benefício e o bem-estar que o trabalho voluntário traz ao próprio voluntário.

Eu sempre digo que eu ganho mais do que dou aqui na Colcha. Hoje eu sou uma pessoa muito melhor, mais feliz, mais segura e realizada. Quando eu cheguei aqui para ajudar na alfabetização de adultos não sabia que aprenderia muito mais do que ia ensinar. (Voluntária n.10)

Sou mais sorridente e feliz. O dia que venho aqui e as crianças pulam gritando: tia, tia, tia você vai brincar hoje? Eu saio leve e o pouco tempo que fico aqui me fortalece para toda a semana. (Voluntária n.13)

Eu costumo dizer para minha família, principalmente para minha filha, que na Colcha eu pareço um vampiro que engana todo mundo. Quem vê de fora acha que eu estou só ajudando, mas na verdade eu sugo tudo de bom desse lugar. Eu nunca cheguei aqui bem e sai mal, mas sempre que chego mal não tem um dia que eu não saia bem. Minha mãe sempre fez trabalho voluntário, mas era na igreja. Ela morreu e não pode conhecer a Colcha, sei que se ela estivesse aqui nós duas íamos trabalhar juntas. Com ela aprendi a buscar felicidade dentro de mim e ajudando os outros. Aqui tem uma frase que está num quadrinho lá na brinquedoteca que traduz bem o que faço aqui: Para ser feliz é preciso fazer o bem! (Voluntária n.10)

Na fala da voluntária n.10, a família como tradição do trabalho voluntário fica bem evidente assim como a felicidade adquirida com o trabalho voluntário. Percebo que ao falar da mãe a voluntária busca construir uma história parecida com a filha, quando faz comentários em casa. A noção de felicidade com o trabalho voluntário construída com a

mãe, mas não vivenciada na Colcha, parece-me a motivação para que num futuro a voluntária possa vivenciar esta felicidade na Colcha de Retalhos com sua filha. Estes sentimentos são abordados por Cohen (1964) quando o autor discute quais os motivos e o que motiva uma pessoa a ser voluntário.

Algumas pessoas tomam parte no trabalho da comunidade por desejo consciente, outras por tradição de família, algumas por associação de circunstâncias. Talvez as razões para se iniciar sejam obscuras e não revelem uma intenção premeditada, mas os motivos para se continuar, depois de dada a partida, vão-se tornando cada vez mais claros à proporção que a pessoa participa do trabalho. As satisfações obtidas são das mais variadas espécies e os sentimentos de que se conseguiu algo são reais e compensadores. (Cohen, 1964:93).

### **4.3 – TENSÕES**

#### **4.3.1 - VOLUNTÁRIOS X FAMÍLIAS**

A busca por solução dos problemas ocorridos com a falta de comprometimento dos voluntários levou a Colcha de Retalhos buscar e formar voluntários na comunidade e dentro das famílias atendidas nos projetos. Esta solução tem se mostrado satisfatória, mas ainda tem muito a melhorar. Na Colcha de Retalhos a relação, voluntários e família nem sempre é muito simples, principalmente porque temos muitos voluntários que são responsáveis, parentes ou amigos das famílias das crianças atendidas na Colcha de Retalhos.

A proximidade, intimidade e até parentesco entre os voluntários, ao mesmo tempo em que funciona como uma linha de costura filosófica dessa colcha institucional unindo seus voluntários, pode representar, em alguns momentos, a linha tênue entre o amor e o ódio. As falas a seguir mostram como os voluntários têm dificuldades de trabalho em relação a algumas famílias.

De vez enquanto ainda tenho problemas, são os de sempre: mãe que acha que só porque contribui a criança tem que ter um melhor tratamento, ou por eu não ser professora formada não sei ensinar direito, ou se eu deixo de falar com alguém da família eles querem logo tirar a criança da minha turma, são essas coisas... O que mais marcou foi o problema que eu tive com a minha família. Quando comecei como voluntária, briguei com a minha tia porque ela queria que eu ajudasse, ou melhor, que eu fizesse uma pesquisa para minha prima que é minha aluna aqui na Colcha. Por mais que eu explicasse que aqui na Colcha nós deixamos as crianças fazerem os seus trabalhos sozinhas e apenas orientamos ela não me ouvia e gritava que tinha me indicado para

Colcha e que ela era minha tia. Eu já tinha sido orientada que essas coisas acontecem muito aqui, então sabia o que dizer para ela, mas ficamos um tempinho estremecidas, até que em uma reunião a coordenadora falou sobre esse tipo de assunto e no final da reunião minha tia me chamou no canto e me pediu desculpas. Agora está tudo bem, virou até motivo de piada lá em casa, mas na época foi muito difícil. Enfrentar a família dos outros é mais fácil que enfrentar a nossa família. (Voluntária n.20)

Quando a voluntária n.20 fala que já tinha sido orientada, percebo como pesquisadora participante, a importância das reuniões semanais onde os voluntários são orientados para essa situação de tensão com as famílias. Deixando claro que a Colcha de Retalhos tem consciência da sua escolha de trabalhar basicamente com voluntariado local e dos problemas que essa escolha pode trazer.

Em contraste com a fala anterior, a voluntária n.10 não percebe, talvez por não ter vivido nenhuma situação de conflito, o quanto a proximidade com as famílias pode ser perigosa no sentido de uma exposição de sentimentos e valores de ambas as partes.

Nunca tive nenhum problema, muito pelo contrário, quando passei por um momento difícil familiar não falei nada aqui na nossa reunião, porque tinha vergonha, mas era muito bom ser abraçada pelas mães na porta e ouvir elas dizendo: se meu filho(a) te perturbar me avisa que eu brigo com ele(a). O fato de todo mundo aqui ser conhecido, você nem precisa falar nada que todo mundo sabe e logo ajuda é como uma grande família. Eu costumo dizer que tenho duas famílias a de sangue e a da Colcha. (Voluntária n. 10)

O fato dos voluntários da Colcha de Retalhos tornarem-se pessoas populares no bairro é relatado pela voluntária n.17 e foi outro ponto que me chamou atenção em dois sentidos: o primeiro, por não perceber por parte da Colcha de Retalhos nenhum tipo de trabalho de preparação com os voluntários neste sentido, e o segundo, de que nem todos os voluntários estão ou querem estar preparados para tamanha exposição. O que pode ocasionar abandono do trabalho voluntário.

Às vezes é chato saber que tem um monte de gente no bairro que te conhece ou que sabe quem você é. Quando eu não era da Colcha, eu andava tranqüila sem me preocupar se falei com o vizinho a, b, ou c. Hoje, se vou à padaria, sempre sou parada por alguém perguntando alguma informação da Colcha e de alguma criança, sem contar com as crianças e seus familiares que não podem nos ver na rua que param para dar beijo e ficam falando, falando... tem dia que a gente tem pressa ou está mesmo de mau humor e nem sempre as pessoas entendem. Eu não

sei se isso chega ser um problema, mas às vezes me incomoda.  
(Voluntária n. 17)

Na fala das voluntárias n.4 e n.6 destaco que a Colcha de Retalhos ainda é confundida, principalmente pelas famílias novas, como uma escolinha. O que provoca em algumas mães certa confusão em relação à profissionalização das tias voluntárias.

A fala da voluntária n.4 nos deixa uma lição de que o voluntário enfrenta vários aborrecimentos em seu dia-a-dia, mas que estes não podem, ou pelo menos não devem, ser motivos para que se desista do trabalho. A motivação para o trabalho voluntário pode vir de vários caminhos como afirma Cohen (1964): “Não obstante, é o espírito de compartilhar com alguém e de ser útil aos menos afortunados ainda não desapareceu – quer ele nasça da bondade do altruísmo, do aborrecimento, da infelicidade ou do amor” (Cohen,1964:98).

Tive um problema com uma aluna que a mãe não queria que eu fosse tia voluntária da menina porque eu sou moradora da favela da Mundial, antes de vir para cá eu trabalhava como balconista em um comércio dentro da favela e, eu acho, porque na época eu era a única tia negra da Colcha. A coordenação chamou a mãe para conversar e a menina ficou comigo por dois anos seguidos. Quando a menina foi transferida para outra tia a mãe fez a maior briga porque não queria que a menina trocasse de tia. Até hoje, quando eu as encontro, a mãe me pede para criar um projeto para adolescentes porque a filha sente minha falta. Hoje, sou funcionária pública na área da educação, mas continuo como voluntária pedagoga da Colcha uma vez por semana. Não fico mais com turmas, mas sempre que posso estou aqui nas salas de aulas passando um pouco da minha experiência com as criança e famílias. Sei que tensão na relação entre os voluntários da Colcha de Retalhos e seus parceiros sempre vai existir. Primeiro porque o que fazemos aqui é muito novo para todos nós e segundo que as pessoas são passíveis de erros.  
(Voluntária n. 4)

Na fala a seguir percebo que a Colcha de Retalhos deve trabalhar mais no sentido de deixar claro para as famílias a importância e capacidade de seus voluntários, pois segundo Cohen (1964:138),os mesmos só “querem apenas o direito de prestar seu serviço de maneira verdadeira essencial e útil”.

Eu já tive um problema com uma mãe que me chamou de burra e disse que eu não tinha moral para ensinar, por que não sou professora formada sou voluntária. Só que quem estava errada era a professora da escola que não corrigiu direito o dever da criança, eu ensinei certo(Voluntária n. 06)

### 4.3.2 - VOLUNTÁRIOS X ESCOLA

A voluntária n.12 ao relatar que, é na Colcha de Retalhos que aprendeu a ensinar as crianças uma educação voltada para valores, me faz refletir sobre a influência dos valores da organização na sua formação como cidadã.

Segundo Coelho (2002), as instituições do terceiro setor estão difundindo socialmente seus discursos em que buscam mudança nos métodos educacionais e na maneira de encararmos as crianças de nossa sociedade. A autora afirma que:

As entidades assistenciais mais antigas, por exemplo, vão pouco a pouco transformando seus objetivos e suas formas de atuação, seja em função dos novos valores que passam a ser socialmente difundidos, seja em função das organizações mais recentes. O discurso sofre uma mutação: de ‘assistir o mais carente’ e ‘tirar a criança da rua’ passa-se a pensar em termos de ‘educar para a cidadania’, ‘formar o indivíduo para a vida em sociedade’. Muda, inclusive, a forma de encarar a criança – de carente e objeto de caridade, ela passa a ser vista como um indivíduo com capacidades, que precisa apenas de informações para se desenvolver. Trata-se, portanto, de um olhar mais positivo (Coelho 2000:193).

Percebi que a dedicação, assiduidade e o amor dos voluntários pelas crianças é ponto de orgulho evidenciado no dia-a-dia na Colcha de Retalhos.

Eu sou apaixonada pelas minhas crianças, não falto um dia e me dedico mesmo, aqui agente aprende que não pode só ensinar números e letras tem que ensinar os valores, mas tem professora que não entende isso, aí eu fico chateada. De vez enquanto tem professora que manda bilhetinho no caderno da criança para a tia da Colcha porque tem um deverzinho errado ou porque a criança não se comportou bem na sala de aula. Elas mandam aqueles deveres do tipo: escreva de zero a cinquenta ou pior de zero a cem. Não dá para notar que a criança esqueceu-se de escrever um número certo e, além do mais, nós não temos nada a ver com o comportamento da criança na escola. Elas cometem muitos erros na sala de aula e nós aqui não reclamamos nada, muito pelo contrário, aqui em todas as reuniões só se ouve que temos que enaltecer a professora... Tudo bem que a professora da escola tem muitos alunos e aqui nós só podemos ter no máximo 15, mas será que não dava para elas tentarem fazer uns deveres mais interessantes como os daqui<sup>11</sup>? Não acho certo mandar uma criança copiar uma tabuada várias vezes como dever de casa, não é bom. Aqui agente procura ensinar a criança a gostar de estudar, mas fica difícil quando a escola não entende isso (Voluntária n. 12).

<sup>11</sup> Os exercícios criados na Colcha de Retalhos são interativos permitindo que a criança monte-o como melhor lhe convém. Ver exemplos dos exercícios no anexo.

É relevante ressaltar que primeiro, a voluntária n.12, mesmo propondo mudanças, tem noção das diferenças do número de atendimentos nos serviços oferecidos pela escola pública e os da Colcha de Retalhos. Esta diferença é sinalizada por Coelho (2002) quando a autora afirma que: “os serviços das organizações sem fins lucrativos são oferecidos sempre numa escala muito menor do que os prestados pelas instituições públicas. Isso facilitaria sobremaneira seu gerenciamento” (Coelho 2002:83). Segundo, apesar de fazer parte do discurso comum que, comunicação e parceria entre a escola e a Colcha de Retalhos é fundamental, em algumas situações ainda percebe-se certa rivalidade em relação aos papéis de cada instituição. Mostrando, talvez, que a relação está pouco sólida e baseada em pessoas e não em idéias.

Contrapondo a opinião da voluntária n.12, a voluntária n.9 percebe que o resultado da parceria e diálogo entre Colcha de Retalhos e escola, é o maior aproveitamento escolar e a confiança das crianças no profissional de educação.

Eu me dou muito bem com as professoras das minhas crianças, nós nos comunicamos quase todos os dias pelos caderninhos das crianças. Eu sei tudo o que eles fazem na escola e procuro ajudar daqui com conversa e tentando tirar as dificuldades. Quando não entendo algum trabalhinho de pesquisa ou preciso de ajuda eu mando bilhetinho para a tia da escola também. Eu acho que essa amizade entre as tias faz a criança se sentir mais segura e gostar mais de estudar. Esse ano, na nossa primeira reunião, em março, eu vou sugerir que a Colcha tenha uma agendinha da criança para podermos nos comunicar melhor com as tias e as famílias. (Voluntária n. 9)

#### **4.3.3 - VOLUNTÁRIOS X VOLUNTÁRIOS**

Percebo que as falas das voluntárias n.13 e n.15 mostram certa fragilidade na comunicação entre os voluntários e a Colcha de Retalhos no que tange aos procedimentos e às normas. Falta mecanismo que disponibilize acesso à informação para o grupo todo e, não apenas aos voluntários mais presentes ou mais antigos.

Todo o programa que empregue voluntários precisa de um curso de treinamento e de um serviço, que inclua algum material concreto [...] Ao mesmo tempo os voluntários precisam alcançar um sentimento verdadeiro de que estão realizando algo, de que seu esforço é de valia e precisam sentir-se satisfeitos. Ocorrem frustrações, mas qualquer sinal de que estão atingindo os objetivos pesará muito mais na balança (Cohen, 1964:205-206).

Pode ser que o grupo de voluntários da Colcha de Retalhos esteja criando barreiras para os voluntários que não são do bairro e neste sentido é importante que os novos voluntários saibam os objetivos da Colcha de Retalhos para que possam transpor essas possíveis barreiras.

Problemas não, mas eu sinto que por não ser do bairro tenho um pouco mais de dificuldade para entender algumas coisas que acontecem aqui. Às vezes, nas reuniões ou quando conversamos, percebo que alguns voluntários acham chato ter que ficar me explicando tudo sobre as crianças, as famílias ou os conflitos do bairro. Isso não chega ser um problema, mas a meu ver, dificulta a entrada de novos voluntários que não são do bairro como eu. “Voluntária n. 13”

De acordo com Cohen (1964), para evitar problemas na determinação do trabalho a ser executado pelo voluntário, a instituição deve deixar claro ao voluntário que: “não importa o que você execute, sua boa-vontade em nos ajudar fará com que nos comprometamos a estabelecer uma ligação de trabalho clara, útil e honesta com você. Sem isto seu esforço não lhe trará um senso de ter compreendido seu dever, que é necessário que você tenha (Cohen, 1964:185).

Aqui todos fazem um pouco de tudo, não é porque dou aulas que não posso limpar os banheiros ou ajudar na reforma de final de ano. Os voluntários novos sentem um pouco de dificuldade nessa prática, eles querem só fazer o que gostam e muitas vezes deixam de fazer o que nós estamos precisando. (Voluntário n. 15)

Outro fato importante levantado pelo voluntário n.15 é que na Colcha de Retalhos não há voluntários específicos para cada tipo de função o que gera problemas principalmente com novos voluntários. Percebo que a falta de um sistema de captação de voluntários, que leve em conta suas motivações e desejos e as necessidades da Colcha de Retalhos, pode se transformar em uma barreira para novos voluntários como nos mostra Cohen (1964) ao afirmar que:

Ao mesmo tempo todo mundo que trabalha com ‘gente’ tem de estar atento para que essas necessidades e impulsos não sobrepujem o serviço a ser feito; a ênfase deve estar sobre as pessoas para quem o serviço se destina. Portanto, é necessário que se estabeleça um sistema de ‘verificações e de balanços’. Um sistema assim deve levar em conta o fato de que os voluntários (bem como outras pessoas) possuem seus próprios impulsos e motivações que devem ser entrosados com as

necessidades das pessoas para quem os voluntários trabalham (Cohen, 1964:193).

Na fala do voluntário n.21, novamente não se percebe nenhum instrumento ou rotina de informações direcionada aos voluntários, onde estes sejam informados da história da instituição suas rotinas e normas, para que possam ter liberdade de opinião e de escolha.

Eu estou aqui há mais ou menos um ano e quando eu cheguei aqui, levei um susto! As salas são abertas, mas existe uma divisão virtual do espaço em quatro salas diferentes, uma para cada série. Eu achava estranho ter uma hierarquia diferente da que eu sempre conheci. Aqui as crianças têm tanto ou mais poder que o presidente; a coordenadora das tias que dão aula e de toda a equipe pedagógica, não é formada, tem apenas o segundo grau; a pedagoga, que vem uma ou duas vezes por semana e não mora no bairro, conhece tudo e todos; a coordenadora geral parece um fantasma, parece que está em todos os cantos, mas não se vê nunca, ou melhor, só nas reuniões; e as reuniões mais parecem uma festa que uma reunião de trabalho. Sabe, é difícil ser chamado atenção em um ambiente desses. Os voluntários vestem a camisa da Colcha isso é bom por um lado, mas eu acho que todos se sentem tão donos que fica difícil saber quem é quem. (Voluntário n. 21)

Este ambiente diferenciado, existente na Colcha de Retalhos, pode ser comparado às instituições voluntárias americanas que trabalham com crianças e adolescentes descritas por Cohen (1964): “o poder dessa atmosfera pode atingir a níveis inusitadamente altos. O local não se assemelha ao ambiente caseiro nem também ao de uma escola. Tem um clima e um ‘jeito’ próprios. Muitas vezes parece pertencer às crianças e adolescente que lá estão” (Cohen,1964:175).

A Colcha de Retalhos ainda está em processo de percepção que deixou de ser um grupo de amigos e vizinhos e transformou-se em uma Organização Não Governamental que tem como princípios básicos a utilidade pública, a busca da cidadania plena e o desenvolvimento social do bairro em que está inserida.

Segundo Sen (2007), “O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (Sen, 2007:10). Sem a condição de agente o voluntariado, que em latim significa “capacidade de escolha, de decisão”, não terá condições de ser cidadão e nem ser agente de promoção da cidadania. Ser cidadão, de



acordo com Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2003:9), “é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, é participar do destino da sociedade, votar, ser votado, é ter direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranqüila.” A Colcha de Retalhos deve entender que seu voluntário também é seu público alvo como cidadão e não há cidadania sem desenvolvimento e não há desenvolvimento sem liberdade.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparado pelo referencial teórico buscou-se analisar os dados e depoimentos dos voluntários da Colcha de Retalhos, partindo dos questionamentos feitos na introdução desta pesquisa. Diante destes dados constatou-se que:

A atuação da ONG Colcha de Retalhos minimizou a atividade ostensiva do tráfico de drogas no seu entorno proporcionando uma menor exposição da população ao convívio com traficantes armados.

Os recursos financeiros, proveniente da parceria entre a Colcha de Retalhos e a Indústria Química Pan-Americana S/A, mesmo sendo importantes para a sustentabilidade da Colcha de Retalhos, não são a sua única base de sustentabilidade por dois motivos: primeiro, porque este recurso é destinado ao pagamento de ajuda de custo de alguns voluntários que, em seus depoimentos, deixaram claro que continuariam o trabalho independente deste recurso. Segundo, que do total de 23 voluntários apenas cinco voluntários recebem ajuda de custo.

Os voluntários são: fonte de recursos humanos – ao doarem seu tempo com as atividades da Colcha de Retalhos; são fonte de geração de renda – ao fabricarem artesanatos que são comercializados em eventos dentro ou fora do bairro de Coelho Neto e por fim, são fonte de recursos financeiros – já que a maioria pertence a famílias atendidas no projeto Costurando as Letras, e contribuem mensalmente com a Colcha de Retalhos.

A prática do trabalho voluntário, baseado na ética, solidariedade e na busca da cidadania plena para todos, pode ser a resposta para a crise de sustentabilidade que atravessa o terceiro setor e para a diminuição da violência. O trabalho voluntário proporciona benefícios para a instituição, para o voluntariado e principalmente para a comunidade onde as instituições sem fins lucrativos estão inseridas.

O significado maior para o voluntário é saber que não está apenas realizando “tarefas”, mas saber que sua participação está num propósito maior de atingir objetivos sociais coletivos na contribuição para um mundo mais justo.

O trabalho voluntário não é mais um plano de emergência ou um processo de se cobrirem eventuais deficiências de mão-de-obra e sim, a consolidação do conceito da responsabilidade e participação contínua da comunidade na busca da cidadania plena e na consolidação da democracia, onde “[...] a cidadania inclui direitos, responsabilidades civis e políticas. Inclui, também, o direito à educação e à propriedade. Enfim, direitos que

asseguem a realização de cada indivíduo como cidadão, membro ativo de uma estrutura social” (Marcovitch, 1997:124).

A motivação altruísta e de benefícios próprios podem e devem caminhar juntas já que são relacionadas ao mundo do próprio voluntário, direta ou indiretamente. “Também devemos notar que as satisfações pessoais que os voluntários obtêm de sua participação são freqüentemente relacionadas com as satisfações derivadas dos laços familiares, da consecução de um meio de vida, de possuir amigos, de pertencer a instituições voluntárias e de conseguir um *status* melhor na sociedade” (Cohen, 1964:131).

Os voluntários são o elo entre a instituição e a comunidade, neste sentido, configuram-se como:

Os melhores agentes de relações públicas que uma agência pode ter. São eles que vão dizer tudo aos outros e, a fim de que o façam com correção, é necessário que estejam bem informados acerca do desenvolvimento geral do programa. Também devem ser orientados quanto ao modo de descrever os serviços e de interpretar o programa da organização junto à população de maneira a conseguir o máximo benefício dessa ação para os que são assistidos (Cohen, 1964:206).

A participação do voluntário em uma instituição da própria comunidade pode até trazer tensões, mas traz maior vínculo com o trabalho, maior satisfação por parte do voluntário e maior cobrança na qualidade dos serviços oferecidos pela instituição.

Como a atuação de organizações desse tipo está estreitamente vinculada a uma comunidade e/ou a um grupo de indivíduos, sofre por parte destes, pelo menos em tese, um certo controle. Esse controle comunitário assegura, de certa forma, a qualidade do serviço, pois o usuário tem acesso facilitado na instituição, podendo reivindicar melhorias com maior eficácia [...] (Coelho 2002:84).

O trabalho voluntário é fundamental para que os serviços da instituição tenham qualidade e preços mais acessíveis. “Se esses são oferecidos por organizações do terceiro setor, a comunidade terá um serviço com qualidade igual ou melhor do que o oferecido pelas empresas privadas e a preços mais acessíveis ou até mesmo gratuitos” (Coelho, 2002:84).

Pode-se supor que o ser humano, ao se dedicar ao trabalho voluntário, tem a possibilidade de conhecer e aprender a trabalhar com pessoas diferentes de si, propiciando a ampliação de sua rede de relacionamentos como forma de crescimento pessoal.

Partilhar um empreendimento com alguém traz à maior parte das pessoas uma satisfação muito maior do que o prazer de trabalhar ou representar sozinho [...]. Além da satisfação de se dar a si próprio, o trabalho pelo bem-estar da comunidade traz a doce recompensa de ver como pessoas com formação e passado os mais variados possíveis, algumas profundamente enraizadas na filosofia do seu grupo de origem, podem trabalhar juntas harmoniosamente, com respeito pelos pontos de vista dos outros, e chegar a decisões e a programas que, embora basicamente sólidos, deixam lugar para o funcionamento das filosofias individuais (Cohen, 1964:93).

O voluntariado é capaz de mudar a instituição da qual faz parte, assim como, a instituição é capaz de mudar o voluntário, para que, ambos unidos, mudem a comunidade para qual se dedicam. Numa simbiótica reciprocidade.

Essa visão nova enriquecerá seu conhecimento e, como é verdadeiro em todo o processo de aprendizagem, essa experiência lhe trará preocupações e conclusões que você não esperava jamais ter quando se chegou a nós. A sua atenção para outros esforços [...] se aguçarà com a experiência e conhecimentos ganhos; [...] O seu papel como cidadão se reforçará, então, e se fortalecerá e você passará a agir com maior confiança [...] (Cohen, 1964:186).

Percebi que a Colcha de Retalhos pode estar criando uma barreira para novos voluntários de outros bairros ou até do próprio bairro. Neste sentido, acredito ser relevante para o bom andamento do trabalho voluntário na instituição, programar um treinamento básico para os novos voluntários e elaborar um informativo, que este seja socializado com todos voluntários, contendo a história da instituição, suas normas e objetivos.

## 6 - BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Maria Celina D'. *Capital Social*. . Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

AZEVEDO, Débora. Voluntariado corporativo: motivações para o trabalho voluntário. *Revista Produção On Line*, Florianópolis, edição especial, dez. 2007. Disponível em: <<http://producaoonline.org.br/index.php/rpo/issue/view/9>>. Acesso em: 13 março 2009.

BARBOSA, M.N.L; OLIVEIRA, C.F. *Manual de ONG's: guia prático de orientação jurídica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BARROS, Alice Monteiro de. Trabalho voluntário e trabalho religioso. *Revista LTr*, São Paulo, v. 64, n. 5, p. 588-597, mai. 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Desenvolvimento e crise no Brasil: história economia e política de Getulio Vargas a Lula*. 5ª.ed. São Paulo:editora 34, 2003.

CAMARGOS, Ana Amélia Mascarenhas. *Direito do trabalho no terceiro setor*. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARDOSO, Ruth. Fortalecimento da Sociedade Civil. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo do caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

COELHO, Simone de Castro Tavares. *Terceiro setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Senac, 2002.

COHEN, Nathan E. *O papel do voluntário na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

CRUZ, Cecília Meirelles. *Captação de diferentes recursos para organizações sem fins lucrativos*. São Paulo: Global, 2000.

CUNHA, A.P.G. Programa de Estudos em Gestão Social - Organização do terceiro setor: um desafio para as teorias organizacionais. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, v.31, n.1, p.135-8, jan./fev., 1997.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. *Voluntariado: gestão do trabalho em organizações sem fins lucrativos*. São Paulo: Esfera , 2002.

FACHIN, Otília. *Fundamentos de metodologia*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: Historiografia e História*. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

FERNANDES, Rubem César. O que é Terceiro Setor? In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FURTADO, Celso. *Dialética do desenvolvimento*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos e lutas sociais na história do Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. *O protagonismo da sociedade civil – movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDBERG, Ruth. *Como as empresas podem implementar programas de voluntariado*. São Paulo: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, 2001.

KISIL, Marcos. Organização Social e Desenvolvimento Sustentável: projetos de base comunitária. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

LANDIM, Leilah. *Para além do mercado e do Estado? Filantropia e cidadania no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, 1993.

\_\_\_\_\_. Associações no Brasil: comentários sobre dados oficiais recentes. *Democracia Viva*, Rio de Janeiro n.28, ago./set. 2005.

\_\_\_\_\_. *ONGs e universidades: desafios da colaboração na América Latina*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

\_\_\_\_\_. Experiência militante. In: LANDIM, Leilah (org). *Ações em sociedade, militância, caridade, assistência etc.* Rio de Janeiro: NAU, 1998.

MARCOVITCH, Jacques. Da exclusão à coesão social: Profissionalização do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

MARTINELLI, Antônio Carlos. Empresa-Cidadã: Uma visão inovadora para uma ação transformadora. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

MATIAS, Antonio e ALEXANDRE, Sylvio. *Monografia: do projeto à execução*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Rio; IOB Thomson, 2006.

NETO, Francisco Paulo de Melo, FROES, César. *Gestão da Responsabilidade Social Corporativa: o caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial: a administração do 3º setor*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

\_\_\_\_\_. *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

NOTÍCIAS, Pan. Ano 9, Nº 58, outubro e novembro de 2005.

OLIVEIRA NETO, V. As ONGs e o fundo público. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, ano 12, n.37, dez.1991.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicos*. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

RIFKIN, Jeremy. Identidade e natureza do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

SALAMON, Lester. Estratégias para o fortalecimento do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A reinvenção solidária e participativa do Estado*. Brasília: Ministério da Administração e Reforma do Estado, 1998. Paper apresentado no seminário Sociedade e Reforma do Estado, ocorrido em São Paulo, entre 26 e 29 de março de 1998.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. Gestão social: uma perspectiva conceitual. *Revista de Administração Pública*, v.32, n.5, set./out. 1998.

\_\_\_\_\_. *Gestão de ONGs: principais funções gerenciais*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

\_\_\_\_\_. *Flexibilização organizacional, mito ou realidade?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Tem razão a administração?* Ensaios de teoria organizacional e gestão social. Ijuí: ed. Unijuí, 2002b. (Coleção Administração e Contabilidade Rio Grande).

\_\_\_\_\_. *Gestão social: metodologia e casos*. 4ª.ed.rev. atual. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. *Um espectro ronda o terceiro setor, o espectro do mercado: ensaios de gestão social*. 2ª.ed.rev. Ijuí Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cidadania e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: FGV; Unijuí, 2007.

TENÓRIO, Fernando Guilherme et al. *Elaboração de projetos comunitários: uma abordagem prática*. Rio de Janeiro, Cedac; São Paulo, Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. et al. *Responsabilidade social empresarial: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1994.

THOMPSON, Andrés A. Do compromisso à eficiência? Os caminhos do Terceiro Setor na América Latina. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Editora Paz e Terra, 1997.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br>. Acesso em: 10/03/08

Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br>. Acesso em: 13/03/08

Disponível em: <http://www.comunicacao.pro.br>. Acesso em: 18/04/08

Disponível em: <http://www.brasilpnuma.org.br>. Acesso em: 10/03/08

Disponível em: <http://www.abong.org.br>. Acesso em: 24/05/08

Disponível em: <http://www.balancosocial.org.br>. Acesso em 24/08/07

Disponível em: <http://www.ethos.org.br>. Acesso em 24/08/07

Disponível em: <http://www.panamericana.com>. Acesso em 24/08/08

Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/ipp>. Acesso em 24/08/08

Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br>. Acesso em 12/01/09



# **ANEXO I**

## **PROJETO BASE DA ONG COLCHA DE RETALHOS**

### **O.N.G. COLCHA DE RETALHOS Um Projeto Humanista-Social**

A Organização Não Governamental (O.N.G.) Colcha de Retalhos é uma associação civil, de Direito Privado, sem fins lucrativos, de caráter social e de utilidade pública, voltada essencial e prioritariamente para uma atuação que valorize o Ser Humano e as formas de vida coletiva principalmente a família e as comunidades locais.

Com sua sede localizada na área suburbana da Cidade do Rio de Janeiro, a O.N.G. Colcha de Retalhos insere-se num contexto de elevados níveis de carência econômica e cultural. Tal realidade tem sido a principal justificativa para a referida instituição incentivar e promover ações que efetivamente venham implementar uma dinâmica de elevação nos níveis de qualidade de vida da população da região.

De forma não proposital, o evento que demarca o surgimento da O.N.G. Colcha de Retalhos foi a realização de uma festa em comemoração ao Dia das Crianças em 12 de outubro de 2000.

A festa, idealizada por uma moradora da comunidade - Denise Nunes -, visava promover um ambiente de aproximação com outros moradores, especialmente de interação com as crianças. Tal preocupação originou-se das reclamações da filha desta moradora a respeito da falta de amigos próximos ao local onde residia.

Decidida então a organizar uma festa, no quintal de sua própria casa, Denise vai ao encontro de seus vizinhos manifestando sua idéia e solicitando aos interessados que verificassem formas de arrecadação de contribuições em alimentos e brinquedos para realização da festividade.

Conta a moradora que sua expectativa inicial seria reunir no máximo um dez famílias, mas para sua surpresa foi expressiva tanto participação dos moradores quanto a mobilização na organização e arrecadação das doações para a festa.

A partir desta mobilização que permitiu a concretização da festa das crianças, algumas constatações foram percebidas por Denise Nunes e outros moradores da região.

Constatou-se que a comunidade carecia de formas mais ativas e permanentes de participação social; que o potencial empreendedor de tal população carente e desacreditada que soube se organizar tão eficiente e eficazmente para realização de uma festa, poderia permanecer, crescer e se transferir para outras atividades na vizinhança, como a de buscar melhorias para as suas ruas, para o bairro e para a região em geral.

Assim se resume o contexto que originou a atual instituição inicialmente denominada "*Amigos do Bairro*", composta por moradores voluntários da região, sob a liderança de Denise Nunes e que se imaginava formalizar como uma associação de moradores.

Com o evoluir dos trabalhos, das pretensões almejadas pela instituição, foi-se percebendo que a mesma não se enquadrava exatamente no que comumente tem-se classificado e observado enquanto associação de moradores, mas o que seria então?

Sem uma resposta ainda para esta questão outra modificação foi realizada. De *Amigos do Bairro*, a instituição passou a chamar-se *Colcha de Retalhos*,

A mudança de nome veio a retratar mais um passo rumo a afirmação da identidade do projeto, ou seja, a metáfora de uma colcha de retalhos, construída com pequenos pedaços de pano sem utilidade isoladamente, mas que juntando-

se a outros retalhos pode transformar-se num bonito e grande utensílio, transferir-se às pessoas.

As pessoas seriam então como os retalhos de pano, que unindo-se a outras formariam um grande e expressivo grupo institucional (colcha).

Cabe ressaltar que ao acentuar a importância desta união, do coletivo, não há uma expectativa em sobrepor o institucional ao individual. Pelo contrário um dos referenciais defendidos por seus componentes é o de estabelecer uma relação harmônica entre o individual e o social, entre o singular e o plural, onde todos possam conquistar seus espaços de manifestação e afirmação.

Para complementar a idéia contida na denominação colcha de retalhos as palavras do estudioso L. Konder (p.79-80,1988) se mostram valiosas ao dizer que,

*"(...) já se avançou bastante nas pessoas a consciência de que cada uma delas tem responsabilidades em relação às outras (e à sociedade em geral), porém possuem igualmente responsabilidades em relação a si mesmas.*

*(...) Essa compreensão que os indivíduos estão adquirindo (...) do seu valor intrínseco não enfraquece neles o reconhecimento da necessidade de se associarem, mas cria importantes exigências, novas, quanto ao caráter das associações.*

*(...) há um número crescente de indivíduos com maior riqueza e complexidade interior e esses indivíduos experimentam uma necessidade mais imperiosa de superar seus limites como indivíduos, uma necessidade mais imperiosa de se completarem em alguma forma de existência **comunitária** que os aproxime uns dos outros (sem prejuízo da individualidade deles)."*

Identificada deste modo a nova denominação do grupo e o sentido nela contido, permanecia ainda a questão: que tipo de instituição seria ou melhor se enquadraria a Colcha de Retalhos?

Num dos eventos da instituição, um de seus participantes pinta numa das paredes de sua sede a seguinte abreviação O.N.G. Mas o que seria uma O.N.G.? Grande parte dos participantes sequer ouvira falar nesta denominação.

Partindo-se desta dúvida busca-se o significado da denominação O.N.G., e por conseguinte de outros assuntos correlatos ao que tem-se caracterizado enquanto Terceiro Setor.

Os esclarecimentos advindos das informações sobre Terceiro Setor onde se enquadram "*instituições que visam **ajudar** nas questões sociais*", questões estas até então de responsabilidade exclusiva do Primeiro Setor (governo). Os esclarecimentos sobre organizações não governamentais, fundações, entidades beneficentes, filantropia, fundos comunitários, responsabilidade social foram decisivos para enfim a Colcha de Retalhos se definir institucionalmente.

Servindo-se das explicações de Rubem C. Fernandes e de Menescal, das quais sinteticamente compõe-se uma definição de Organização Não Governamental (ONG),

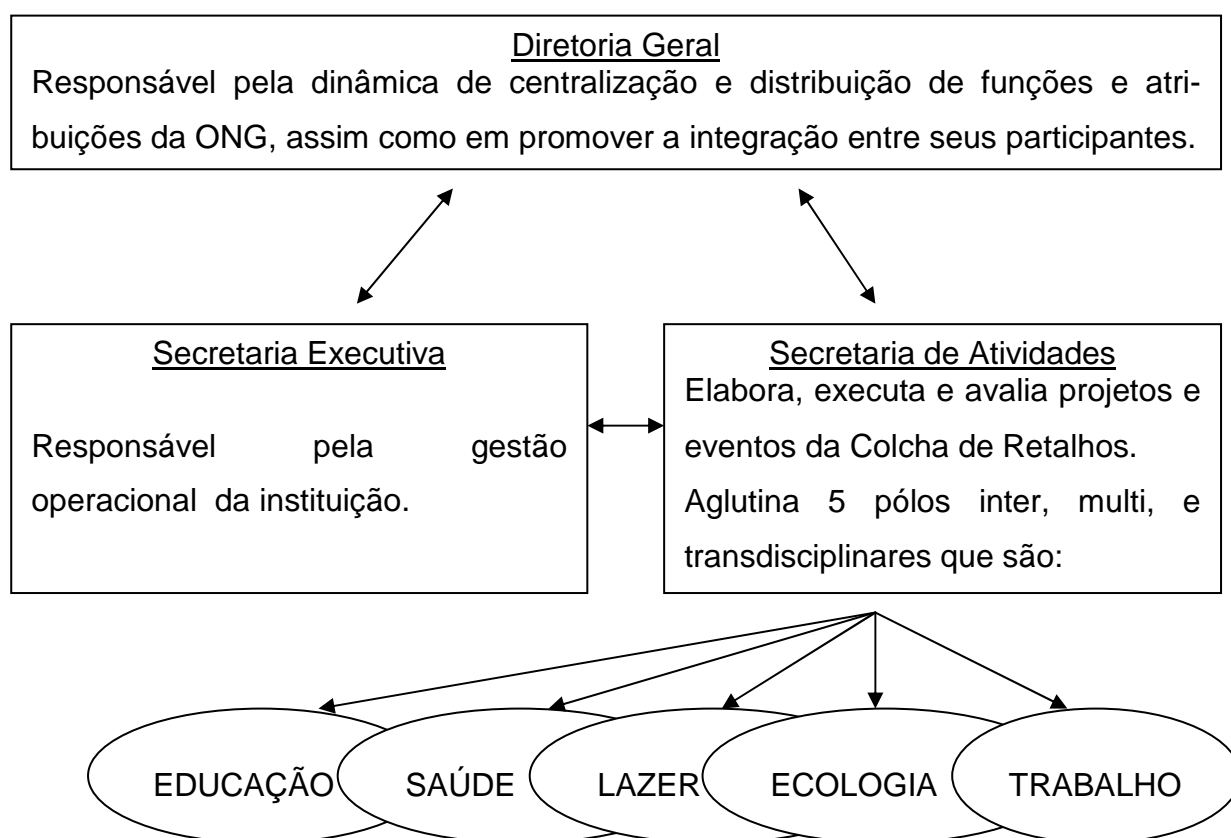
*"ONGs são instituições privadas, com fins públicos." "(...) que buscam por um lado influenciar e democratizar políticas públicas governamentais para que essas supram da maneira mais extensa possível às necessidades da sociedade e de condições de vida iguais e justas no mundo todo e, por outro, movimentar a sociedade em que estão inseridas, utilizando-se de suas relações de solidariedade, na busca dessa democratização e influência política."*

se consolida não só um nome - ONG Colcha de Retalhos -, mas todo um do referencial político-filosófico a servir de norte para as atuações do projeto.

Durante estes três anos de existência vários trabalhos e parcerias já foram desenvolvidos pela instituição, alguns com bastante repercussão na comunidade local e atenção nos meios oficiais. Entre estes trabalhos destacam-se: Projeto Reciclar para Bem Viver, Projeto Área da Mundial, Projeto Desperte Carroceiro, Projeto Parceria, 3º encontro de Meio Ambiente e Outros Assuntos, Macro Operação em Honório Gurgel - Rua Ururá - Fábrica Mundial, Academia Popular, Mutirão Limpeza Fábrica Mundial e Pólo Jovem.

Outro aspecto que tem-se buscado aprimorar na ONG Colcha de Retalhos, para melhor concretização de suas ações e atingimento de seus objetivos, refere-se a sua estrutura administrativa-funcional.

Atualmente, pode-se esquematizar a estrutura administrativa funcional da ONG da seguinte forma:



Para cada um desses pólos apresenta-se uma definição e as linhas de projetos a serem desenvolvidas.

Por EDUCAÇÃO entende-se o **fenômeno humano** onde o indivíduo constrói e reconstrói sua personalidade, virtude, valores, verdades no sentido de **afirmação do Ser**. Pelo pólo educação desenvolve-se a linha de projetos *Costurando as Letras*. Letras aqui adquire um sentido de conhecimento. Os objetivos das atividades realizadas neste pólo estão relacionados à elevação do nível escolar.

Por Saúde entende-se a **resultante vital e dinâmica** estabelecida num processo dialético de interação **do Ser com o ecossistema**, resultante esta que se configura conforme Rezende descreve no "*enfrentamento das adversidades e na resolução de conflitos*". *De Ponto em Ponto para Melhor* é a denominação atribuída a esta linha de projetos.

Lazer é entendido como estado lúdico-criativo que se manifesta o quanto mais o sujeito desenvolva e expresse sua sensibilidade, consciência e cultura. *Retalhos de Arte* constitui a denominação dos projetos deste pólo de atividades da ONG Cocha de Retalhos que visam sobretudo ações que vão ao encontro da promoção, difusão e criação artístico-cultural.

Ecologia define-se como inter-relações de qualquer natureza sucedidas no tempo e espaço que configuram o contexto das condições de existência dos seres vivos e do meio físico. Os projetos da Colcha de Retalhos no pólo ecologia *Alinhavando o Verde* focalizam principalmente ações que incentivem melhorias na infra-estrutura urbana, arquitetônica, paisagística e ambiental da região.

Trabalho é compreendido como ação eminentemente criadora, humana e humanizante. Os objetivos dos projetos do pólo trabalho voltam-se à geração de renda e profissionalização. A esta linha de projetos chamou-se *Tecendo sua Renda*.

# **ANEXO II**



## **PESQUISA COM OS VOLUNTÁRIOS DA ONG COLCHA DE RETALHOS 2008**

Qual o seu nome, idade e escolaridade?

---

O que significa para você ser voluntário na Colcha de Retalhos?

---

---

Quanto tempo você é voluntário na Colcha de Retalhos?

---

Em qual projeto você participa?

---

Quais os benefícios que esta participação trouxe para você?

---

---

Quais os benefícios que você acha que a sua participação trouxe para a ONG?

---

---

Quais os benefícios que você acha que a sua participação trouxe para a comunidade?

---

---

Você se sente motivado a continuar como voluntário? Justifique.

(    ) SIM

(    ) NÃO

---

---

# **ANEXO III**

PESQUISA COM OS VOLUNTÁRIOS DA ONG COLCHA DE RETALHOS 2005

# COLCHA DE RETALHOS

Rua Guaxindiba, 240 fund.- Coelho Neto – Rio de Janeiro – CEP: 21.511-410.

E-mail: [ongcolchaderetalhos@ig.com.br](mailto:ongcolchaderetalhos@ig.com.br)

Tel: 3453-7742

## PESQUISA DE OPINIÃO

1. Qual o seu nome, idade e escolaridade?

---

2. Quanto tempo você participa da Colcha de Retalhos?

---

3. O que você mais gosta e menos gosta na Colcha de Retalhos?

---

4. Se você pudesse mudar alguma coisa na Colcha de Retalhos, o que você mudaria?

---

5. O que você gostaria que tivesse na Colcha de Retalhos?

---

6. Cite uma coisa que você gostou muito de aprender na Colcha de Retalhos?

---

7. Qual o projeto político pedagógico da Colcha de Retalhos?

---

8. Dê uma nota para a coordenadora da Colcha de Retalhos de 0 a 10:

---

# **ANEXO IV**

Modelo de exercícios onde a criança preenche os espaços antes de fazê-los

### Colcha de Retalhos

NOME : \_\_\_\_\_

1- Qual é o meio de transporte que \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e alguns colegas vêm para a Colcha de Retalhos?

- a) aéreo      b) marítimo      c) lunar      d) terrestre

2- O que é, o que é?

É pequeno tem quatro patas, é um roedor. Vive na toca, e faz parte do computador?

- a) rabbit      b) mouse      c) cat      d) coconut

3- \_\_\_\_\_ e todas as crianças quando chegam à Colcha de Retalhos, à tarde, cumprimentam as tias falando:

- a) Good morning      b) Good night      c) Good afternoon      d) Bye-bye

4- \_\_\_\_\_ comprou 5 brigadeiros do Boa Boca, comeu 4. Quantos sobraram?

- a) 9      b) 300      c) 1      d) 5

5- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ conquistaram juntos no jogo "need for speed" dois milhões cem mil e setenta e seis territórios. Marque o numeral que representa esses pontos.

- a- 2.107.060      b- 2.276      c- 2.176      d- 2.100.076

6- Fui à feira com \_\_\_\_\_ e compramos 2kg de \_\_\_\_\_, 300gr de \_\_\_\_\_ e 4Kg de \_\_\_\_\_. Qual o total em gramas de nossas compras na feira?

- a- 630gr      b- 6.300gr      c- 63.000      d- 8Kg

7- Encontre na tabela os nomes destes números ORDINAIS!

2°

5°

6°

30°

200°

1000°

D	U	Z	I	H	L	M	M	N	O	A	S	A
A	I	L	S	U	Q	U	I	N	T	O	E	L
S	Q	U	A	I	F	N	L	A	A	I	S	I
E	D	U	C	E	N	T	E	S	I	M	O	S
G	E	F	G	I	A	N	S	I	O	L	A	H
U	T	R	I	G	E	S	I	M	O	F	B	X
N	I	A	S	E	G	I	M	I	N	Z	C	B
D	O	S	A	U	N	D	O	S	E	X	T	O
O	T	R	I	G	Z	M	I	O	S	E	X	T